

**O CORPO EM SITUAÇÃO DE CRISE:
imagens da subjetividade**

VÂNIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA TATAGIBA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE FLUMINENSE – UENF
Campos dos Goytacazes – RJ
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**O CORPO EM SITUAÇÃO DE CRISE:
imagens da subjetividade**

VÂNIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA TATAGIBA

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências do Homem, da Universidade Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do grau de mestre em Cognição em Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ana Lucia Cavani Jorge

**UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE FLUMINENSE – UENF
Campos dos Goytacazes – RJ
2006**

**O CORPO EM SITUAÇÃO DE CRISE:
imagens da subjetividade**

VÂNIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA TATAGIBA

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do grau de mestre em Cognição em Linguagem.

Aprovada em de de 2006.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr.^a Ana Lucia Cavani Jorge (Doutora em Ciências/Psicologia. Psicanálise)
UENF
Orientador

Prof^a. Dr^a. Caterina Koltai (Doutora em Psicologia Clínica) - PUCSP

Prof^a. Dr^a. Helena Cosma Veloso (Doutora em Teoria Psicanalítica) - UNESA

Prof. Dr. Sérgio Arruda de Moura (Doutor em Ciência da Literatura) - UENF

AGRADECIMENTOS

A Luiz e Laís pelo apoio nascido da proximidade e do bem-querer.

A professora Ana Lucia Cavani Jorge pelas contribuições à elaboração deste estudo, pelo caminhar juntas por trilhas comuns.

A Valesca Campista pelo ouvir atento sem reservas.

Aos professores Sérgio Arruda e Marcelo Gantos, por partilharem desta trajetória.

Aos professores Oscar Cesarotto e Helena Veloso pela disponibilidade de se fazerem presentes neste instante fundamental.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1 - Um método para abordar o eu-corpo: considerações metodológicas.....	05
Capítulo 2 - Corpo e subjetivação: da unidade à fragmentação.....	19
Capítulo 3 - Da necessidade ao desejo; do instinto à pulsão.....	28
Capítulo 4 - O corpo na relação original.....	37
4.1 O olhar em-(n)-cena: imaginário-espéculo.....	42
Capítulo 5 - O prazer que angustia.....	60
5.1 Subjetividade possível.....	68
Capítulo 6 - Quando o outro me surpreende.....	73
6.1 O corpo codificado.....	87
Capítulo 7 - Contemporaneidade/pós-modernidade: do lugar em que se fala.....	95
7.1 Imagem – simulacro.....	108
Capítulo 8 - Situação de crise: contingência do humano.....	113
8.1 Crise: encruzilhada da subjetividade.....	119
Considerações finais.....	121
Referências bibliográficas.....	126

RESUMO

Este estudo analisa o processo de subjetivação que se dá na relação com o outro, no encontro do corpo com a imagem, a linguagem, o afeto, o desejo, emergências do sujeito. No impacto da experiência subjetiva constitutiva do sujeito destaca-se a representação do corpo. As articulações teóricas são contextualizadas pelo contemporâneo-pós-moderno, cenário que aponta a crise dos referenciais simbólicos do sujeito na sua imediatidade. O corpo é abordado como representação, atualizada pelo conceito de pulsão e os demais da dinâmica freudiana, traduzidos como linguagem a ser decifrada por meio das semióticas, criada por Freud com as novas contribuições à Psicanálise. O corpo em crise aparece metaforicamente nos processos de construção / desconstrução aqui exemplificados como imagens da subjetivação. As representações da subjetividade e os processos cognitivos são aqui apresentados como conteúdos psíquicos do eu-corpo que emergem como linguagem enquanto representação inconsciente mediada no discurso. As relações existentes entre os processos cognitivos, linguagem, psicanálise e cultura adquirem novos sentidos a partir dos estudos da semiótica psicanalítica, permitindo como ferramenta a leitura dos índices comunicacionais em que o ser falante se encontra implicado.

Palavras-chave: Imagem; Representações do corpo; Subjetividade; Psicanálise; Linguagem; Contemporaneidade;

ABSTRACT

This project analyzes the subjectivity process within human relationship, in the fronting of the body and its image, the language, the affection, the desire, and the emergencies of the subject. The representation of the body emerges at the moment of the impressive subjective elementary experience of the subject. The background which guides the theoretical articulation is the contemporary postmodernism, the setting which points to the crisis of symbolic references of the subject in his/her immediacy. The body is thought as a representation, having as a support the conception of drive and others Freudian concepts which can be translated as a language to be deciphered by different semiotics. The body in crisis appears metaphorically in construction/deconstruction process that is named as images of the subjectivity. The representations of the subjectivity and the cognitive process are presented here like psychological contents of the bodyself that emerges as unconscious representation as well as language mediated in the discourse. The existing relations between the cognitive process, language, Psychoanalysis and culture acquire new senses from the studies of the psychoanalytical semiotics, conveying, instruments, the reading of the communication indices in which the talkative subject is implied.

Key words: Image, bodys representation, subjectivity, Psychoanalysis, language, contemporaneousness

Introdução

*“Sou todo corpo e nada fora dele”
(Nietzsche)*

O corpo como lugar codificado abriga a subjetividade em toda sua complexidade. É o foco do presente estudo que, sobretudo, visa discutir o corpo em situação de crise. Os processos cognitivos estarão implicados enquanto modo como o psiquismo constitui-se pela linguagem, a partir da Psicanálise.

A condição de que o homem seja um corpo já contém mistérios suficientes, visto que o corpo é o sujeito, e não *do* sujeito. A particularidade do engodo comum a separar eu de corpo é que ele remeteria à superfície, idéia esta que abrange a dicotomia corpo e mente a superar neste estudo.

Partindo da premissa de que o processo de subjetivação humana se inaugura com a dimensão imaginária, a proposta é analisar como a representação psíquica (hoje dita *significante* ou *signo*) da imagem provoca mudanças significativas para o sujeito. A dimensão imaginária do corpo começa a se organizar desde as experiências primeiras que se dão na unidade inicial mãe-filho e como a linguagem organizará tal subjetividade nascente. Esta será a discussão metodológica e dos fundamentos.

Nosso percurso em seguida procurará mostrar como a subjetivação passa da fruição narcísica à castração e simbolização e ao retorno do recalado.

O *estádio do espelho* (Lacan 1949) é um conceito relativo ao momento em que se organiza tal imagem do corpo, revelando o lugar do especular na estruturação humana, em que o primeiro eu se define por uma identificação com a imagem visual de outrem. É também um momento lógico da estruturação do

sujeito a partir do outro, isto é, a criança faz a conquista da imagem de seu corpo próprio pela imagem refletida no espelho ou no olhar materno. Tal ponto de vista de Lacan especifica o primeiro momento do Édipo freudiano.

Tenha-se sempre em conta que a obra de Freud, e não a de Lacan, é nosso principal fundamento conceitual, apoiado nas contribuições de fontes importantes e seus comentadores da Psicanálise contemporânea, além de Lacan: Winnicott, Leclaire, Birman, Herrmann, Cesarotto, Nasio, Cavani Jorge, Coutinho Jorge, Vallejo entre outros.

A subjetividade é vista desde as primeiras vivências edípicas de que o *espelho* é o primeiro momento edípico, até o instante crucial da castração e sua simbolização pela *Lei de Interdição*, como saída para a autonomia do sujeito enquanto ser de linguagem inserido na cultura. O processo de subjetivação inclui a castração simbólica e elaboração do Édipo; Freud tratando do tema desde 1924 já observa que a identificação narcísica tem como trajetória a busca de subjetivação.

No artigo *O Estranho*, Freud (1919) aponta a relação entre castração, recalco e seu retorno, experimentado com inquietante e íntima estranheza.

É na divisão marcada pelo consciente e inconsciente que a ambivalência da união impossível do sujeito com o ideal se introduz no discurso da cultura. Ao mesmo tempo reproduz o discurso paterno, ou seja, a interdição. Portanto, o sujeito reprimido pela cultura se percebe como indefinição.

Este contexto envolve a cultura contemporânea/pós-moderna e reflete-se na subjetivação do sujeito, confrontado com o mal-estar da civilização. A cultura trata hoje o corpo como superfície, imagem da valorização do que é visto como estereótipo social, e pode-se interrogar que lugar é este onde se situa o corpo na contemporaneidade, bem como os saberes que atravessam este sujeito no social.

A contemporaneidade discutida no curso desta dissertação caracteriza o sujeito pela descontinuidade, fragmentação, descentramento e revela uma crise de valores e paradigmas, desarticulando identidades estáveis do passado e fazendo surgir novas subjetividades.

O corpo é aqui entendido como uma vivência humana; um estado que se percebe ou discrimina a partir de determinantes históricos e sociais, uma linguagem pela qual se estrutura a subjetividade, em busca de significação

pessoal. Quando se descreve o sujeito, o corpo é mercadoria, coisa, estereotípi. Problemas contemporâneos? Fonte constante de mal-estar, desde quando?

Para tratar o tema proposto, dividiu-se o assunto em capítulos. O primeiro refere-se ao método usado para abordar o eu-corpo codificado como linguagem em pesquisa bibliográfica e exploratória.

No capítulo 2, diferenciam-se duas concepções: a primeira, o eu concebido como identidade, predominantemente racional, composto de partes: corpo, razão, e emoção; a segunda concepção, a de eu-corpo, noção que supera a antiga ordem coerente e unificada do indivíduo, promovendo radical ruptura com o pensamento filosófico e cultural do século XIX ao Freud descobrir a constituição subjetiva das relações simbólicas que estruturam o sujeito, pelas leis do inconsciente manifestas como linguagem, sujeito cuja ordenação se dá não pela racionalidade mas pela lógica do desejo.

Diferenciar na dinâmica psicanalítica instinto de pulsão, necessidade de desejo, é o tema do capítulo 3.

Já no capítulo 4 discute-se o corpo na relação original. Trata-se da forma como o imaginário se estrutura no sujeito a partir do narcisismo fruído na relação complementar, dual e imaginária mãe-filho, noção introduzida por Freud e retomada por Lacan. Nesta perspectiva, a identificação com a imagem de outrem tem no olhar a mediação que precede o espelho (Lacan). A identificação inicial característica da relação dual promove a estrutura narcísica, primeira unificação imaginária do esquema corporal, ou imagem visual de si.

O capítulo 5 trata do prazer que angustia e de sua antítese, o prazer regrado. Reporta para a subjetividade possível dada a intervenção simbolizante do *Nome do Pai*, noção articulada à *Lei de Interdição do Incesto* (Freud de *Totem e Tabu*, e Lévi-Strauss) quando da impossibilidade dada pelo social de a criança se manter no lugar do falo (castração). Procura-se demonstrar como o falo enquanto significante marca a forma de organização estrutural do sujeito pela qual ocorrerão as trocas eu-outro, com a linguagem como código. Aqui a noção de *Outro* é considerada como ordenamento simbólico, ou seja, estrutura constituinte, lugar do significante que caracteriza e estrutura o inconsciente.

No capítulo 6, aborda-se a natureza e as leis do recalado, mantido inconsciente pelo mecanismo do recalque, cujo retorno resulta como estranheza ao próprio sujeito: o que seria o mais conhecido, íntimo e familiar - a própria

imagem - transforma-se em estranho no que se refere à dimensão narcísica. *Quando o outro surpreende* dirá dos modos de se lidar com o retorno do recaiado, expressos seja pela via da linguagem seja pelas praxias, que podem ou não ser projetadas no social. Lá o corpo ganha visibilidade – sempre imaginária - adquirindo vários significados: o corpo é marcado, estigmatizado, codificado e disciplinado.

A contemporaneidade/pós-modernidade é estudada no capítulo 7, pelas características da imagem e do corpo como simulacros no espaço-tempo atual. Ao priorizar aspectos sociais em que o sujeito se encontra envolvido, não é dele retirada sua responsabilidade e ação singulares sobre o mundo, ao contrário o desaliena. A maioria dos autores encontrados não é especialista em Psicanálise, portanto perde-se algo da precisão e rigor conceituais buscados nesta dissertação. Aqui recorreremos à Teoria Crítica, da Escola de Frankfurt, que operou uma síntese entre Marx e Freud.

No oitavo e último capítulo, a análise se volta para o corpo em situação de crise como contingência do humano, configurada como instantes de encruzilhada da subjetividade; quando diante dos problemas que atingem o corpo, o ser humano sucumbe à crise.

Na Conclusão apontamos os limites deste estudo.

1 Um método para abordar o eu-corpo: considerações metodológicas

A fala tanto oral como escrita é fenômeno discursivo, dada pela função lingüística como expressão social apropriada pelo sujeito, expressão de seu próprio desejo inconsciente. Seguindo esta linha, o presente estudo buscou no método semiótico psicanalítico a diretriz para tratar do tema proposto.

Em crítica à conceitualização formalista estéril, o clínico e teórico da Psicanálise, Fábio Herrmann descreve o método psicanalítico de pesquisa como um método interpretativo *em ação*:

Os conceitos psicanalíticos, os de Freud, assim como os de todos os demais autores, só adquirem pleno sentido quando em movimento [...]. Fazem sentido no curso de uma psicanálise, seja esta clínica, padrão ou extensa, literária, cultural, etc. [...]. Só em movimento, como *interpretantes* de uma psicanálise, mesmo que de uma psicanálise ficcional, hipotética ou quase conjectural, entram de fato em relação as diversas redes conceituais da psicanálise. (Herrmann, 2004: 48)¹

Criam-se sentidos que atravessam as interpretações, conferindo às elucidações psicanalíticas uma ética e uma estética que lhe são próprias. No estudo ao qual nos propomos, eleva-se o corpo à categoria do eu-corpo analisado a partir do conjunto de textos e produções da Psicanálise freudiana.

Método é visto como caminho a ser percorrido durante a pesquisa e “[...] serve de guia para o estudo, compreensão e busca de solução para o tema proposto.” (Eco, 1991: 5)²

A montagem do trabalho já diz do método e de seu desenvolvimento: trata-se de pesquisa bibliográfica. Buscou-se o entrecruzamento do saber da

¹ HERRMANN, Fábio (2004). Pesquisando com o método psicanalítico, p. 43-83 em HERRMANN, Fábio e Lowenkron, Theodor (2004) *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

² ECO, Umberto (1991) *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 171p.

Psicanálise com os outros discursos – da Sociologia, da História, da Lingüística, da Semiologia - como suporte à contextualização do espaço / tempo onde os olhares sobre o corpo transitam. A bibliografia consultada é nosso material, e nossas articulações constituem esta dissertação.

O objetivo é definir a relação corpo-imagem-subjetividade sob a ótica pós-moderna, uma vez que este momento sugere a promessa de felicidade aliada ao culto ao corpo em moldes ditos “perfeitos”, alienados, o que pode levar o sujeito a vivenciar sua diferença e com esta instalar-se em crise. Implica também referenciar esse corpo num contexto social, perpassado pela cultura com seus valores, significações e estigmatizado nas suas possibilidades simbólicas.

Pretende-se identificar o corpo como lugar de construção / desconstrução da subjetividade, analisando a constituição subjetiva no que se refere à dimensão imaginária do corpo e, por fim, pesquisar o discurso pós-moderno e os determinantes que levam à crise.

A hipótese constitui-se de que a subjetividade nesses tempos contemporâneos prende-se ao corpo como imagem alienada, precipitando crises, enquanto a própria constituição da subjetividade envolve, num primeiro momento, a identificação imaginária mais que tudo (nesta dissertação) pelo olhar.

O estudo teórico buscou na Psicanálise seus fundamentos conceituais. Assim, as contribuições das teorias da linguagem, do estruturalismo, da semiótica psicanalítica e as análises de seus autores, fazem parte do arcabouço teórico.

A estreita relação entre a linguagem e a psicanálise é ilustrada pela definição da semióloga e psicanalista Julia Kristeva (1996) quanto ao discurso, em oposição à simples enunciação considerada imotivada:

O termo discurso, pelo contrário, designa qualquer enunciação que integre nas suas estruturas o locutor e o auditor, com o desejo do primeiro de influenciar o segundo. Por isso o discurso transforma-se no campo privilegiado da psicanálise. (Kristeva 1996: 23)³

As relações entre estes campos vão além, pois o psicanalista lança mão da linguagem não só para conceber a subjetividade como tecnicamente, para explorar o funcionamento do inconsciente via associações livres. Ao considerar o sintoma como linguagem, a Psicanálise utiliza um sistema significante de análise

³ KRISTEVA, Julia (1996) *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70. Coleção Signos. Tradução de Maria Margarida Barahona. Original de 1969, Paris. 377pp

semelhante à estrutura lingüística no uso de suas leis. O sonho é um exemplo dessa leitura que para Freud se assemelha a um sistema lingüístico a decifrar, pois se apresenta como uma espécie de “escrita”, como o demonstrou quanto à elaboração onírica. Até então, acreditava-se os sonhos não possuírem um sentido para a dinâmica do próprio sujeito, não passavam de presságios, intromissão de forças ocultas, divinas etc.

Freud descobre muito cedo na clínica o caminho que melhor traduz as formações do inconsciente: é o sonho, como trilha que aponta para possíveis leituras dos recalques e de aspectos latentes do sujeito, revelando o processo de construção do psiquismo. Sobre a técnica clínica, o autor vale-se do princípio de conexão como ponto de partida para a associação livre:

[...] surgiu a técnica de ensinar o paciente a abandonar toda a sua atitude crítica e fazer uso do material que era então trazido à luz para o fim de revelar as conexões que estavam sendo buscadas. Uma forte crença na determinação escrita [*sic*]⁴ dos fatos psíquicos certamente desempenhou um papel na escolha dessa técnica. (Freud, 1923 [1922]: 256)⁵

Freud (1916[1915-16])⁶ aponta como objeto de deciframento o sonho manifesto. Trata-se do sonho lembrado e relatado, que é quem sofre deformação ou elaboração onírica. Estes sonhos manifestos são os sintomas/efeitos de uma distorção provocada pela censura. Ao decodificar o desejo pelo conteúdo manifesto dos sonhos, objetivou alcançar o sentido inconsciente das *idéias latentes*, campo dos traços recalcados, oriundos das primeiras *vivências de satisfação* - conceito que definiremos a partir do capítulo 2.

As partes omitidas do sonho ou aquelas confusas e estranhas, são indícios da ação da censura sobre eles, aqui atuantes como em vigília:

É plausível supor que a censura onírica, que encaramos como responsável, em primeira instância pela deformação dos pensamentos oníricos no sonho manifesto, seja expressão das mesmas forças mentais que, durante o dia, retiveram ou recalcam o desejo inconsciente pleno de desejo. (Freud, *op cit* 1923[1923]: 259)

⁴ Possível erro de tradução. Tratar-se-ia de *estrिता*, e não de *escrita*. Ver Nota 29 e trecho correspondente deste.

⁵ FREUD, Sigmund (1923 [1922]) Dois verbetes de enciclopédia. Em: FREUD, Sigmund (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 24 vols. Em vol XVIII, pp 249-274.

⁶ FREUD, Sigmund (1916[1915-16]). Conferências introdutórias sobre Psicanálise, parte II - Sonhos. Conferência XI: A elaboração onírica. Em: *op cit* 1996, vol XVI pp 171-184.

Interrogando-se como ocorre este método de ciframento/deciframento onírico, Freud percebera desde *A interpretação dos sonhos* (1900)⁷ que esta operação ocorre a partir de mecanismos específicos de deformação, que em número de quatro, vão desvelando os processos inconscientes manifestos: condensação, deslocamento, o recurso à figurabilidade e o recurso à inteligibilidade, este último uma forma de elaboração secundária. Um resumo das pesquisas freudianas desde tema encontra-se em *Lições introdutórias à Psicanálise*. (*op cit* 1916[1915-16])

A *condensação*, o primeiro dos mecanismos da elaboração onírica, consiste em afastar alguns elementos, condensando-os em uma representação ou idéia que seja a síntese do conteúdo latente. Foi considerado por Freud como um recurso decodificador no processo de elucidação dos sonhos, pois envolve retomar do sonho manifesto aquilo que realmente interessa o que significa encontrar aqueles elementos que foram condensados.

O segundo mecanismo da elaboração onírica é o *deslocamento*, processo impulsionado pela censura dos sonhos e que se manifesta pela *alusão*, isto é, o movimento, desvia o foco de um elemento a outro, de forma que o sonho manifesto apresenta-se por elementos que se deslocaram ou por elementos mais antigos. Também acontece quando ocorre mudança nos focos do sonho e este parece sem nexo.

Em relação ao terceiro mecanismo, *recurso a figurabilidade*, a abordagem refere-se à transformação do pensamento onírico em recursos visuais na forma de simbolização, que, contudo não exclui os elementos do pensamento e dos conhecimentos. Exemplificam-no as *charges* que se valem do mesmo mecanismo.

O último dos mecanismos da elaboração onírica, denominado *elaboração secundária* ou *recurso à inteligibilidade*, sinaliza uma compreensão articuladora dos sinais e dos índices que levam a uma unidade dos elementos latentes pela síntese própria as línguas, de forma que já se possa ter uma visão mesmo deformada do sentido do sonho e, com isto ele apareça de forma mais coerente.

Os sonhos foram desde o início considerados por Freud (*op cit* 1900[1901]: 580) como realização de desejos. São realizações de desejos que se exprimem

⁷ FREUD, Sigmund (1900[1901]) Cap. VII - A psicologia dos processos oníricos: (C) Realização de desejos, em *A interpretação dos Sonhos* (segunda parte). Em: *op cit* 1996, vol V pp 580-601.

de uma forma mais ou menos disfarçada: “Porque o guarda colocado entre o inconsciente e o pré-consciente não é senão a censura; a esta subordina-se a forma que assume o sonho manifesto.” (Freud, 1917: 303)⁸

O sonho constrói-se a partir do material de acontecimentos diurnos que agora, sem a vigilância da censura, o desejo busca então realizar.

Os resíduos diurnos, que sabemos serem os elementos deflagradores do sonho, foram material pré-consciente que, tanto no período noturno como no estado de sono, tinha estado sob a influência de impulsos plenos de desejo; [...] tais resíduos diurnos, combinando-se com estes impulsos e graças à energia destes, foram capazes de construir o sono latente. (*op cit* 1917: 303)

Pode também ser um desejo proveniente do inconsciente, mantido ali pelo recalçamento, pois o sonho só torna possível fazer existir como imagem o desejo pré-consciente que tiver êxito em encontrar reforço num desejo inconsciente de mesmo teor. É uma dinâmica harmoniosa entre o pré-consciente e o inconsciente, um dependendo do outro para realizar seus objetivos.

Lacan, partindo do que fora elucidado por Freud sobre elaboração onírica, amplia o conceito e traz a referência do deslocamento como metonímia e condensação como metáfora.

Ao designar o lugar ocupado pelo significante na linguagem – significante que traduz o uso antigo do termo representação a que até Freud teve de recorrer - Lacan especifica tal lugar pelo termo metonímia: a significação desloca-se de palavra em palavra (denominadas significantes), associadas por metonímia. Isto se traduz no deslizamento como movimento ininterrupto que vai de um significante a outro, em cadeia associativa. Este deslizamento significante – de palavra para palavra – qualifica-se como doador de sentido pela metáfora, ou seja, no momento em que “a metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-senso” (Lacan 1957/1998: 512)⁹. Na cadeia significante, a palavra se liberta do fluxo metonímico repetitivo, e se renova como possibilidade de sentido.

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro,

⁸ FREUD, Sigmund (1917[1916-17]). Conferências introdutórias sobre Psicanálise, Parte III - Teoria Geral das Neuroses. Conferência XIX: Resistência e repressão. Em: *op cit* 1996, vol XVI pp 293-308.

⁹ LACAN, Jacques (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, pp 496-533. Em idem (1998) *Escritos*. Rio Janeiro: Jorge Zahar. Tradução de Vera Ribeiro. Original de 1966, Paris: Seuil. 937 pp.

assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. (*op cit.* 510)

Por significante entende-se a representação expressa nas linguagens articuladas ao signo lingüístico que une não uma palavra a um significado, mas um conceito a uma imagem acústica no caso da linguagem verbal. Há de se levar em conta que o significado (de um significante) não é dado de antemão, mas só a partir do momento em que se opõe a um conjunto de significantes. Freud demonstrou em *A significação antitética das palavras primitivas* que isto ocorre tanto na linguagem de vigília como nos sonhos:

[...] a categoria de contrários e contradições é bastante singular. Os sonhos mostram uma preferência particular para combinar os contrários numa unidade ou para representá-los como uma e mesma coisa. (Freud 1910: 161)¹⁰

Nesse caso pode-se pensar que o simbolismo humano é versátil por sua ambigüidade ou sentido incompleto.

Estudando a posição de linguagem e mito na cultura humana, Cassirer (1992)¹¹, constata que a função simbólica é mediadora pela qual o sensível se investe de um sentido. O autor amplia esta idéia: a identidade essencial entre a palavra e o que ela designa pode tornar-se ainda mais evidente se, em lugar de considerar tal conexão do ponto de vista objetivo, a tomarmos de um ângulo subjetivo (e subjetivante). Entre homem e mundo se impõe, pelo poder da metáfora, o universo simbólico: “o que acontece não é apenas uma transposição para outra classe já existente, mas a própria criação da classe em que ocorre a passagem”. (*op cit.* 106)¹²

Algo que já não se faz presença é, portanto, representado com a palavra e pela palavra, liberdade possível definida pelo poder da metáfora. Esta liberdade se faz não

porque a mente abandona a casca sensorial da palavra e da imagem, mas porque as utiliza como órgãos e, com isto, aprende a entendê-las como elas são em seu fundamento mais íntimo, como formas de sua própria auto-revelação. (*op cit.* 116)

¹⁰ FREUD, Sigmund (1910) *A significação antitética das palavras primitivas*. Em: *op cit* 1996, vol XI pp 157-166.

¹¹ CASSIRER, Ernest. (1972) *A linguagem e mito: sua posição na cultura humana*. Em: *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, p. 14-31.

¹² CASSIRER, Ernest. (1972). *O poder da metáfora*. Em *op cit.* São Paulo: Perspectiva, p. 101-117.

Todos os signos têm uma inscrição e representam a coisa ausente, remetendo a algo fora deles. Esta definição de signo segundo Machado (1964)¹³ é a clássica. Analisando signo e ideologia, este especialista em semióticas defende a aceção de Volochinov: “a representação das coisas se dá de forma dupla e contraditória: os signos ao mesmo tempo refletem e refratam a realidade visada pela representação” (*op cit.* 20). Isto significa que o signo é transfigurado, não por ser autônomo e sim por ser marcado “pela classe do grupo que o produz: numa organização hierarquizada e conflitante, a produção social de signos condensa necessidades, interesses e estratégias de intervenção de cada estrato social.” (*op cit.* 22)

Compreende-se assim, que um símbolo não possua um sentido único, pode mesmo conferir sentido ao mundo. Ao abordar a estrutura simbólica como condição do sujeito falante, Lacan (1964/1993:197)¹⁴ aponta neste processo a substituição significativa que aí se opera: “Toda a ambigüidade do signo se prende ao fato de ele representar algo para alguém [...]. O que é preciso acentuar, em contrário disto, é que um significante é o que representa um sujeito para um outro significante”. É como se pudesse dizer que se empresta alguma linguagem ao mundo, para que ele nos diga alguma coisa.

A dinâmica dada ao fenômeno dos conteúdos inconscientes - que mesmo sob forte defesa são capazes de penetrar na consciência - é explicada a partir de tais investigações, que também revelam que o conteúdo mantido no inconsciente irá retornar na linguagem. Contudo a linguagem em si mesma não diz de sua intenção, por ser em si mesma ambígua e contraditória:

[...] ela se exprime, mas sem ser compreendida pelo sujeito, naquilo que o discurso relata do vivido, na medida em que o sujeito assume o anonimato moral da expressão: é a forma do simbolismo; ela é concebida, mas negada pelo sujeito, no que o discurso afirma do vivido, na medida em que o sujeito sistematiza sua concepção: é a forma da negação. Assim, a intenção revela-se, na experiência, inconsciente enquanto expressa, consciente enquanto reprimida. (Lacan, 1936/1998: 86)¹⁵

É necessário um interlocutor, alguém que ouça:

¹³ MACHADO, Arlindo (1984) Recolocações (A guisa de introdução), p. 09-29 em: *A ilusão especular: Introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense.

¹⁴ LACAN, Jacques. (1964) O sujeito e o outro: a alienação, pp 193-204. LACAN, Jacques (1993) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M.D.Magno. 2ª ed., 3ª reimpressão. Original de 1964, primeira publicação 1973, Paris: Seuil. 271 pp.

¹⁵ LACAN, Jacques (1936) Para-além do “Princípio da realidade”. Em *op cit* 1998 pp 77-95.

[...] pelo simples fato de estar presente e escutar, esse homem que fala dirige-se a ele [...]. O que ele diz, com efeito, pode não ter nenhum sentido, mas o que ele lhe diz contém um sentido. (*idem ibidem*)

Tal sentido, a Psicanálise aponta pelo método da associação livre, técnica que vincula experiência à linguagem, o sujeito à situação,

procedimento que permite avançar das associações até o recalcado, das distorções até o distorcido, pode também tornar acessível à consciência o que era antes inconsciente. (Freud 1904[1903]: 238)¹⁶

As investigações psicanalíticas mostram que as idéias latentes se atualizam na consciência, não sem antes passarem pelo mecanismo da deformação, sendo apresentadas como se fossem uma espécie de deficiência das funções defensivas. O objeto do trabalho interpretativo consiste nas leituras destes conteúdos

que abrem à via de acesso mais direta para o conhecimento do inconsciente, suas ações inintencionais e desprovidas de planos (atos sintomáticos), e os erros que ele comete na vida cotidiana (lapsos da fala, equívocos na ação etc.). (*idem ibidem*)

Freud enfatiza em suas conferências e ensaios seguir um método, metodologia esta presente não somente em seus escritos, como também em sua clínica fundada na escuta e intervenções junto ao analisado, particularmente quanto à interpretação:

Constituiu um triunfo para a arte interpretativa da psicanálise, conseguir demonstrar que certos atos psíquicos comuns de pessoas normais, para os quais ninguém havia até então buscado apresentar explicação psicológica, deveriam ser considerados sob o mesmo ângulo que os sintomas dos neuróticos, isto é, que tinham um significado, desconhecido do sujeito, mas capaz de ser facilmente descoberto pelos meios analíticos. (Freud, 1923[1922]: 257)¹⁷

Assim o papel do analista é de fundamental importância como rastreador e decodificador desses sinais, fragmentos que surgem no fluxo do discurso como repetições, metonímias, metáforas, reticências, pontuações, pausas, e outros que são o material disponível à semiótica psicanalítica.

¹⁶ FREUD, Sigmund (1904[1903]) O método psicanalítico de Freud. Em: *op cit* 1996, vol VII pp 235-240.

¹⁷ FREUD, Sigmund (1923 [1922]) Dois verbetes de enciclopédia. Em: *op cit* 1996, vol XVIII, pp 249-274.

A interferência do psicanalista não consiste em articular elementos soltos, a interpretação é que provoca tal articulação. A intervenção do analista

opera em dois registros, o da elucidação intelectual, pela interpretação, e o da manobra afetiva, pela transferência; mas, fixar os tempos delas é uma questão de técnica, que as define em função das reações do sujeito. (Lacan *op cit* 1936/1998: 88)

Assim Lacan opera a descrição fenomenológica da experiência psicanalítica.

Tratando-se a *associação livre* de técnica que se funda no discurso do sujeito em análise, Freud demonstra o papel da linguagem livre, da burla ao controle do consciente, e revela que “a psicanálise é a arte da interpretação” (*op cit* 1923[1922]: 256), à medida em que ao interpretar o psicanalista re-significa o que o sujeito verbaliza, repete, silencia, indica por desconhecer por intermédio de suas associações.

Ainda sobre a importância da linguagem para a Psicanálise, a já citada Kristeva nota que o “[...] sistema significante do inconsciente torna-se acessível no sistema significante da língua através do discurso do sujeito” (Kristeva *op cit*: 309)¹⁸ e conseqüentemente dos sentidos que serão atribuídos.

Uma fonte teórica comum liga os estudos sobre a Linguagem à revisão da literatura sobre a Psicanálise. Trata-se do estruturalismo, presente nos estudos de Lacan e nas leituras que ele realiza dos conceitos freudianos.

A importância do estruturalismo no ensino de Lacan é inegável embora não se possa considerá-lo estruturalista. O ensino do fundador da ciência da lingüística, o suíço Ferdinand de Saussure, e os estudos do antropólogo Claude Lévi-Strauss tiveram importância capital para a sua leitura dos textos freudianos. (Coutinho Jorge, 2005: 45)¹⁹

Embora quase ao mesmo tempo em que a Psicanálise era descoberta por Freud a Lingüística fosse fundada por Saussure, só mais tarde houve uma aproximação entre ambas favorecida pelos estudos de Lacan, que abaixo relaciona a obra freudiana ao estruturalismo em Lingüística:

O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que [...] se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe

¹⁸ KRISTEVA, Julia (1996) *História da Linguagem*. Edições 70. Lisboa / Portugal.

¹⁹ COUTINHO JORGE, Marco Antonio (2000) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 192 pp.

oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma. Nessa fórmula, que só é nossa por ser conforme tanto ao texto freudiano quanto à experiência que ele inaugurou, o termo crucial é o significante, ressuscitado da retórica antiga pela lingüística moderna, [...] das quais os nomes de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson indicarão a aurora e a culminância atual, lembrando que a ciência-piloto do estruturalismo no Ocidente tem suas raízes na Rússia em que floresceu o formalismo. [...] Os mecanismos descritos por Freud como sendo os do processo primário, onde o inconsciente encontra seu regime, abrangem exatamente as funções que essa escola toma por determinantes das vertentes mais radicais dos efeitos da linguagem, quais seja, a metáfora e a metonímia, ou, dito de outra maneira, os efeitos de substituição e combinação do significante nas dimensões respectivamente sincrônica e diacrônica em que eles aparecem no discurso. (Lacan, 1960/1998: 813-814) ²⁰

Lacan sistematiza a hipótese freudiana de o inconsciente estruturar-se como uma linguagem, ou seja, organiza-se a partir das representações (significantes) ordenadas como efeito do discurso, que dividirá e assim fundará o sujeito:

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta. (Lacan, 1960-1964/1998: 849) ²¹

Lacan refere-se à divisão do sujeito que Freud descobriu, e que Foucault desenvolveu opondo-se à noção de indivíduo e relevando o lugar conceitual para a noção de sujeito, como veremos no capítulo 2.

Quanto à *semiótica psicanalítica* como método, o objeto em Psicanálise é o inconsciente em seus elementos: conteúdo recalcado na elaboração do Édipo, que ao retornar de forma distorcida pela censura, mostra-se como índices organizados em código a decifrar. A *semiótica psicanalítica* possibilita a análise dos signos, ícones, índices que se organizam em cadeias de significação.

Quando abordam a questão do método, Laplanche e Pontalis afirmam ser a Psicanálise

²⁰ LACAN, Jacques (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. Em *op cit* 1998 pp 807-842.

²¹ LACAN, Jacques (1960-1964) Posição do inconsciente (Congresso de Bonneval). Em *op cit* 1998 pp 843-864.

Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias de um sujeito [...] especificada pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo [...] um conjunto de teorias em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e tratamento. (Laplanche e Pontalis, 1998: 384, 385)²²

Compreende-se a Psicanálise como método de análise e interpretação que favorece a compreensão das relações humanas, pois permite que sejam retirados das falas os intra-ditos e não-ditos que evidenciam o que escapa à palavra e que aparentemente não revelam significação. Um exemplo disto é o silêncio, em que só o corpo fala como o sintoma visto da perspectiva psicanalítica.

O sintoma tem uma estrutura metafórica, substitui um determinado significante por outro e para decifrar-se isso é preciso romper com o visível. [...] Em todos os casos encontra-se uma construção de mensagem como uma articulação significante em sentido estrito que é preciso decifrar. (Vallejo e Magalhães, 1979: 145, 147)²³

É assim que a linguagem como código colabora para representar as elaborações inconscientes do sujeito, linguagem organizada como corpo sintomático em situação de crise.

Tendo por objeto o corpo em situação de crise, nesta dissertação tentou-se operacionalizar o entrecruzamento do saber específico da Psicanálise com outros discursos como o da Antropologia, da Sociologia, da Semiótica, para apurar o método de decodificação pela análise semiótico-psicanalítica dos sinais em múltiplas linguagens (verbal, corporal, etc).

Segundo Santaella, “o nome Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos [...]. A Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens” (1983: 07)²⁴, portanto o objeto de estudo da Semiótica são as linguagens como possibilidade de comunicação - perspectiva esta americana, iniciada por Charles Peirce.

Kristeva entende que “cada época ou cada civilização, em conformidade com o conjunto do seu saber, das suas crenças, da sua ideologia, responde de

²² LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand (1998) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo. Martins Fontes. Sob a direção de Daniel Lagache. Tradução de Pedro Tamen. 2º edição, 552 p.

²³ VALLEJO, Américo e MAGALHÃES, Ligia (1991) *Lacan: operadores da leitura*. São Paulo: Perspectiva. 2ª edição. 163 pp.

²⁴ SANTAELLA, Lúcia (1986) *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. 4º edição. 115 pp.

modo diferente e vê a linguagem em função dos moldes que a constituem a si própria” (1996: 15)²⁵.

A *semiótica psicanalítica* fornece as ferramentas metodológicas para operar nas análises relacionadas à revisão bibliográfica do estudo em questão, a partir da decodificação das narrativas discursivas, das representações imaginárias do corpo, presentes nas produções literárias e científicas relacionadas à estética e à leitura do corpo.

Na perspectiva europeia com Barthes e Eco, as semióticas possuem objeto pontual, e a Semiologia compreende o conjunto destas além da Lingüística:

A Semiologia estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de signos - partindo da hipótese de que na verdade todos os fenômenos de cultura são sistemas de signos, isto é, fenômenos de comunicação. (Eco, 2003: 3)²⁶

Como complemento ao método e para introdução histórico-sociológica destes fenômenos culturais no momento contemporâneo, apoiamo-nos ainda nas análises de Hall (2002), Giddens (2002), Lasch (1990), Jacoby (1977) entre outros, na tentativa de compreender algumas características do atual desenvolvimento da sociedade.. Recorremos à noção freudiana de desamparo recuperada por Birman (2003) para compreender o mal-estar e angústia do sujeito contemporâneo. Na discussão do conceito de imagem na atualidade, destacamos as considerações de Maffesoli (1996), Aumont (2001), Machado (1984). Esses autores entre outros trazem referências importantes para compreender o sujeito inserido na cultura e alguns modos de subjetivação nela vigentes enquanto sociedade do espetáculo e da exaltação do narcisismo.

O já referido *Vocabulário da Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1998) foi a fonte mais utilizada na consulta às referências para estudo dos conceitos fundamentais da Psicanálise, por tratar-se de referência acadêmica e clínica bem reconhecida na área, e de valor único no cotejo de conceitos ao longo da extensa obra especialmente freudiana.

Uma outra obra à qual o estudo recorreu foi o *Dicionário de Psicanálise*, de Roudinesco (1998)²⁷ que traz a vantagem de esclarecer cada conceito,

²⁵ KRISTEVA, Julia (1996) *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70. Coleção Signos. Tradução de Maria Margarida Barahona. Original de 1969, Paris. 377pp.

²⁶ ECO, Umberto (2003) *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo. Perspectiva. 7ª edição, 426 pp.

²⁷ ROUDINESCO, Elisabeth (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução de Vera

devidamente acompanhado de bibliografia básica e documentos originais, datados e analisados.

Vallejo e Magalhães²⁸ ainda contribuem com obra especializada em definição de conceitos lacanianos, comparando-os aos freudianos.

A presença destas fontes de pesquisa na metodologia advém do fato de a obra de Freud ter sofrido muitas deturpações pelas traduções. A psicanalista paulistana Marilena Carone, preparando nos anos oitenta uma tradução brasileira das obras originais (em alemão) de Freud, e na mesma direção da fina crítica de Bettelheim ao que denomina *quase sagrada versão inglesa de James Strachey*, publica pequeno ensaio crítico sobre os problemas da tradução brasileira da *Edição Standard* pela Imago, então única completa disponível no Brasil desde 1969.

Na sua imensa maioria, os erros da tradução brasileira nada têm a ver com os eventuais descaminhos da versão inglesa [... referentes à] distorção do humanismo essencial que impregna o original [... com distanciamento] da vida psíquica. (Carone, 1985:3)²⁹

Exemplifica: os termos alemães *Trieb* e *Instinkt* (pulsão e instinto), Strachey os traduziu a ambos como *instinct*³⁰; *Seele*, *Seelisch*, *Mutterleib* (psiquismo, psíquico, corpo materno) foram traduzidos respectivamente como *mind*, *mental*, *uterus*. Carone resume sobre a tradução inglesa que Strachey “procura escolher um vocabulário aceitável para o mundo médico e o espírito pragmático do leitor inglês e norte-americano” (*idem ibidem*).

Porém quanto à tradução brasileira, sua crítica torna-se mordaz: “trata-se pura e simplesmente de falta de competência e responsabilidade no trabalho intelectual” (*idem ibidem*). Comprova-o com sobejos exemplos de absurdos, de que apontamos alguns: jovem estudioso, é traduzido como *cientista recém-emplumado*; fingir (*to pretend*) é traduzido como *pretender*; rica (*healthy*) torna-se *saudável* (*wealthy*); em vez de pulsão epistemofílica, lê-se *instinto epistemológico*; psicanálise selvagem é *psicanálise silvestre* (*op cit: 6*). Carone pergunta-se se

Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.

²⁸ VALLEJO, Américo e MAGALHÃES, Lígia (1991) *Lacan: operadores da leitura*. São Paulo: Perspectiva. 2ª edição. 163 pp

²⁹ CARONE, Marilena (1985) Freud em português: uma tradução selvagem. Em: *Folha de São Paulo*, Folhetim, 21/04/2985

³⁰ Esta redução é fonte da maior dificuldade nos estudos de Freud, e mesmo na deturpação organicista (senão naturalista) de sua obra, como veremos ao longo desta dissertação.

algum estudioso de economia aceitaria nomear capitalismo selvagem como *capitalismo silvestre*.

Um mais, e gravíssimo: recalque ou recalçamento (processo endopsíquico), do alemão *Verdrängung* e no inglês *repression*, aparecem na edição brasileira como repressão (efeito de ação externa), quando Freud reservou a este o termo alemão *Unterdrückung*, que na inglesa consta como *suppression*.

Carone conclui tratar-se de “uma tradução que é só traição” (*idem ibidem*). Nesta dissertação mesmo descobrimos uma troca (tipográfica?) de repressão a *regressão*. Devemos assinalar que a edição brasileira original de 1969 sofreu contínuas reedições (inclusive a de 1996, aqui utilizada para referências) sem nenhuma revisão; e mesmo a edição eletrônica atualmente disponível repete os mesmos erros e incorreções, até descasos absurdos. Em resumo, *ler Freud em português é uma tarefa para amantes atentos*, na expressão de Cavani Jorge.

Felizmente o original freudiano foi em parte recuperado na obra pioneira de Laplanche e Pontalis, *Vocabulário de Psicanálise*, um manual de consulta de clínicos e acadêmicos traduzido para todas as línguas cultas após o movimento de retorno a Freud proposto por Jacques Lacan em meados do século XX.

Sobre terminologia, portanto, nosso cuidado foi devolver ao menos um mínimo de precisão aos conceitos de Freud utilizados ao longo das discussões - tais como *pulsão*, *recalque*, *castração*, assim como as expressões que trazem a marca do autor como *narcisismo*, *Édipo*, *inconsciente*. Os termos deturpados pelas traduções foram mantidos nas citações das obras originais, porém substituídos em nosso texto. Em suma, nossa terminologia psicanalítica apóia-se em traduções mais responsáveis e reconhecidas pela comunidade científica, especialmente no estudo comparativo e filológico de Laplanche e Pontalis para os conceitos criados por Freud.

Sendo assim, o uso dessas diversas vertentes teóricas possibilita a exploração do objeto da pesquisa, o corpo em situação de crise, permitindo que nos orientássemos criticamente pela base conceitual dos diversos autores em sua relação fundamental com a Psicanálise.

2 Corpo e subjetivação: da unidade à fragmentação

“Por detrás de teus pensamentos e de teus sentimentos, meu irmão, encontra-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido – ele se chama si mesmo. Em teu corpo habita ele, ele é teu corpo”.
(Nietzsche)

Entre as muitas formas pelas quais podemos traçar e abordar conceitos de identidade/subjetividade e corpo/sujeito encontra-se aquela que privilegia um breve histórico sobre o homem. A intenção, porém, não é a de aprofundar o pensamento dos filósofos e suas doutrinas, mas sim destacarmos as idéias sobre o homem nos momentos históricos mais significativos para este estudo. O trajeto escolhido aponta a nosso objetivo, ou seja, relacionado ao corpo como representação/signo e campo da subjetividade.

Até o século XVIII o sujeito é pensado como objeto de si mesmo. Pela tradição filosófica greco-romana o sujeito é seu próprio objeto de estudos, de indagação e de dúvidas. Tão próximo está o homem de si mesmo que retrata a dificuldade de ver claramente e sem preconceitos o seu próprio corpo. Isto demonstra que esta proximidade em lugar de unir, separa, distancia (Foucault 1999).³¹

Historicamente as tentativas de explicar o homem como uma unidade, mas composto de partes separadas e distintas, fizeram parte de correntes filosóficas como a cartesiana, perspectiva na qual não se “é” um corpo, “tem-se” um corpo. Esta perspectiva diz que *ter um corpo* é ter (no sentido de possuir, colonizar), e

³¹ FOUCAULT, Michel (1999) *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed.

ter somente algo físico/fixo, pois lhe é negado o movimento. Este lugar ordenado e estático ao qual o corpo é lançado busca o aniquilamento da desordem em nome do controle racional e social, incluindo o modo como é controlado pelo Estado.

O caminho percorrido pelo homem da Antigüidade Clássica até o Renascimento é marcado por uma visão de mundo que tinha na ordem sua razão de ser:

até o fim do século XVI, a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental. [...] foi ela que organizou o jogo dos símbolos, permitiu o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiou a arte de representá-las. (Foucault, 1999: 23)

O que significa que as formas de representação davam-se como uma repetição e guiavam-se por quatro formas: conveniência, emulação, analogia e simpatia. O autor conclui sobre linguagem serem tais formas de representação “(...) teatro da vida ou espelho do mundo, tal era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar” (*idem ibidem*).

Quando discorre sobre as quatro similitudes que marcam a passagem do século XVI para a modernidade, Foucault em mesma obra e no capítulo *A prosa do mundo* aborda o que caracteriza cada uma destas quatro formas.

A conveniência – *convenientia* - apresenta-se como uma semelhança ligada ao espaço que avizinha aquilo que se assemelha na forma de aproximação gradativa. Trata-se de uma interação entre coisas vizinhas e similares, na forma expressa por Foucault.

Desse modo, comunica-se o movimento, comunicam-se as influências e as paixões, e também as propriedades. [...] semelhança do lugar, do local onde a natureza colocou as duas coisas, similitude, pois, de propriedades; pois, neste continente natural que é o mundo, a vizinhança não é uma relação exterior entre as coisas, mas o signo de um parentesco ao menos obscuro. (*op cit* 1999: 24)

É dessa articulação das coisas nascida da proximidade que surge, de forma gradativa, a semelhança, efeito visível da proximidade do espelhamento. Uma segunda forma de similitude analisada pelo autor é a emulação – *aemulatio*. Trata-se de uma forma de conveniência, liberada do espaço/lugar, como uma espécie de semelhança sem contato, numa espécie de “música ao longe” que soa

em variadas coisas e situações, gerando aproximações semelhantes por uma duplicação ao infinito:

A emulação apresenta-se de início sob a forma de um simples reflexo, furtivo, longínquo; percorre em silêncio os espaços do mundo. Mas a distância que ela transpõe não é anulada por sua sutil metáfora; permanece aberta para a visibilidade. [...] por uma duplicação que tem o poder de prosseguir ao infinito. (Foucault 1999: 28)

Neste sentido, as coisas podem se imitar, o semelhante envolve o semelhante, duplica-o, como se os elos da emulação, diferentemente da conveniência, se apresentassem como círculos que retornam a si mesmos, refletidos e rivais.

A terceira forma de similitude, a analogia, é a superposição das similitudes anteriores - conveniência e emulação - e de um foco de irradiação de semelhança, que se dão na forma tanto do “afrontamento das semelhanças no espaço” como também “de ajustamentos, liames e de conjuntura.” As similitudes decorrentes da analogia não são aquelas que se mostram visíveis, maciças, como partes da própria coisa; ao contrário revelam-se no poder imenso de associações.

Mas a semelhança em Foucault ocorre também de uma quarta forma, pelo *jogo de simpatias* caracterizado pelo princípio da mobilidade, que gera o movimento aproximando e deslocando as coisas segundo o critério da qualidade. A simpatia tem o seu inverso na antipatia, que convive no jogo que mantém isolamento e assimilação e é nesse movimento que surgem as identidades e aproximações.

Estas quatro formas de similitudes relatadas por Foucault na mesma obra mostram que até o fim do século XVI as palavras e as coisas são representadas por suas semelhanças: aquilo que havia de mais visível se afigurava no conhecimento e na linguagem pelo jogo das semelhanças conformando identidades, assim marcando o saber científico da época.

Assim concebida, a ciência dessa época aparece dotada de uma estrutura frágil; ela não seria mais do que o lugar liberal de um afrontamento entre a fidelidade aos antigos, o gosto pelo maravilhoso e uma atenção já despertada para esta soberana racionalidade na qual nos reconhecemos. (Foucault 1999: 44)

O que fica evidente neste momento histórico é que o peso da tradição filosófica de certa forma conferia à ordem nascida da semelhança um *status* de

segurança que os pensadores tinham como ponto fundante de suas idéias. Assim, a ordem secular é divina até o Renascimento, ou depois desta centrada em um poder humano, onipotente como a ordem divina anterior.

Conforme Marilena Chauí³², da segunda metade do século XVII ao início do século XVIII, o homem é conceituado como composto de corpo (matéria) e intelecto/alma (abstrato):

O sujeito do conhecimento é um intelecto no interior de uma alma, cuja natureza ou substância é completamente diferente da natureza ou substância de seu corpo e dos demais corpos exteriores. (Chauí, 1999: 47)

Este sujeito racional, sujeito do conhecimento, é capaz de conhecer as coisas externas através das representações que delas faz, ou seja, idéias ou conceitos formulados pelo conhecimento próprio advindo desse novo momento da história humana - o que Chauí denomina *sistema racional* dos tempos modernos. Nesse sentido, como é possível ao intelecto conhecer algo que é diferente dele? A própria Chauí responde: as coisas externas podem ser conhecidas desde que sejam consideradas representação, isto é o que defende o Racionalismo Clássico do século XVII.

A mesma convicção que orienta o racionalismo inspirará o iluminismo, ou seja, pela razão torna-se possível pensar o fenômeno humano. O iluminismo tinha como foco o saber centrado na imagem do homem racional, concebendo a razão como “[...] capacidade intelectual para pensar e exprimir-se correta e claramente, para pensar e dizer as coisas tais como são” (*op cit*: 59). Tal capacidade traz para os tempos escuros (como então se vê a Idade Média) as luzes do Iluminismo e uma visão ordenada do mundo, uma nova perspectiva que permite ao humano maior controle sobre a natureza, a sociedade e o si mesmo.

A intenção dos pensadores iluministas era libertar os homens do dogma da intolerância, da dominação eclesiástica e da sujeição ao poder divino, com a idéia de humanização trazida pela ótica renascentista.

O discurso racional obedece a quatro princípios fundamentais que garantiriam que a realidade fosse racional, ou seja, pela razão torna-se possível pensar o fenômeno humano.

³² CHAUI. Marilena (1999) *Convite à Filosofia*. São Paulo: Atica. 12ª edição, 440pp.

Um primeiro é o *princípio da identidade*, pelo qual “[...] uma coisa, seja ela qual for [...] só pode ser conhecida e pensada se for percebida e conservada com sua identidade” (Chauí, *op cit.* 60). Corresponde à visão que vimos acima do Foucault de *As palavras e as coisas*, onde destaca as formas de representação fundadas na similitude.

Um segundo princípio é o da *não-contradição* na qual, [...] “uma coisa ou uma idéia que se negam a si mesmas se autodestroem, desaparecem. [...] as coisas e as idéias contraditórias, são impensáveis e impossíveis”. (*idem ibidem*)

O terceiro princípio trata do *terceiro excluído* pelo qual não há uma terceira possibilidade, só sendo possível escolher uma ou outra. “Não há terceira possibilidade ou terceira alternativa, pois entre várias escolhas possíveis, só há realmente duas, a certa ou a errada”. (*idem ibidem*)

O quarto princípio é chamado princípio da *razão suficiente* ou da causalidade, pelo qual se “[...] afirma que tudo o que existe e tudo o que acontece, tem uma razão para existir ou para acontecer, e que tal razão pode ser conhecida pela nossa razão”. (*op cit* p 61)

Até o início da segunda metade do século XX, o sujeito cartesiano, típico dos tempos modernos, era o modelo preconizado para os sujeitos sociais inseridos na cultura que a modernidade instaurou. Como bem resume Hall:

[...] a identidade cartesiana diz respeito a um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia. (Hall 2003: 10)³³

Este núcleo interior inato e essencial do eu seria portanto sua identidade que rigidamente permaneceria em relação a seu desenvolvimento. A noção de identidade porta o sentido de unificação, uno e, portanto, de indiviso, porém mantém a dicotomia eu/corpo.

Os sabres sobre o homem na contemporaneidade como veremos abalou profundamente a concepção de sujeito centrado na razão. Não que a razão tenha feito progressos; mas segundo Foucault naquela obra é o modo de ser das coisas e da ordem que, distribuindo-as, oferece-as ao saber, o que foi profundamente alterado. Lasch (1986) observa que essas mudanças sociais alteram a noção de

³³ HALL, Stuart. (2002) *A identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. 7ª edição. 103 pp.

sujeito e conseqüentemente o sentido de personalidade definida pelas ações do sujeito e seus registros.

Note-se que o sentido anterior de identidade refere-se tanto às pessoas como as coisas. Ambas perderam a sua solidez na sociedade moderna, a sua definição e continuidade. A identidade tornou-se incerta e problemática. Não porque as pessoas não ocupem mais posições sociais fixas [...] mas porque elas não habitam um mundo que exista independentemente delas. (Lasch, 1986: 23)³⁴

Autores e filósofos começam a apresentar novas concepções de sujeito. Para Hall (2003: 24) surge “uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual se erigiu uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade”. Afirma também que “as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas [...] assim como o próprio conceito de identidade, que é demasiadamente complexo e passa a ser posto à prova”. (*op cit*: 8)

Com o advento da Psicanálise e, sobretudo, pela descoberta das leis e características do inconsciente, Freud abala esses conceitos e abre nova vertente. A Psicanálise não fala de identidade nem de sua desconstrução, o que lhe interessa e de que se tem ocupado refere-se a uma outra dimensão do humano: a subjetivação. Isto é, a constituição do sujeito como eu-corpo em constante movimento, impulsionado pelo desejo sempre inconsciente (conceito central da Psicanálise que aprofundaremos no capítulo 3):

O conceito de inconsciente por muito tempo esteve batendo aos portões da psicologia, pedindo para entrar. A filosofia e a literatura quase sempre o manipularam distraidamente, mas a ciência não lhe pôde achar uso. A psicanálise apossou-se do conceito, levou-o a sério e forneceu-lhe um novo conteúdo. (Freud, 1940[1938]: 306)³⁵

Freud veio desmistificar o domínio absoluto sobre nossos pensamentos, nossas emoções e mesmo nosso corpo, ao trazer no final do século XIX para o centro das discussões o conceito de inconsciente, e nova compreensão para a sexualidade.

³⁴ LASCH, Christopher (1986) *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense. 2ª ed. Tradução de João Roberto Martins Filho. Original 1984, New York: Norton. 287 pp.

³⁵ FREUD, Sigmund (1940 [1938]) Algumas lições elementares de Psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XXIII pp 297-306 .

Em *O Inconsciente*, Freud apresenta três das principais características do sistema Inconsciente que o diferenciam do Pré-Consciente e Consciente, diferenças que tornam-se mais compreensíveis quando comparadas às características da razão, acima descritas com Chauí.

Como primeira característica, os processos inconscientes são atemporais, ou seja, não são ordenados na perspectiva do tempo, pois não seguem uma cronologia nem sofrem alterações com a passagem do tempo. Segundo, são regidos pelo processo primário de satisfação: “Estão sujeitos ao princípio do prazer” (Freud, 1915a: 192) ³⁶. Finalmente, os processos inconscientes são isentos de contradição mútua.

A teoria freudiana portanto abalou profundamente a antiga concepção de sujeito, centrada na razão. Nesse sentido, a descoberta do inconsciente por Freud provocou uma fenda radical e permanente no pensamento ocidental. A afirmação do conceito de Inconsciente implica em não só separar consciente e inconsciente, mas na impossibilidade de, nos antigos termos, *ter acesso total ao nosso interior* - pois o Inconsciente deixa de ser um lugar *dentro* do corpo para tornar-se organizador do sujeito como eu-corpo, e ainda incontrolável pela razão - o que levou ao desmoronamento do racionalismo e da noção de identidade fixa.

Essas duas descobertas – a de que a vida das nossas pulsões sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos psíquicos são, em si, inconscientes -, [...] essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que o eu não é o senhor da sua própria casa. (Freud, 1917: 153)³⁷

A partir daí, a definição de sujeito encontra nova perspectiva e rompe de vez com o conceito de identidade enquanto semelhança e analogia. Subjetividade será daí por diante processo constitutivo de sujeitos históricos, que estão no mundo estabelecendo relações, comunicando-se, o eu-corpo subjetivando-se pelo movimento dos significantes em cadeia. Aqui, o corpo *é eu*, e cifrado como este. Freud não conheceu a obra de Saussure e o conceito de significante. Usou assim a terminologia da época, e denominou aos elementos da linguagem (visuais e acústicos) como *representações*.

³⁶ FREUD, Sigmund (1915a) O inconsciente. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 163-222.

³⁷ FREUD, Sigmund (1917a) Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 143-153.

O Inconsciente para Freud é instância psíquica formada por idéias recalçadas³⁸, que apontam um lado desconhecido do sujeito, registro de experiências não simbolizadas, mas que surgem como representantes – significantes, signos - de desejo. Concebeu o desejo expressando-se *pela* linguagem – só com Lacan, a Psicanálise conceberá o desejo *como* linguagem.

No mesmo texto de 1915 em que sistematiza suas descobertas sobre o Inconsciente, Freud distingue dois níveis de representação, as de coisa e as de palavra. A representação de coisa diria respeito ao Inconsciente, ou seja, caracterizaria este como instância dos sinais visuais; enquanto a representação de palavra para Freud seria essencialmente acústica. A relação entre ambas, representação de coisa e de palavra caracterizaria para Freud o sistema Pré-Consciente / Consciente, onde há associação de uma imagem verbal a uma imagem acústica. No *Projeto* - que Freud (1950 [1895])³⁹ em vida nunca quis publicar e até tentou destruir (v. Introdução, parte III, por Strachey) – Freud apontara como estes traços se articulam no psiquismo: o material, presente na forma de traços mnêmicos, estaria sujeito de tempos em tempos a um rearranjo. Tal rearranjo será melhor desenvolvido com as contribuições de Lacan à obra freudiana.

Até Freud, o corpo era concebido como o lugar de representação do sujeito e sua expressão, o que supõe um eu e um corpo distintos. Depois de Freud, o corpo não é coisa/res nem obstáculo, mas parte integrante da totalidade do sujeito: “Meu corpo não é alguma coisa que eu tenho; eu sou meu corpo”, confirma Birman, que acrescenta:

A rigor, não existe sujeito e seu corpo, numa dualidade e polaridade insuperáveis, mas sim, um corpo-sujeito propriamente dito [...] a separação entre corpo e psiquismo não é sustentável pela leitura freudiana da subjetividade. (Birman 2003: 21)⁴⁰

O processo de subjetivação encontra-se na relação com o outro, e a noção de sujeito tem sido por vezes tratada como subjetividade.

³⁸ Condição em que ficam dada a operação de recalque pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas à pulsão (*op cit* Laplanche&Pontalis).

³⁹ FREUD, Sigmund (1950 [1895]) Projeto para uma psicologia científica. Em *op cit* 1996, vol I pp 333-454.

⁴⁰ BIRMAN, Joel (2003) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 4ª edição. 300 pp

A Filosofia trata o conceito de modo diverso. Segundo o dicionário filosófico (nada freudiano, e mesmo junguiano⁴¹) de Lalande, “subjetividade é uma característica que distingue todos os fenômenos e os abarca a todos, na sua extensão” (1999: 1060)⁴². O autor ainda afirma que convém notar que a palavra subjetividade “deve ser tomada neste caso, em um sentido amplo, uma vez que não designa aquilo que provém dessa espécie de representação que chamamos de representação subjetiva; aplica-se também a todos os momentos da representação”. (*op cit.*:1060)

Este modo filosófico de encarar as representações foi superado pela Lingüística, ao criar-se com Saussure a noção de que o referente mata o referido, a linguagem substitui a coisa/*res* pela relação significante-significado, este último resistindo à significação. Lacan posteriormente retoma tais conceitos para fundamentar que o Inconsciente estrutura-se como linguagem, o que veremos adiante.

Quanto à postulação freudiana de Inconsciente, destaca-se a importância das vivências como um conjunto de fenômenos que deixam traços - os conteúdos psíquicos ou idéias latentes - dotados de dinâmica própria, traços que foram recalcados na elaboração do complexo de Édipo pela castração simbólica, o que será desenvolvido no capítulo 5.

Antes, trataremos do percurso estruturante da organização pulsional, e como o sujeito neste processo transmuta-se por crises. No mesmo capítulo que segue passamos à metapsicologia com os conceitos freudianos básicos de pulsão - diferenciando-a de instinto - de necessidade diferenciada de desejo, para situar a dinâmica, a econômica e as tópicas da Psicanálise como propostas por seu criador.

⁴¹ CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005b). Anotações de aula, disciplina “Linguagem e Interpretação: Psicanálise e Música II”, em *Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem*. Campos dos Goytacazes: UENF, 2005.

⁴² LALANDE, André (1999) *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

3 Da necessidade ao desejo; do instinto à pulsão

Freud notou a prematuridade específica do ser humano ao nascer: sem quem se importe com ele, dele cuide, o bebê não sobrevive; necessita de alguém que cumpra tal função, a quem denominamos “mãe”. Este pensamento já existe no *Projeto* (1950 [1895])⁴³ - obra prematura como seu objeto e até algumas de suas formulações teóricas – e nele Freud estuda as conseqüências psíquicas do desamparo inicial da criança. O *estado de desamparo* é aquele em que as tensões experimentadas pelo organismo são maiores e o psiquismo não pode ainda dominá-las, necessitando de uma intervenção externa para sua resolução, cumprindo à mãe (nos termos acima) tal tarefa de ajuda. Freud denomina-a *ação específica ao desamparo*, ou seja, provisão de satisfação por outro (externo, um não-bebê, isto é, a mãe). Este *outro* - formará com o bebê a relação complementar - que define a função materna. No primeiro momento de subjetivação do eu-corpo, o desejo é portanto complementar, um para dois.

Façamos já uma primeira definição conceitual de desejo:

Em Sigmund Freud esta idéia é empregada no contexto de uma teoria do inconsciente para designar, ao mesmo tempo, a propensão e a realização da propensão. Nesse sentido, o desejo é a realização de um anseio ou voto (*Wunsch*) inconsciente. Segundo esta formulação freudiana clássica, emprega-se como sinônimos de desejo as palavras alemãs *Wunscherfüllung* e *Wunschbefriedigung* e a expressão inglesa *wish fulfillment* (desejo no sentido da realização ou satisfação de um anseio inconsciente). Entre os sucessores de Freud, somente Jacques Lacan conceituou a idéia de desejo em psicanálise a partir da tradição filosófica, para dela fazer a expressão de uma cobiça ou apetite que tendem a se satisfazer no absoluto, isto é, fora de qualquer realização de um anseio ou de uma propensão. Segundo esta concepção lacaniana, emprega-se em alemão a palavra *Begierde* e em inglês a palavra *desire* (desejo no sentido de desejo de um desejo). (Roudinesco, *op cit* 1998:146)

⁴³ FREUD, Sigmund (1950 [1895]) Projeto para uma psicologia científica. Em *op cit* 1996, vol I pp 333-454.

Como dizíamos, a primeira vivência de satisfação é ligada ao desamparo inicial ocorrendo em função de uma necessidade⁴⁴. A fome animal por exemplo, sacia-se com o alimento oferecido, dá-se no reino da necessidade. Já o desejo dá-se na falta. Seu registro não é da natureza, mas da linguagem. Apesar de a experiência saciadora ocorrer em registro orgânico, inscreve-se no caso humano ao nível do aparelho psíquico como representação, signo, ou traço. A partir de então, cada demanda do bebê vincular-se-á aos traços desta primeira experiência registrados pela primeira vez como linguagem. Como elementos de linguagem, tais traços serão rearticulados permanentemente como desejo em cadeias sempre renovadas de significação.

Vejamos como atua a vivência primária de satisfação na conformação do desejo humano.

O mamar dá-se em princípio por necessidade vital, mas como este ato dá prazer ao bebê, ele tende a repeti-lo. Freud observou que o prazer não tem registro, o que conhecemos como prazer é a cessação do desprazer. Um protótipo é o par fome-saciação. A criança busca a repetição da satisfação do prazer (cessação do desprazer) vivenciada anteriormente, tornando atividades como o chuchar algo independente do alimento, mas ligado às vivências primárias de satisfação (Freud 1905:169)⁴⁵. Tais vivências são os traços fragmentários dos sinais - acústicos, visuais, gustativos, olfativos, proprioceptivos, cinestésicos (Cavani Jorge, 1988)⁴⁶ - presentes à situação onde ocorre a primeira experiência prazerosa (cessação do desprazer da fome).

Nesse momento, o alimento seria suficiente para saciar a fome do animal pois do ponto de vista instintivo sua sobrevivência estaria por aquele momento garantida. No caso humano porém isto não ocorre. Ou sim, mas uma única vez; pois não haverá a partir daí nenhum alimento que o satisfaça plenamente, pois tal necessidade agora e para sempre é da ordem do desejo. O desejo nasce de o pequeno sujeito aspirar mais que à simples cessação do desprazer da fome; o

⁴⁴Freud não identifica necessidade a desejo; "a necessidade, nascida de um estado de tensão interna, encontra a sua satisfação (*Befriedigung*) pela ação específica, que fornece o objeto adequado (por ex alimentação); o desejo está indissolavelmente ligado a *traços mnésicos* e encontra sua realização (*Erffüllung*) na reprodução alucinatória das percepções que se tornarão sinais dessa satisfação." (Laplanche e Pontalis, *op cit.* 114)

⁴⁵ FREUD, Sigmund (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *op cit* 1996, vol VII pp 117-231.

⁴⁶ CAVANI JORGE, Ana Lucia (1988) *O acalanto e o horror*. São Paulo: Escuta. 283 pp.

desejo aspira à “restauração” dos traços ou sinais fragmentários que marcaram o primeiro prazer, ou seja, o desejo pretende criar e recriar a realidade psíquica ⁴⁷.

A ilustração dos conceitos de desejo e de eu-de-todo-prazer foi apresentada em aula⁴⁸ por Cavani Jorge com o recurso didático à crônica do escritor Luis Fernando Veríssimo, *Fomes*, onde se lê: “tudo que nos agrada é apetitoso [...] no fim todo desejo é uma vontade de comer” (Veríssimo 2001:152)⁴⁹. É muito prazeroso para o bebê voltar-se para o seu próprio corpo, sugando os dedos dos pés, das mãos e mesmo outras partes do corpo em busca do objeto possível de satisfação. Veríssimo enfatiza até o apetite materno entre outros: “nosso passado de canibais nos persegue”. (*idem ibidem*)

Esta avidez saborosa é a característica do sujeito desejante para resgatar e refazer o vínculo perdido da satisfação inicial em todas as relações que estabelece com os outros e com os objetos do mundo. Tal trajeto não terá fim, pois é da ordem do Imaginário. A trajetória do desejo busca recuperar o objeto perdido, ilusória fonte do puro prazer, dada pela relação inicial mãe-filho que será tratada no capítulo seguinte.

A idéia de autopreservação conota, então, uma espécie de qualificação e categorização originária, segundo a vivência de satisfação experienciada corporalmente, como fenômeno. Freud o repete no *Projeto* já referido: “Esses estímulos se originaram nas células do corpo e criaram as grandes necessidades: como respiração, sexualidade” (*op cit*:349). Estes estímulos endógenos são, portanto, precursores das pulsões - e serão, na experiência exclusivamente humana, substituídos pela linguagem no momento da primeira satisfação. Até ali, falava-se de necessidade; depois da linguagem, em sujeito e desejo.

Sobre pulsão e sexualidade, Freud (1905)⁵⁰ formula os conceitos considerados fundamentais da teoria psicanalítica e particularmente os que fundamentam a descoberta da sexualidade infantil, a partir de suas análises sobre as experiências e conflitos dos primeiros anos da infância. Em suas pesquisas clínicas e teóricas sobre as causas das neuroses, percebeu alguma relação com conflitos de ordem sexual desde primórdios da infância. Com isto reconheceu ter

⁴⁷ “Quando Freud fala de realidade psíquica, não o faz [...] para designar o campo da psicologia concebida como possuidora de sua ordem de realidade própria e suscetível de uma investigação científica, mas aquilo que para o sujeito assume o valor de realidade no seu psiquismo” (Laplanche e Pontalis *op cit* p. 426).

⁴⁸ CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005b) Anotações de aula, disciplina Linguagem e Interpretação: Psicanálise e Música II, em *Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem / UENF / RJ, 2005-I*.

⁴⁹ VERÍSSIMO, Luis Fernando (2001) *A mesa voadora*. Rio de Janeiro: Objetiva.

⁵⁰ FREUD, Sigmund (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *op cit* 1996, vol VII pp 117-231.

sido “necessário ampliar o conceito do que era sexual, até que abrangesse mais do que o impulso no sentido da união dos dois sexos no ato sexual” (Freud 1923[1922]: 261)⁵¹. Assim, a sexualidade humana não se limitaria à genitalidade, visto organizar-se a partir de operações psíquicas. É a partir desta concepção teórica da sexualidade que Freud mostrou a diferença entre instinto e pulsão, demarcando a diferença fundamental entre Biologia e Psicologia.

A pulsão, tal como é construída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com que mascara sua ignorância, através da suposição de uma moral na natureza. A pulsão – nunca é demais lembrá-lo à obstinação do psicólogo que, em seu conjunto e *per se*, fica a serviço da exploração tecnocrática – a pulsão freudiana nada tem a ver com o instinto (nenhuma das expressões de Freud permite essa confusão). A libido não é o instinto sexual. Sua redução, em última instância, ao desejo viril, indicada por Freud, bastaria para nos advertir disso. A libido em Freud é uma energia passível de uma quantimetria tão mais fácil de introduzir na teoria quanto é inútil, já que nela só são reconhecidos alguns *quanta* de constância. (Lacan, 1964/1998:865)⁵²

A sexualidade humana na visão freudiana difere da de outras espécies superiores, pois não está fixada ao instinto (Freud utilizou o termo *Instinkt*) característico da espécie, portanto submetido a padrões fixos hereditários, mas sim à pulsão (para o que Freud recorreu ao antigo termo *Trieb*)⁵³. A pulsão é considerada na dinâmica psicanalítica como o propulsor do funcionamento psíquico. Para Freud, instinto define a ação animal, seu fundamento é biológico e seu fim, adaptativo nos termos darwinianos; sua função dominante é dupla: a reprodução da espécie e sobrevivência do espécime. No caso humano, o foco não é reprodução nem sobrevivência, mas a busca da repetição do prazer pelo desejo, de que a pulsão é o referencial.

Pulsão define-se como o limiar entre somático e psíquico, constituindo-se de um traço sógnico (que Freud, como sua época, denominou *representação*) investido de energia (libido). Na dinâmica psíquica, os traços podem ser dela investidos, ou ter sua energia deles retirada (é o que ocorre pelo recalque) e liberada para novos investimentos - o traço sógnico visual ou acústico

⁵¹ FREUD, Sigmund (1923 [1922]) Dois verbetes de enciclopédia. Em: *op cit* 1996, vol XVIII, pp 249-274.

⁵² LACAN, Jacques (1964) Do *Trieb* de Freud e do desejo do psicanalista. Em *op cit* 1998 pp 865-868.

⁵³ “Na língua alemã existem dois termos, *Instinkt* e *Trieb*. O termo *Trieb* é de raiz germânica, de uso muito antigo, e conserva sempre a nuance de impulsão (*treiben* = impelir); a ênfase se coloca menos numa finalidade definida do que numa orientação geral, e sublinha o caráter irreprímível da pressão mais do que a fixidez da meta e do objeto. [...] o termo pulsão, embora não faça parte da língua, como *Trieb* em alemão, tem, contudo o mérito de pôr em evidencia o sentido de impulsão” (*op cit* Laplanche e Pontalis: 394)

permanecendo inativo. Quando investidos de libido, podem articular-se em cadeias de significação, de dois modos: segundo os processos primários portanto com tendência imediata à descarga, ou segundo os processos secundários portanto mediados pelo Eu como instância executiva da personalidade.

Conceitos chave como o de *pulsão* foram aqui revistos, dada a inadequada tradução de Freud referida no capítulo 1 (v.Nota 29). A dualidade mente-corpo que Freud tanto combateu é exaltada nestas traduções (no caso, desde a inglesa), confundindo a visão dialética de Freud com outra mecanicista e organicista. Note-se sempre que por efeitos de tradução não fiel, nas citações retiradas da *Edição Standard* o conceito de pulsão (*Trieb*) aparece inadequadamente como *instinto*, como nas seguintes:

Por instinto podemos entender a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação por excitações isoladas vindas de fora. Instinto, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. (Freud, 1905: 159)⁵⁴

Nas pulsões Freud distingue fonte, pressão, alvo e objeto.

[...] por fonte, entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo e cujo estímulo é representado na vida psíquica por um instinto. [...] A pressão de um instinto compreende seu fator motor [...], a quantidade de força ou medida da exigência de trabalho que ele representa. (Freud 1915: 128)⁵⁵

Dentre os elementos que constituem a pulsão, o objeto é justamente o componente mais contingente, “o que há de mais variável e, sobretudo substituível” (*idem ibidem*). Essas características do objeto da pulsão diferem das do circuito biológico, cujo objeto é fixo e organicamente predeterminado. No caso da pulsão, diversamente, seu objeto é *constituído*⁵⁶ através das experiências de satisfação e das vicissitudes atravessadas pela criança nos primeiros anos de vida: “[...] o objeto pulsional muitas vezes bastante marcado por características singulares, é determinado pela história – principalmente a história infantil – de cada um”. (*op cit* Laplanche & Pontalis: 322)

⁵⁴ FREUD, Sigmund (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *op cit* 1996, vol VII pp 117-231.

⁵⁵ FREUD, Sigmund (1915b) Os instintos e suas vicissitudes. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 115-144.

⁵⁶ “O objeto freudiano não é uma coisa determinada, é qualquer coisa que possa ter o rol de representantes do objeto perdido [...] está estruturado sobre a base de uma rede de significantes” (Vallejo & Magalhães, 1979:30)

Resumindo, pela via da necessidade o bebê é apresentado ao seio como mediador do leite materno que o alimenta; sinais presentes à satisfação - como o contato de corpos, carícias, cheiro e voz da mãe - são traços de puro prazer dados durante a vivência de satisfação. Tais traços são fragmentários (pelo efeito do recalque) e tem natureza lingüística: são os elementos da estrutura nos termos de Jakobson. Estes elementos são o que Freud chamou de representação ou traços mnêmicos, identificados hoje pela Semiologia como sinais, signos, índices. Estes elementos sígnicos podem ser catexizados, isto é, investidos de energia pulsional. Investi-los, reorganizando tais traços com vistas à satisfação é a tarefa do desejo – o desejo é o articulador de elementos de linguagem, formula-a como uma *sintaxe libidinal*. (Cavani Jorge, *op cit* 2005b)

Buscando definir a libido, a Psicanálise denominou as pulsões de autoconservação como de apoio às pulsões sexuais: “Na medida em que a pulsão sexual representa uma força que exerce uma pressão, a libido é definida por Freud como a energia dessa pulsão” (*op cit* Laplanche e Pontalis:267). A noção de *apoio* em Freud aponta a relação originária entre pulsões de necessidade relacionadas às funções corporais, e as pulsões sexuais associadas às zonas erógenas.

A idéia de apoio é uma peça fundamental da concepção freudiana da sexualidade. [...] serve para designar a relação primitiva das pulsões sexuais com as pulsões de autoconservação; as pulsões sexuais, que só secundariamente se tornam independentes, apóiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. (*op cit* Laplanche & Pontalis: 30)

As transformações associativas dessas pulsões desencadeiam um movimento psíquico e nos mostram como se dá o reconhecimento do próprio corpo, quando efetuam-se as transformações destas pulsões vitais em pulsões sexuais. “Estas sensações são multilocalizadas, como as percepções externas; podem vir simultaneamente de diferentes lugares e terem assim qualidades diferentes ou mesmo opostas.” (Freud, 1923a: 36)⁵⁷

A organização pré-genital envolve a evolução da libido, termo empregado por Freud na teoria das pulsões para descrever o registro da economia psíquica pela sexualidade. Conforme afirma em 1905 nos *Três ensaios*, a pulsão no

⁵⁷ FREUD, Sigmund (1923a) O ego e o id. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 13-80.

momento inicial “[...] não está dirigida para outra pessoa, satisfaz-se no próprio corpo” (*op cit* 1905:170), daí Freud denominá-la auto-erótica. Pelo investimento libidinal, o corpo se torna erógeno e o bebê mesmo ainda alheio à própria existência, reconhece todo o prazer como algo próprio:

[...] todo o corpo é atravessado produzindo e produzido por uma energia peculiar, a libido. O corpo todo seria não apenas uma fonte produtora desta energia, como objeto dos investimentos dela. (Leclaire 1979: 44)⁵⁸

Ao fazer uma leitura psicanalítica sobre *corpo-sujeito*, Birman (2003)⁵⁹ confirma que corpo enquanto *organismo* refere-se à idéia de carne e é da ordem estritamente biológica; já o corpo para a Psicanálise funda-se na experiência do sujeito numa ordem sexual e pulsional. Freud (1914)⁶⁰ identificara a energia pulsional, provinda do eu-corpo não só quimicamente pela transformação do alimento mas pela reativação dos sinais fragmentários da satisfação primária. Deste modo, a energia pulsional encontra-se já enlaçada à linguagem, daí Freud ter diferenciado pulsão de instinto.

O recalque originário⁶¹ tem o poder de transformar este amontoado informe de traços em um *conjunto*, isto é, um *sistema* psíquico e corporal de equivalências simbólicas. Com isto, o traço transformar-se-á então em uma *inscrição*, ao mesmo tempo psíquica e corporal. (*op cit* Birman: 63)

Embora Freud não seja considerado como teórico que tratasse do desenvolvimento do sujeito seqüencialmente (não tem origem inata não se desenvolve como crê os desenvolvimentistas), é ele quem oferece a base conceitual para o estudo da constituição do sujeito que dá-se enquanto processo de subjetivação: o sujeito se constitui a partir do investimento libidinal.

⁵⁸ LECLAIRE, Serge (1979) A propósito da função da mãe: algumas questões a respeito do corpo erógeno, pp 32-51 em *O corpo erógeno, uma introdução à teoria do complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Chaim Samuel Katz. Tradução de Paulo Viana Vidal. Revisão técnica C.S.Katz.

⁵⁹ BIRMAN, Joel (2003) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 4ª edição. 300 pp.

⁶⁰ FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.

⁶¹ “Processo hipotético descrito por Freud como primeiro momento da operação do recalque. Tem como efeito a formação de um certo número de representações inconscientes ou *recalcado originário*. Os núcleos inconscientes assim constituídos colaboram mais tarde no recalque propriamente dito pela atração que exercem sobre os conteúdos a recalcar, conjuntamente com a repulsão proveniente das instâncias superiores” (cf. *op cit* Laplanche&Pontalis).

Os momentos significativos dessa trajetória são denominados por Freud desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (op cit)* como organização libidinal (oral, anal, fálica, genital). Para superar a noção seqüencialista da palavra *fase*, usaremos a expressão *organização da libido*, só exposta em sucessão como recurso didático. Para a psicanálise a noção de fases não se sustenta pois o desenvolvimento “não é linear, não há seqüência nem centro, há sincronicidade”.⁶² O processo constitutivo do eu não se dá na sucessão dos acontecimentos, como a concebe a posição evolutiva.

Sobre tal organização libidinal, afirma o psicanalista Serge Leclaire quanto a seus momentos, que

[...] se encontram numa relação não-hierarquizada [...] desaparece, assim também a noção de estágio ou fase (oral, anal etc.). A noção de fase apoiada num arcabouço genético, na autoridade da psicologia, se mostrava por demais rígida em se tratando da psicanálise. (*op cit* Leclaire: 8)⁶³

Torna-se importante então estudar a criança, visto que ela está ainda em vias de constituição e dadas as vicissitudes que atravessa na estruturação de seu corpo a partir do corpo do outro – pois como veremos é no encontro consigo no outro que se pode ou não tornar-se sujeito.

Para entender-se a constituição corpo-sujeito, seguiremos o caminho da organização da libido considerado de modo dialético, sincrônico no tempo e em justaposição no espaço: “[...] o ponto de vista psicanalítico, ao visar a organização libidinal, concerne algo como o corpo erógeno”. (*op cit* Leclaire: 19)

Freud antecipa tal noção de Leclaire, quando concebe ocorrer tal investimento nas zonas erógenas. Freud observara como certas mucosas – extensões da pele - como boca, ânus e genitália recebem uma quantidade ou *quantum* de energia, ou seja, são investidos pela libido (Freud, 1905[1901])⁶⁴ conformando tal corpo erógeno. E amplia o corpo erógeno, como se usasse a pele como medida: “Após refletir mais e depois de levar em conta outras observações, fui levado a atribuir a qualidade de erogenidade a todas as partes

⁶² CAVANI JORGE, Ana Lucia (2006) Anotações de aula, disciplina Psicanálise e Linguagem I. Em: *Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem*. Campos dos Goytacazes: UENF, 2006-I

⁶³ LECLAIRE, Serge (1979) *O corpo erógeno, uma introdução à teoria do complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Chaim Samuel Katz. Tradução de Paulo Viana Vidal. Revisão técnica C.S.Katz

⁶⁴ FREUD, Sigmund (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em: *op cit* 1996, vol VII pp 117-231.

do corpo” (Freud, 1915b:118)⁶⁵. O conceito de *pele musicada*⁶⁶ de Cavani Jorge parte desta pesquisa freudiana.

O modelo de organização libidinal que nas origens do desenvolvimento pulsional dá-se pela relação dual, supostamente completando-se na fase genital, é o corpo a ser considerado no próximo capítulo.

⁶⁵ FREUD, Sigmund (1915b) Os instintos e suas vicissitudes. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 115-144.

⁶⁶ CAVANI JORGE (2004 – até o momento) *Pele musicada: o eu corporal pela maternagem, linguagem e cultura*. Banco de Pesquisa CNPq. Disponível em: <<http://www.cnpq.com.br>>.

4 - O corpo na relação original

“Viu-se e ficou embevecido com a própria imagem. Julga corpo o que é sombra, e a sombra adora extasiado diante de si mesmo”.

(Brandão, 2000)

A relação original é apresentada no encontro do lactente com a mãe, momento em que como vimos o alimentar ganha sentido de linguagem pela perspectiva freudiana. O ser humano em sua concretude inicial necessita unir-se ao outro como igual para então separar-se na diferenciação. Tais acontecimentos evidenciam-se na trajetória do ser indiferenciado ao ser da diferenciação, posto que para a psicanálise o sujeito não existe naturalmente desde o início, mas vai se constituir.

A idéia central desse capítulo refere-se ao processo da organização da libido, desde a relação dual e sexualidade infantil, passando pelo auto-erotismo e pelo narcisismo, que se dão no contexto estrutural da relação dual imaginária mãe e filho. Para este entendimento é necessário que se estabeleça um diálogo entre Freud e autores que posteriormente ampliaram os conceitos deste fundador. Note-se desde já: o conceito de *relação dual* para explicar a natureza da relação mãe-filho foi introduzido por Jacques Lacan, mas pelo seu valor descritivo e precisão conceitual já o introduzimos.

A relação dual, também dita complementar ou imaginária, inicia o processo de subjetivação. Tem efeitos diretos sobre a estruturação do eu, à medida que esta relação vai permitir à criança alienar-se ou não a este outro - para Lacan *autre* ou *a* - através de relação de identificação e reconhecimento, em termos freudianos. Nos dois autores-fonte, consiste em uma relação de natureza imaginária.

A relação de identificação é de fundamental importância para se entender, na Psicanálise, a constituição do eu-corpo e a dinâmica na distribuição de energia nos investimentos tanto no primeiro eu-corpo (eu-de-todo-prazer) quanto no não-eu ou objetos externos. Mas cabe situar: é nos primórdios do Complexo de Édipo como estrutura que ocorrem as formações narcísicas. Rigorosamente falando, para a Psicanálise o narcisismo não é excluído da dialética fálica⁶⁷.

O eu-corpo começa a formular-se sob o domínio do princípio do prazer característico do narcisismo primário. O eu-de-todo-prazer refere o momento em que a criança formula-se de modo que *todo o bom e prazeroso é ela*, e o não bom/não-eu, projeta-o fora de si e o constitui como mundo. Diz Freud:

Para o ego do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após este novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do eu coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer. (Freud, 1915b: 141)⁶⁸

Este momento corresponde à relação dual onde o modelo de identificação primária será a mãe - modelo de apaziguamento da fome, do frio, da solidão. Se a mãe é boa, então *ela é eu*. Este modelo primário continua existindo mesmo após a entrada no simbólico continuando a criar ilusões de que as coisas boas são *introjetadas* no eu. Pela precisão terminológica, advertem Laplanche e Pontalis:

Convém manter uma distinção entre incorporação e introjeção. Em psicanálise, o limite corporal é o protótipo de toda e qualquer separação entre um interior e um exterior; o processo de incorporação refere-se explicitamente a este invólucro corporal. O termo *introjeção* é mais amplo: já não é o interior do corpo que está em questão, mas o interior do aparelho psíquico. (*op cit* Laplanche e Pontalis: 248)

Enquanto o bom é introjetado, o desprazer é projetado para fora, confirmando assim a dinâmica inicial de diferenciação eu e mundo. Da dinâmica eu/não-eu advém a polaridade e conseqüentemente as ambivalências sob as quais o sujeito se constitui e nas quais estará implicado marcando suas escolhas e relacionamentos.

⁶⁷ Há autores não psicanalistas, especialmente americanos, que discorrem sobre narcisismo sem tal cuidado resultando mecanicistas suas análises, como veremos especialmente no capítulo 7.

⁶⁸ FREUD, Sigmund (1915b) Os instintos e suas vicissitudes. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 115-144.

[...] da mesma forma que o par de opostos amor-indiferença reflete a polaridade ego-mundo externo, assim também a segunda antítese amor-ódio reproduz a polaridade prazer-desprazer, que está ligada à primeira polaridade. Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto. (*op cit* Freud: 141)

A noção persiste em Freud do início ao fim de sua obra, e denomina o que “se torna consciente como prazer e desprazer um ‘algo’ quantitativo e qualitativo no curso dos eventos mentais” (Freud, 1923a: 36)⁶⁹, deixando claro que o dinamismo dessa energia pulsional atua diferentemente sobre o psiquismo e diferentes ações se tornam necessárias para removê-la.

Esta é a passagem do narcisismo primário - no qual todo o investimento libidinal é voltado para o eu - para o narcisismo secundário, em que a libido já se volta a outros objetos. Porém subsiste a possibilidade de retorno libidinal para o eu em momentos de crise, o que pressupõe uma espécie de morte narcísica, uma perda, uma construção imaginária.

Certo desprendimento desse narcisismo é necessário para que o sujeito possa entrar no contrato social, passando a considerar a existência e o lugar do outro. Ter reconhecimento e consideração pelos outros é deixar de ser um “pequeno tirano”, reconhecendo a existência de outros independentes dele.

Também para o psicanalista da escola americana da Psicologia do Eu Erik Erikson (1976), neste momento de relação dual, o *bom* (dentro) e o *mau* (fora) *entram no mundo* da criança:

A psicanálise supõe que o processo de diferenciação na primeira fase da vida infantil entre o interno e o externo é a origem da projeção e da introjeção, que permanecem como dois de nossos mais profundos e perigosos mecanismos de defesa. Na introjeção, sentimos e atuamos como se uma bondade exterior se tivesse transformado em uma certeza interior. Na projeção, experimentamos um dano interno como externo: atribuímos às pessoas significativas um mal que na realidade existe em nós. Supõe-se, então, que esses dois mecanismos, a projeção e a introjeção, estão modelados segundo o que se passa nas crianças quando elas têm vontade de externalizar a dor e internalizar o prazer. Na idade adulta, esses mecanismos se restabelecem mais ou menos naturalmente nas crises agudas de amor, de confiança e de fé, e podem caracterizar atitudes irracionais para com os adversários e os inimigos no conjunto dos indivíduos “maduros”. (Erikson 1976:228)⁷⁰

⁶⁹ FREUD, Sigmund (1923a) O ego e o id. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 13-80.

⁷⁰ ERIKSON, Erik (1976) *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. Traduzido por W.W. Norton.

Este autor desenvolveu seus estudos com base na teoria do processo de desenvolvimento do eu, que sofre *influências sociais interagindo* física e psicologicamente em mútuo ajuste, ou seja, o sujeito desde o início de vida encontra-se em face ao desenvolvimento psicossocial. Descreve o desenvolvimento humano em oito estágios não cronológicos - pois segundo o autor cada sujeito possui seu próprio ritmo. O núcleo de cada estágio é marcado por uma crise, representando um desafio a ser enfrentado no confronto social. É o único autor estudado que usa o termo crise, que assim define:

Portanto, cada passo sucessivo [do desenvolvimento] é uma crise potencial por causa de uma mudança radical de perspectiva. A palavra crise é usada aqui num sentido de desenvolvimento para designar não uma ameaça de catástrofe, mas um ponto decisivo, um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencial [...]. (Erikson, 1972:96)⁷¹

A propósito da *etapa oral* o autor refere-se a este momento como significativo na história inicial do sujeito em desenvolvimento, podendo significar uma nociva perda de unidade tanto psíquica como social.

As etapas orais, portanto, criam na criança as fontes do sentimento básico de confiança e do sentimento básico de desconfiança que continuam sendo a origem autogênica da esperança primordial e da condenação por toda a vida. [...] que constituem os conflitos nucleares da personalidade em desenvolvimento. (Erikson, *op cit* 1976: 71)

Assim também este autor acentua a importância da relação materno-filial como devendo ser profunda e satisfatória, o inevitável afastamento devendo ocorrer “de forma suave e tranquilizadora, e sem agravamentos evitáveis. (Erikson, *op cit*: 70)”

Erikson concebe o desenvolvimento de modo seqüencial, refere *influência* social e da linguagem em vez desta como estruturante como se vê na abordagem que escolhemos para esta dissertação; para ele, tais *influências interagem física e psiquicamente*: portanto separa eu de corpo, e supõe uma *ação inter* objetos estanques, cujo modelo epistemológico é mecanicista e empirista; a própria noção de *influência* é datada, na História da Ciência e da Filosofia. Todas estas são posições teóricas sem críticas epistemológicas rigorosa, e derivadas do

⁷¹ ERIKSON, Erik H (1972) *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Original de 1968, 322 pp

associacionismo (abordagem teórica Americana cujo princípio origina-se do inatismo e da linearidade do desenvolvimento humano) que temos criticado com Foucault, psicanalistas e lingüistas. Ainda, Erikson não é o único a conceber as transformações na personalidade por crises, pois todos os autores psicanalistas – como o fundador – sem nomear *crise*, valem-se da dialética para conceber este movimento. Lembremos que a ideologia conservadora e adaptativa americana dá às mudanças um sentido de anormalidade a extirpar, e de perigo a evitar – possivelmente daí Erikson nomeie *crises* como fenômenos marcantes, raros e bem definidos e os especificam em número de oito, (quando na dialética as mudanças são constantes)⁷².

Em resumo: é pela intervenção de um outro, nas gratificações / privações pulsionais, nos impasses que começa a se constituir este eu-corpo, ainda não familiar mas já atravessado pela pulsão constituída dos restos sígnicos - de corpo, voz, carícias, acalanto de mãe - estes sinais da vivência de satisfação. Tais sinais são como “restos fragmentários em parte recuperados pela linguagem” conforme Cavani Jorge⁷³, que denomina o eu-corpo como *pele musicada*, eu organizado pela dinâmica pulsional das vivências primárias.

Este corpo que não é o da biologia - entendido como matéria inerte sem desejo / linguagem - esta pele que não contorna o eu nem separa eu de mundo, antes os integra como um fenômeno transicional (acepção winnicottiana, como veremos mais adiante), é o corpo do olhar/olhado, onde de forma especular representa-se sua duplicidade e constitui-se seu fascínio, à medida em que é amado. Este corpo codificado é linguagem visual e acústica, como veremos mais adiante.

Aqui o corpo é sintoma e realização de desejo – o ato sintomático, o sintoma histérico e o estilo psicossomático o denunciam – tanto quanto o é a linguagem em suas falhas e estilo, no mesmo modelo do onírico em Freud. No corpo codificado leremos o desejo registrado em Imaginário, como segue.

⁷² CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005b) Anotações de aula, disciplina Linguagem e Interpretação: Psicanálise e Música II, em *Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem / UENF / RJ, 2005-I.*

⁷³ Idem anterior.

4.1 O olhar em-(n)-cena: imaginário – espéculo

O que faz o Eu submeter-se, o objeto externo que o aliena, é o olhar como função imaginária através do qual o sujeito identifica-se na determinação do desejo do outro, pela relação inicial dual (mãe-filho). Na verdade esta relação longe de dual é uma pois complementar, mãe-filho compondo imaginariamente um só corpo, metáfora discutível e ao mesmo tempo aceitável, lugar por excelência da alienação pela imagem visual e que pode acompanhar o sujeito ao longo de toda a sua vida.

Metáforas relativas ao olhar encontram-se ao longo da história da humanidade em forma de frases, versos, canções, prosa e narrativa míticas: os olhos são espelhos da alma; o que os olhos não vêem o coração não sente; ou quando olho para você sinto coisas que não sei dizer. Para Stein, “o escape ao intelecto é uma das características dos mitos e uma de suas forças, e é precisamente esta qualidade que nos leva a reflexões psicológicas mais profundas, que, de outro modo, não seriam prováveis” (Stein apud Brandão, 2000:182). O mito, assim como a arte, persiste, insiste, comunica suas mensagens, aparece como formas simbólicas.

Compreender as representações míticas da humanidade é reconhecer

[...] que estas não são meros produtos da fantasia, que se desprendem da firme realidade empírico-positiva das coisas, para elevar-se sobre elas como tênue neblina, mas sim representam, para a consciência primitiva, a totalidade do ser. (*op cit* Cassirer: 23)

Ao avaliar o interesse das ciências pelos sistemas mitológicos, Lévi-Strauss revela que para a psicanálise

[...] o objeto próprio dos mitos é de oferecer uma derivação a sentimentos reais, mas recalçados. Qualquer que seja a situação real, uma dialética tão versátil encontrará sempre o meio de atingir a significação, isto é, adquirir uma função significante. (Lévi-Strauss, 1985: 239)⁷⁴

⁷⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude (1985) A estrutura dos mitos, pp. 237-265 em *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Tradução Chaim Samuel Kats e Egnaldo Pires, 2ª ed. 456 pp

O mito como narrativa articula presente, passado e futuro sendo portanto atualizado no tempo do desejo imaginário. Não se trata, portanto, de tempo determinado cronologicamente mas enquanto relações estruturais que os homens estabelecem com o mundo e com outros homens.

Para abordar a dinâmica do narcisismo como constituição do eu pela imagem (no caso, a visual), Freud (1914)⁷⁵ também lança mão do mito, em referência à lenda grega de Narciso que apaixonou-se pelo próprio reflexo (Freud, 1917:148)⁷⁶. É pela imagem unificadora e amada que o eu se constitui. Na dialética mítica e constitutiva do sujeito, a imagem visual é relevante. O corpo ganha visibilidade e, portanto, ganha forma. Brandão (2000:173)⁷⁷ narra o mito grego de Narciso, que colabora para a compreensão do fenômeno do narcisismo em Freud. Narciso apaixona-se pela própria imagem. Como esta paixão pela imagem se dá? Ocorre por vê-la, por tê-la como ideal e tomá-la, por fim, como objeto de amor.

Conforme Brandão, etimologicamente Narciso - em grego *Nárkissos* - é uma aproximação com o elemento *Nárke* que significa entorpecimento, cuja base indo-européia *snerq* significa encarquilhar, morrer.

Relacionando-se, depois, com a flor narciso, que era tida, por estupefaciente, *nárke* será a base etimológica de nossa palavra narcótico. Uma vez que narciso floresce na primavera, em lugares úmidos, ele se prende à simbólica das águas e do ritmo das estações e, por conseguinte, da fecundidade, o que caracteriza sua ambivalência morte (sono) – renascimento. (Brandão, 2000: 173)

Narciso era filho de Cefiso e da Ninfa Liríope. Ao nascer a criança possuía uma beleza fora do comum, a ponto de preocupar a mãe. Tal preocupação não era infundada. “Competir com os deuses em beleza era uma afronta inexoravelmente punida [...] Narciso seria desejado pelas deusas, pelas ninfas e pelos jovens da Grécia inteira.” Não só nos mitos mas na cultura grega, beleza fora do comum sempre assustava. “Uma beleza assim nunca vista realmente conturbava o espírito de Liríope. Quantos anos viveria o mais belo dos mortais?” (Brandão, 2000: 175)

⁷⁵ FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.

⁷⁶ FREUD, Sigmund (1917a) Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 143-153.

⁷⁷ BRANDÃO, Junito de Souza (2000) *Mitologia Grega.*, 2 vols. Petrópolis: Vozes. 11. ed. Volume II pp 173-186.

Esta preocupação que assolava Liríope levou-a a consultar o cego Tirésias. Tirésias, o célebre *Teiresias*, não é só personagem mítico, mas histórico, cujo nome deriva do neutro *téras*, ou sinal enviado pelos deuses, donde o significado de adivinho, profeta. Tirésias possuidor do dom da *mantéia*, da adivinhação, aquele que possui a visão de dentro para fora. (*op cit*:176)

Foi, portanto, a este adivinho e profeta a quem Liríope recorreu em consulta para aplacar seu temor. “Narciso viveria muitos anos? A resposta do adivinho foi lacônica e direta: - Se ele não se vir”. (*op cit*: 176)

O jovem Narciso, sedento, aproximou-se da límpida fonte de Téspias para mitigar a sede. Debruçou-se sobre o espelho imaculado das águas e viu-se. Viu a própria *imago* (imagem), a própria *umbra* (sombra) refletida no espelho da fonte de Téspias. - *Se ele não se vir*, profetizara Tirésias. “Viu-se e não mais pôde sair” dali: apaixonara-se pela própria imagem. Nêmesis cumprira a maldição” (*op cit*: 180). Enquanto bebia, viu-se na água e ficou embevecido com a própria imagem. Trata-se da função alienante dada pela imagem visual.

Julga corpo, o que é sombra, e a sombra adora. Extasiado diante de si mesmo, sem mover-se do lugar. [...] O mesmo erro que lhe engana os olhos, acende-lhe a paixão. Crédulo menino, por que buscas, em vão, uma imagem fugitiva? O que procuras não existe. Não olhes e desaparecerá o objeto de teu amor.

[...]

A sombra que vês é reflexo de tua imagem. Nada é em si mesma: contigo veio e contigo permanece. Tua partida a dissiparia se pudesse partir. Inútil: sustento, sono, tudo esqueceu. Estirado na relva opaca, não se cansa de olhar seu falso enlevo. E por seus próprios olhos morre de amor. Procuram-lhe o corpo: havia apenas uma delicada flor amarela, cujo centro circundado de pétalas brancas. Era o Narciso. (*op cit*:181)

Encontra-se na origem do mito de Narciso: o olhar realiza a unidade amorosa, o que sugere um privilégio do olhar na constituição do eu como sendo, antes de tudo, um *eu-corpo-imagem*. A teoria do narcisismo implica um corpo olhado, admirado, pulsional, que só se torna sexualizado porque se oferece aos cuidados sob o olhar do outro. Mas o mito sugere também fusão, morte, desconstrução subjetiva.

Apesar de seu caráter alienante, a relação identificatória com o outro é necessária para que haja o reconhecimento de uma imagem do eu, ainda que em

esboço. Ao longo da vida, a imagem conferida pelo outro na relação fornece ao ser o aparato estruturante que coincidirá “no sujeito com a lembrança de impressões visuais muito semelhantes, emanadas de seu próprio corpo [...]” (Freud, 1895:383)⁷⁸.

Dada a prematuridade específica do ser humano, a visão se desenvolve mais tardiamente. Mas assim que desenvolvida, a visão vai possibilitar a imagem visual ordenadora do corpo, antes disperso – esta posição enfática ao visual foi dada por Lacan; Freud referiu a importância de ambos os traços, visuais e dos acústicos, reconhecendo no acústico um caráter mais arcaico que o do visual. Como Freud também notou, a visão e a imagem visual são antes de tudo ferramentas do ego, para controle e defesa contra o mundo externo.

Porém na perspectiva aqui adotada, o visual assume posição de ênfase. O psicanalista Nasio, ao abordar temas lacanianos, assim se exprime sobre a imagem corporal:

[... a imagem...] me é remetida pelo outro, meu semelhante. Um outro que não é, necessariamente, o próximo, mas qualquer objeto do mundo em que vivo. A imagem de meu corpo, acima e antes de tudo, é *fora* de meu corpo que a percebo. Ela me volta de fora para dar forma e consistência a meu corpo. (Nasio, 1993:150)⁷⁹

A relação de identificação na e pela imagem visual é de fundamental importância à constituição do eu nos preceitos da psicanálise notadamente a laciana como forma integradora do eu-corpo.

Freud formula o conceito de narcisismo em 1914 e pouco o modifica após a elaboração da *segunda tópica*. Considera a *dinâmica* e a *econômica* do narcisismo no desenvolvimento sexual, momento em que a libido se concentra no corpo e o toma como objeto de amor (Freud, 1914)⁸⁰. A criança começa a perceber-se pela imagem visual, mesmo que de forma rudimentar concebe seu corpo como objeto. O que eram somente traços, fragmentos, passa a integrar-se ilusoriamente pelo imaginário, que pela imagem visual une esses traços. Porém, o narcisismo, mais que imagem, refere-se em Freud ao prazer fruído (o eu-de-todo-prazer), organizador deste primeiro eu, capaz de amar a si próprio sem nele mergulhar psicoticamente (assim considerado por K. Abraham (1908) em seus

⁷⁸ FREUD, Sigmund (1950 [1895]) Projeto para uma psicologia científica. Em *op cit* 1996, vol I pp 333-454.

⁷⁹ NASIO, Juan David (1993) *Cinco Lições Sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução: Vera Ribeiro

⁸⁰ FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.

estudos sobre demência precoce e retomado por Freud em suas concepções das neuroses) como Freud concebe a dinâmica do narcisismo secundário – ideal do eu - em termos estruturais após a segunda tópica.

A sexualidade infantil descrita no capítulo 3 caracteriza-se pelas pulsões parciais não organizadas mas anárquicas em torno das zonas erógenas. Mas Freud logo observa que “[...] mesmo quando o amor objetal é altamente desenvolvido persiste uma determinada quantidade de narcisismo” (Freud, 1917: 149)⁸¹. Nesse ponto o narcisismo não é visualizado como etapa evolutiva do desenvolvimento libidinal, mas sim, como condição do psiquismo, como possibilidade de distribuição de certa quantidade de energia, ou *quantum* de energia, nos investimentos tanto no eu-corpo/objeto como no não-eu/objetos externos.

Estudando o narcisismo em 1914, Freud apresenta o eu⁸² como instância organizadora que precisa ser desenvolvida: “uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo, o eu tem de ser desenvolvido” (*op cit* 1914:84), ou seja, o eu é uma construção que em seu início está entregue às pulsões auto-eróticas. Freud assim mostra que o eu passa a ter uma unidade ilusória em relação à fragmentação do auto-erotismo e das pulsões parciais, pois do ponto de vista pulsional é o narcisismo que vai permitir uma primeira unificação das pulsões sexuais, que se dá em torno do eu.

Um primeiro movimento em busca da unificação pulsional ocorre como vimos em torno de uma imagem, no instante em que o eu vem a ser tomado como objeto de amor. Esta definição de narcisismo corresponde ao narcisismo primário, uma concentração de libido no eu, conforme explica Freud:

A princípio na fase oral primitiva, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra. Só podemos supor que, posteriormente as catexias do objeto procedem do id, o qual sente as tendências eróticas como necessidades. (Freud, 1923: 42)⁸³

Ao longo da vida do sujeito, quando a libido antes dirigida para os objetos externos se retrai para o eu já constituído, Freud afirma tratar-se de *narcisismo*

⁸¹ FREUD, Sigmund (1917a) Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 143-153.

⁸² Nesta dissertação privilegiamos o termo Eu (ego) utilizados nas traduções francesas em oposição à tradução espanhola, visto que esta última decorre de uma latinização introduzida a partir da tradução das obras de Freud para o inglês.

⁸³ FREUD, Sigmund (1923 [1922]) Dois verbetes de enciclopédia. Em: *op cit* 1996, vol XVIII, pp 249-274.

secundário: “a transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente, implica um abandono de objetos sexuais, uma dessexualização”. (*op cit*:43)

No *narcisismo primário*, o objeto é o próprio eu e encontrará um objeto externo ao sujeito pela escolha amorosa com a simbolização do Complexo de Édipo. É o que denomina-se amor de objeto. Permite-se com isto que um *quantum* de energia se desloque do corpo para novos objetos, mas sempre com a finalidade de restabelecer a unidade.

Jacques Lacan (1949)⁸⁴, abrindo novas perspectivas em relação ao narcisismo, introduz o conceito de imaginário pelo tema do estágio do espelho. Neste, a criança conquista o corpo próprio por identificação no espelho ou no olhar da mãe, pela imagem :

[...] na teoria, do antigo termo *imago*. A matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universo, sua função de sujeito. (*op cit*: 97)

Tal imagem com importante função formadora permite ao corpo sair da fragmentação e passar a uma unificação ilusória, promove a estruturação do eu, encerrando a vivência do corpo despedaçado:

Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la. Assim, essa *Gestalt*, cuja pregnância deve ser considerada como ligada à espécie, embora seu estilo motor seja ainda irreconhecível, simboliza, por esses dois aspectos de seu surgimento, a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante; é também prenhe das correspondências que unem o [eu] à estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, no qual tende a se consumir, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação. (*op cit*: 98)

[...]

⁸⁴ LACAN, Jacques (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica, pp 96-103, em LACAN, Jacques (1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução de Vera Ribeiro. Original de 1966, Paris: Seuil. 937 pp.

Este desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo [...] é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde a imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica. (*op cit.* 100)

É nessa perspectiva que o eu se define pela identificação com a imagem de outrem. É também um momento lógico da estruturação do sujeito a partir do outro, isto é, a criança faz a conquista da imagem de seu corpo próprio pela imagem refletida no espelho.

Através desta imagem externa e idealizada, “o eu infantil se acha possuído de toda perfeição de valor [...] na qual ele é o seu próprio ideal” (Freud,1914: 100)⁸⁵. Isto corresponde à crença da criança na onipotência de seus pensamentos. Também para Lacan, a formação do *eu ideal* ocorre como vimos pela elaboração da imagem no *estádio do espelho*:

Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por [eu] ideal, se quisermos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão *funções de normalização libidinal*. (*op cit.* 97-98)

A imagem que formulou o *eu ideal* vai ser cultivada e defendida para satisfação narcísica, cuja finalidade consiste em ser amado. É uma relação de amor consigo mesmo que busca fazê-lo objeto de amor de um outro. Sendo assim, o eu em sua plasticidade é aquele que transforma-se, molda-se, divide-se, permitindo a identificação tão necessária nos primórdios de sua constituição.

A relação inicial dual vai permanecer como modelo do amor pela identificação, e ficará abalada pela quebra dessa ilusão da onipotência fálica.

O *estádio do espelho* foi descrito primeiro por Henri Wallon mas descoberto em sua função formadora por Jacques Lacan. Trata-se da experiência pela criança na conquista da imagem integradora organizada em torno de três tempos.

Sobre o primeiro dos referidos tempos, o psicanalista Joël Dor, em estudo introdutório à obra de Lacan, resume: “este primeiro tempo da experiência testemunha em favor de uma confusão primeira entre si e outro”. No segundo tempo, a criança vê apenas uma imagem: “ela é levada a descobrir que o outro do espelho não é um outro real, mas uma imagem. [...] No terceiro momento

⁸⁵ FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.

dialetizam-se as duas etapas precedentes [... e a criança] adquire a convicção de que não é nada mais que uma imagem” (Dor,1992:79-80)⁸⁶. Assim há um reconhecimento e uma recuperação da dispersão do corpo despedaçado como representação do corpo próprio, revelando desta forma o lugar do especular na estruturação humana.

A relação imaginária constitutiva do eu nada mais é do que uma aparência, pela simetria no espelho a qual captura imaginariamente o sujeito: [...] “a permanência mental [do eu] ao mesmo tempo [...] prefigura sua destinação alienante”. (Lacan, 1949: 98)⁸⁷

O registro imaginário dá-se na relação com outro, mãe, neste primeiro momento do Édipo que corresponde ao terceiro do *estádio do espelho*, quando o bebê se identifica com o desejo da mãe. Identifica-se com o que supõe ser o objeto de desejo da mãe susceptível de preencher-lhe a falta.

Deste registro passa-se ao Simbólico pois a separação, logo nomeada, é inevitável - ficar é deixar-se sucumbir como narciso, na relação amorosa especular seja no espelho, seja no olhar da mãe. “Viu-se e não mais pôde sair”, preso ao objeto amoroso: “o mesmo erro que engana os olhos, acende-lhe a paixão”. (Ovídio *apud* Brandão 2000:180-181)⁸⁸

Este objeto “é algo de que o sujeito para se constituir, se separou, [...] Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta” (Lacan 1964/1993: 101)⁸⁹. Separação/falta cujo correlato é o desmame pela criança vivenciar o afastamento do objeto (seio-mãe). Lacan esclarecerá em novo artigo que o objeto não é o seio materno:

[...] este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável [...] e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido "a" minúsculo. O objeto 'a' minúsculo não é a origem da pulsão oral. Ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante. (Lacan, 1964/1993: 170)⁹⁰

⁸⁶ DOR, Joël (1992) *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução Carlos Eduardo Reis. 3ª ed. 203 pp.

⁸⁷ LACAN, Jacques (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. Em *op cit* 1998 pp 96-103.

⁸⁸ BRANDÃO, Junito de Souza (2000) *Mitologia Grega.*, 2 vols. Petrópolis: Vozes. 11. ed. Volume II..

⁸⁹ LACAN, Jacques (1964) A linha e a luz, pp 90-102. Em: LACAN, Jacques (1993) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M.D.Magno. 2ª ed., 3ª reimpressão. Original de 1964, primeira publicação 1973, Paris: Seuil. 271 pp

⁹⁰ LACAN, Jacques (1964) A pulsão parcial e seu circuito. Em *op cit* 1993 pp 165-176.

Nasio em epígrafe a trecho da terceira lição cita Lacan para descrever o *objeto a*: “[...] o seio, o cíbalo, o olhar, a voz; essas partes destacáveis, mas intrinsecamente ligadas ao corpo, é disso que se trata no objeto *a*”. (Nasio, 1993:99)⁹¹

Neste momento, a criança ainda não é vista como sujeito, mas sim como complemento do que *falta* à mãe, ou seja, trata-se de um momento de perfeição narcísica que só vai ser superado com o advento do simbólico, que ainda está por vir. Este momento é analisado por Cavani Jorge nos ensaios sobre a relação mãe-filho durante o acalanto, ao destacar em que consiste a função materna:

[...] consiste em significar para o filho o que é o falo: relação de pura fluência narcísica, de natureza especular onde ambos se espelham cada um no olhar do outro, e dessa identidade imaginária surge a relação de complementaridade pela qual cada um é o que falta ao outro. (Cavani Jorge, 1988: 66)⁹²

Frisemos: mesmo nesse jogo que é de puro prazer, porém fantasioso e onipotente - visto que a criança não pode satisfazer a mãe nesse momento -, o Imaginário encontra-se presentificado na relação pelo mítico, relação que ainda atualiza ou realiza o Simbólico através do discurso da mãe.

O processo de subjetivação inicia-se portanto pelo prazer/ desprazer. A angústia aparecerá através de um impedimento que se apresente a esta fruição. Mas nesta o eu-corpo começa a se formar, se estruturar, mesmo que de forma fragmentária e imaginária, projetando-se no outro como seu complemento narcísico.

A passagem do real ao significante, a ser retomada no capítulo 5, possibilitará o advir do sujeito:

o sujeito só sobrevém como Um ali onde o real – no sentido do infinitamente pleno – é afetado por uma falta. [...] o sujeito do inconsciente nasce, precisamente, ali onde se ergue o obstáculo de uma impossibilidade. (Nasio, 1993: 83)⁹³

O sujeito surge do real, na passagem “do infinitamente cheio, do lugar onde Tudo é possível” (*op cit.* 82). Cheio de que? De onipotência, no senso freudiano; Nasio com Lacan refere-se à passagem da relação dual, de completude

⁹¹ NASIO, J. D. (1993) Terceira Lição: o conceito de objeto a. Em *idem Cinco Lições Sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução: Vera Ribeiro.

⁹² CAVANI JORGE, Ana Lúcia (1988) *O acalanto e o horror*. São Paulo: Escuta. 283 pp.

⁹³ NASIO, J. D. (1993) Segunda Lição: o inconsciente. Em *op cit.*

imaginária, ao segundo momento do Édipo de que nos ocuparemos no próximo capítulo. Tal possibilidade se inscreve quando desse todo se levam apenas voz, cheiro, olhar, cores, som:

O real se distingue [...] por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível. (Lacan, 1964/1993: 159)⁹⁴

Tal impossibilidade é que permitirá a dinâmica desejante, organizada pelo princípio da realidade e pela ambivalência de sentimentos contraditórios, que se conclui pela identificação com a imagem do semelhante. A própria imagem é marcada pela ambivalência de sentimentos contraditórios,

[...] pelo drama do ciúme primordial, a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas, [...] pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem. (Lacan, 1949/1998: 101)⁹⁵

Como será retomado no capítulo 5, algo que se faz enquanto falta será traduzido em cadeia significativa numa procura que não terá fim:

O que começou como necessidade irá chamar-se demanda, ao passo que o significante se fechará sobre aquilo que consoma, de maneira tão aproximativa quanto quiserem o sentido da demanda, e que constitui a mensagem evocada pelo Outro [...]. A instituição do Outro coexiste assim com a consumação da mensagem. Ambos se determinam ao mesmo tempo, um como mensagem, o outro como Outro. (Lacan 1957/1999: 95)⁹⁶

Sendo a relação imaginária narcísica, cabe perguntar como se dá a subjetivação. A resposta está na perspectiva do outro (*outrem*) especialmente pela relação familiar, através dos cuidados que provêm os traços: pela voz, olhar, e outros elementos que contribuirão à imagem de si mesmo. Dá-se pela especularidade.

O pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott estudou as relações precoces entre mãe e bebê. Para ele o rosto da mãe é o precursor do espelho, no

⁹⁴ LACAN, Jacques (1964) Desmontagem da pulsão. Em *op cit* 1993 pp 153-164.

⁹⁵ LACAN, Jacques (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica, pp 96-103. Em: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

⁹⁶ LACAN, Jacques (1957) O pouco-sentido e o passo-de-sentido, pp 87-105. Em: LACAN, Jacques (1999) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Texto estabelecido por Jacques - Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Original de 1957-1958, primeira publicação 1998, Paris: Seuil. 532 pp.

sentido estudado por Lacan e acima resumido. Para Winnicott, a função de espelho da mãe e realizada por sua face consiste em refletir a imagem do bebê, do desejo dele, com a qual ele então possa se identificar. Trata-se de tal face oferecer-se disponível, *neutra*, em vez de *preenchida* por um desejo próprio dela, mãe. A neutralidade do rosto da mãe é necessária para que o bebê se veja, pois

quando olho, sou visto; logo existo. Posso agora me permitir olhar e ver (Winnicott, 1967/1975: 157)⁹⁷.

Aqui também a primeira imagem de si como corpo próprio, seja pelo olhar e rosto da mãe, seja no espelho, é resultado de uma identificação à imagem visual. Este momento dá-se logo que a criança nasce e “continua por algumas semanas depois do nascimento” (Winnicott, 1958: 493)⁹⁸. Quem proveja tal momento será denominado pelo autor como *ambiente*, espaço ofertado, um centro de afeto, pertencimento e de encontro consigo no outro. Quem o oferece? A mãe (quem cuida). Que é mãe? O rosto - para onde a criança olha quando está mamando. Este olhar é um olhar de amor que reflete a disposição da mãe de sustentar este olhar jubiloso do filho. Aqui a imagem é a mediação possível de pertencimento/autonomia. A esta mediação metapsicológica, Winnicott (1967/1975)⁹⁹ privilegiará como *lugar em que vivemos*. É este acontecimento de ver-se não somente como imagem no espelho, mas especialmente de ver-se como imagem sustentada no olhar do outro (mãe) o que se destaca na relação mãe-filho.

Em conferência, a psicanalista Cavani Jorge (1994)¹⁰⁰ enfatiza o olhar materno naquela completude ao desamparo, como (re)conhecimento e sua importância desde o primeiro momento de subjetivação:

Qualquer animal pode sobreviver sozinho quase desde que nasce. Ao contrário do animal humano, que depende de um outro *olhando-o* por longo tempo; alguém que olhando *por* ele, olhe *para* ele reconhecendo *nele* as necessidades *dele* que se

⁹⁷ WINNICOTT, David Woods (1967) O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil, pp 153-162. Em: (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. 206 pp.

⁹⁸ WINNICOTT, David Woods (1956/1988) Preocupação materna primária, pp 491-498. Em (1988) *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. Tradução de Jane Russo. 3ª ed. 526 pp.

⁹⁹ WINNICOTT, David Woods (1967) O lugar em que vivemos. Em: *op cit* (1975), pp 145-152.

¹⁰⁰ CAVANI JORGE, Ana Lúcia e MELSOHN, Isaias (1994) A bordo da (a)normalidade: a palavra nua e crua, 2ª Conferência e Debate em: *Enlouquecidas Letras*, 17/10/1994. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura (*inédito* acessível na *homepage* da autora) 28 pp.

transformarão no desejo *dele*, o que o subjetivará: é o ato mesmo de sua passagem de animal a humano. (Cavani Jorge, 1994: 5)

Dada a necessidade de um outro como crucial não somente para a manutenção da vida, trata-se de o bebê reconhecer primeiro seu estatuto enquanto ser através do reconhecimento pela mãe. Pois segundo a autora “o bebê é ainda um *sujeito-em-obras*, vive para o outro, este alguém que ele chamará de mãe porque cumpre tal função materna”. (idem *ibidem* 1994)

A relação dual (mãe-filho) na construção do eu é tratada também por Winnicott como vimos em Freud - como fase de *dependência absoluta* dada a condição de prematuridade do bebê humano. Neste estágio é necessário que a mãe possa satisfazer as necessidades (termo usado por Winnicott) do pequeno, pois

[...] uma provisão ambiental suficientemente boa, na fase inicial permite que o bebê comece a existir, a ter experiências, a construir um eu pessoal, dominar as pulsões e enfrentar todas as dificuldades inerentes à vida. (Winnicott, 1956/1988: 497)¹⁰¹

É função materna promover uma adaptação ativa do bebê, introduzi-lo no processo de uma *gradual separação* nos termos deste autor, como primeiro passo para a subjetivação. Este afastamento entre bebê e sua mãe para Winnicott representa a *privação* que naquele *ambiente* desencadeará os *fenômenos transicionais*. Trata-se aqui de fenômenos relacionados

a um sentimento de confiança por parte do bebê, isto é, confiança relacionada à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais, com a confiança sendo a prova da fidedignidade que se está introjetando”. (Winnicott, 1967/1975: 139)¹⁰²

Pelo afastamento da mãe surge no bebê um incômodo, e a angústia emerge. Sobre esta, Freud (1926[1925]:164)¹⁰³ confirma que uma das primeiras manifestações desta na criança decorre do afastamento da mãe, dado por não ser capaz ainda de distinguir entre uma breve ausência, e a perda permanente. Para a criança este afastamento, por mais breve que seja, é encarado como uma perda definitiva, portanto aterrorizadora. Retomaremos isto no capítulo 6, sobre a

¹⁰¹ WINNICOTT, David Woods (1956/1988) Preocupação materna primária, pp 491-498. Em (1988) *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. Tradução de Jane Russo. 3ª ed. 526 pp.

¹⁰² WINNICOTT, David Woods (1967) A localização da experiência cultural. Em: *op cit* (1975), pp 133-143.

¹⁰³ FREUD, Sigmund (1926 [1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. Em: *op cit* 1996, vol XX pp 79-167

elaboração psíquica como saída metapsicológica ao terror e à estranheza típicas do retorno do recaiado.

A angústia refere-se ao terror mas pode ser psiquicamente elaborada (Freud), e a função materna pode prover elementos para tal elaboração. Enquanto Winnicott (1951/1988)¹⁰⁴ descobre a função metapsicológica dos fenômenos transicionais, Cavani Jorge (1988)¹⁰⁵ descobre como a elaboração psíquica/simbólica ocorre pela provisão do fenômeno complexo¹⁰⁶ do acalanto pela mãe – o que esta autora estuda em 198 cantigas de ninar no contexto da relação mãe-filho, indicando a dupla função paradoxal do acalanto. Sua conclusão da elaboração psíquica pelo material cultural aponta à função poética, como a lúdica foi encontrada por Winnicott.

Para este, tais fenômenos incidem na área intermediária nem interna ao psiquismo nem externa a ele (mundo) daí o nome *fenômenos transicionais*. Assim será também o uso dado aos objetos para este autor: que nem fazem parte do corpo do bebê, nem são “plenamente reconhecidos como pertencentes à realidade externa” (Winnicott *op cit.* 390). E não importa qual objeto será escolhido, e sim o uso que lhe será dado, pois na área intermediária tem-se a experiência que virá a ser reconhecida como objeto “não-eu”, processo em que Winnicott (1958/1990)¹⁰⁷ observou também a gênese da *capacidade para estar só*, como um dos primeiros índices do desenvolvimento emocional.

Especialmente quanto ao brincar, Winnicott (1967/1975)¹⁰⁸ comprovou ser utilizado pela criança em seu relacionamento com o mundo. Tal experiência criativa do brincar caracteriza uma área intermediária entre presença / ausência da mãe, área compreendida pelo autor como *espaço potencial*, no qual o transicional se exerce:

¹⁰⁴ WINNICOTT, David Woods (1951) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. Em: *op cit* (1988), pp 389-408.

¹⁰⁵ CAVANI JORGE, Ana Lúcia (1988) *O acalanto e o horror*. São Paulo: Escuta. 283 pp

¹⁰⁶ A autora refere-se a canção com melodia e texto, embalo, aconchego (de todo o corpo) e carícias como cafuné, como fenômeno complexo onde personagens reais e imaginários operam o jogo dramático, e pelo qual se exerce simultânea e paradoxalmente o exorcismo ao perigo (de ordem imaginária) e o Simbólico - o terceiro à relação é nomeado no acalanto, em um quadro de narrativa mítica além de fundo musicado, desencadeando a função simbólica. Trata-se assim de fenômeno que como o nó borromeano conceituado por Lacan articula os três registros, pois o Real poderá formular-se pelo retorno de traços fragmentários de tais *vivências precoces de satisfação* (Freud) experimentadas nos cuidados maternos musicados que o acalanto significa.

¹⁰⁷ WINNICOTT, David Woods (1958) A capacidade para estar só, pp 31-37 em: (1990) *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. 3ª ed.

¹⁰⁸ WINNICOTT, David Woods (1967) A localização da experiência cultural. Em: *op cit* (1975), pp 133-143

O espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo. (Winnicott 1967/1975: 142)

Nos fenômenos transicionais está implícito um tipo muito especial de relação - aquela entre o lactente ou a criança pequena que está só, e a mãe que “está de fato confiantemente presente, ainda que representada por um berço ou um carrinho de bebê, ou pela atmosfera geral do ambiente próximo”. (Winnicott *op cit* 1958: 33)

O objeto transicional ajuda a instaurar e constituir um suporte para a perda de objeto que o bebê deverá processar pela simbolização da falta; é portanto um representante do primeiro objeto - o seio, na psicanálise inglesa - podendo vir a representar também as fezes e os demais significantes pelo que Freud (1917b)¹⁰⁹ designou equação simbólica.

Para que haja um percurso *saudável* torna-se necessário um *ambiente suficientemente bom* que responda de maneira fecunda às necessidades do recém-nascido. A *mãe suficientemente boa* é aquela que, por identificação, sabe reconhecer as necessidades do bebê (Winnicott, 1956/1988).¹¹⁰

Ambos os autores Cavani e Winnicott definem como *mãe* quem se disponha a tal estado - que o segundo designou *preocupação materna primária*, pela qual será possibilitada ao bebê a ilusão de que a mãe é parte dele. A mãe suficientemente boa tanto oferece continência ao bebê quanto o frustra na medida das capacidades deste de suportar tal frustração. Assim: “a partir de tais experiências, a confiança na recuperação começa a ser algo que leva a um eu e uma capacidade do eu de suportar a frustração” (Winnicott *op cit*: 496). Se a mãe não for capaz de em momento oportuno frustrar seu bebê, ela “não produz frustração, mas sim uma ameaça de aniquilação” (*ibidem*). Tal frustração inclui-se, portanto no reconhecimento materno das necessidades dele bebê, nesta relação inicial.

A pesquisa inicial de Cavani Jorge acima resumida (1988) sobre a relação dual mãe-filho já mostra que tal relação trata de complementação narcísica, isto é, o acalanto serve a ambos primeiro como encontro e fusão nutridora, e ainda para

¹⁰⁹ FREUD, Sigmund (1917b) As transformações dos instintos exemplificadas no erotismo anal. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 131-141.

¹¹⁰ WINNICOTT, David Woods (1956/1988) Preocupação materna primária. Em: *op cit* (1988), pp 491-498.

elaborar psiquicamente (simbolicamente) a dor amorosa iminente que permeia a relação. Ao mesmo tempo, a autora pergunta:

Por que falar em separação, ao focar a relação mãe-filho? Porque tal relação excede o limite do contato físico, da amamentação, da compensação à prematuridade biológica do bebê. (Cavani Jorge, *op cit* 1988: 65)

Com o nascimento e a prematuridade, o bebê é entregue aos cuidados de um outro. Para a autora, o acalanto é fenômeno complexo cujos elementos e *atores*

[...] realizam também e especialmente a função materna de completude narcísica [articulando] a contradição *horror-ternura* das cantigas de ninar ao exercício das funções maternas – de completude narcísica e de reconhecimento da Lei que a interdita – através dos elementos do acalanto (texto, melodia-canção, embalo, aconchego, afago). (Cavani Jorge *op cit*: 16)

Sobre a trajetória subjetivante do eu pelo acalanto a autora confirma tais pesquisas enquanto

[...] companhia, em três sentidos: da palavra como resto, do corpo-pele-recheado como resto do embalo, do cafuné e da estrutura musical. (Cavani Jorge 2001: 391)¹¹¹

Assim, carícias, cuidados, olhares, cantigas são práticas que produzem e atualizam as marcas ou traços da vivência primária de satisfação, restos sígnicos que constituem o sujeito.

O desejo, como veremos no capítulo 5, busca satisfação ligando-se a estes

[...] restos sígnicos, forjando um objeto constituído pelo imaginário. Mas tal objeto só é aí integrado imaginariamente, composto de sinais fragmentários da vivencia de satisfação [...] Seu correlato acontece na linguagem por signos, representações, imagens que vão se substituindo à base de homologia significante. (Cavani 2005b)¹¹²

Portanto, o acalanto nesse momento permite à criança adormecer tranqüila, “deixar-se levar a uma viagem [...] do ser-só ao só-ser”. (*op cit* 2001:

¹¹¹ CAVANI JORGE, Ana Lucia (2001) Sono, Mistério e Acalanto. A origem da prática amorosa e a elaboração do eu/corporal, ansiedade e pânico, em *Avanços em Medicina do Sono*, pp 389-398 São Paulo: APM&Zeppelini. Revisão republicada do original de 1999.

¹¹² CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005b) Anotações de aula, disciplina Linguagem e Interpretação: Psicanálise e Música II, em *Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem*. Campos dos Goytacazes: UENF, 2005-I.

389). Este ponto de vista de Cavani Jorge fundamenta-se na postulação lacaniana de identificação a imagem pelo especular atingindo pelos dois momentos edípicos subseqüentes a elaboração simbólica, e na de Winnicott onde o rosto da mãe, como vimos, opera como primeiro espelho. Porém acrescenta a estes a dimensão do musical como linguagem de outro modo articulada, que permite duplamente a elaboração simbólica

Pelo acalanto, o outro se constitui como em Winnicott e Lacan, primeiro pelo olhar e voz subjetivantes especulares: o sujeito ouve e faz-se ouvir, deixa-se olhar: “[...] pelo olhar da mãe, a criança passa a existir. Não ser olhado, neste momento em que o narcisismo é essencial, é não existir” (Cavani Jorge *op cit* 1988: 76). O sujeito desperta para a existência possível, onde o olhar e voz constitutivos são matrizes. Olhar e voz revelam o encantamento do filho pela mãe e vice-versa, daí que o cenário do acalanto seja

[...] a intimidade entre a mãe e filho, sua luz é apenas suficiente para iluminar seus olhares, postos um no outro, em recíproco espelhamento. Suponha-se que a esta cena sucederá a perda do olhar mútuo, e a dor da saudade na solidão de cada um já se desenha nos traços destes dois rostos. (*op cit* 1988: 71)

O acalanto contribui a instaurar e constituir um suporte para a perda do objeto que o bebê deverá processar pela castração e simbolização da falta, pois através dele há no mínimo – sem considerar o toque - um duplo dom: a doação da palavra e da música. A autora descobriu tal simbolização aliada à musicalidade pelo acalanto. Com tal dom múltiplo, a perda não será melancólica, mas subjetivante, pois o bebê passou a ser não só alimentado por sons, imagens, voz da mãe, como por sinais lingüísticos organizados pelo mesmo processo que ocorre na aquisição da função lingüística, como se dá na Poética. O semiólogo e poeta Décio Pignatari confirma que a própria palavra pode vir em estado de música, quando o faz por meio da poesia, pois esta

cria sua própria gramática. [...] uma analógica sobre a lógica da linguagem, a projeção de uma gramática analógica sobre a gramática lógica. [...] a função poética da linguagem transforma a palavra em melodia [... como um de tantos] códigos não-verbais, musicais, visuais gestuais etc. (Pignatari 1977:14)¹¹³

¹¹³ PIGNATARI, Décio (1977) *Comunicação poética*. São Paulo: Cortez & Moraes. 59 pp..

Seja no acalanto seja em outras formas de Poética, através de tais sinais ou imagens acústicos a elaboração dá-se, não pela palavra falada ou ouvida, e sim pela *representação psíquica* destes sons como sinais lingüísticos, como Freud (1915)¹¹⁴ demonstra quanto à representação de coisa. Destes significantes ou restos/sígnicos constrói-se a partir de então a simbolização como relação com o outro e com o mundo.

O que aqui adiantamos com Winnicott (o transicional) e Cavani Jorge (o acalanto) sobre formas simbólicas ou capazes de promover a elaboração psíquica, melhor caberia depois de situados os demais dois momentos estruturais do Édipo, pois tais autores explicam em detalhe a operação psíquica e poética na passagem do dual onipotente ao castrado simbolicamente. Porém o Édipo é estrutura, dá-se não no tempo porém sincronicamente. Tenha-se isto em mente, pois a ele voltaremos com Lacan, Cassirer, Lévi-Strauss, Eco e demais fontes.

Conclui-se por ora que o olhar desenha mesmo que tenuamente os contornos do corpo no referencial imaginário. Noção que é resumida por Cavani Jorge ao enfatizar o olhar na relação mãe-bebê como cenário compartilhado onde se esboça a subjetividade:

[...] porque este olhar cuida, protege, promove [...], tocando e usufruindo voz e prazer, reconhece Um e assim dá no mínimo seu contorno, o limite de corpo. Na alteridade este Um será refratado. (Cavani Jorge *op cit* 1994: 26)

Com este referencial são estabelecidas as relações com o mundo, em que a imagem do corpo coagula imaginariamente a primeira subjetividade, de base narcísica. O olhar até aqui foi mediação imaginária promovendo o jogo de representação narcísica que permite reconhecer-se, diferenciar-se, subjetivar-se sustentado pelo Simbólico.

Em resumo, narcisismo é sempre alienação. Seja o primário, pelo qual se promovem as identificações imaginárias constitutivas dadas pela relação dual descrita neste capítulo; seja o narcisismo secundário, pelo qual dá-se, como também aqui vimos, um refluxo da libido ao eu enquanto auto-erotismo e psicose. O termo narcisismo tem sido vulgarizado e seu sentido original freudiano não contemplado por vários autores não psicanalistas, como aqui referimos.

¹¹⁴ FREUD , Sigmund (1915a) O inconsciente. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 163-222..

A imagem de corpo dá-se como algo amável, mas elabora-se como subjetividade marcada pela castração simbólica – o que veremos no capítulo seguinte referido ao segundo e terceiro momentos estruturais do Édipo.

5 O prazer que angustia

O sujeito dá-se pela linguagem. Linguagem que o antecede e o determina na lógica do desejo. A concepção freudiana do desejo refere-se à dinâmica psíquica em que o sujeito busca conjugar o vazio originado na separação (de ordem fenomênica). O sujeito segue em busca daquilo que substituiria tal falta: é o objeto, perda a simbolizar. Pela articulação dos significantes é como o desejo se conjuga. O vazio pode ser aqui entendido como condição para a formação do sujeito e, conseqüentemente, da subjetividade.

[...] a partir do momento em que dois sujeitos se dirigem e se referem um ao outro por intermédio de uma cadeia significante, há um resto, e então o que se instaura é uma subjetividade [...] em nós há um sujeito que pensa, e pensa de acordo com leis que mostram ser as mesmas da organização da cadeia significante. Este significante em ação chama-se, em nós, inconsciente, é designado como tal por Freud. (Lacan, 1957/1999:110)¹¹⁵

Trata-se da estruturação do sujeito em processo não inato, mas constituído, estruturado a partir do complexo de Édipo. Este consiste em processo de subjetivação pelo qual se é inserido na linguagem e, portanto, no Simbólico:

Finalmente, assim instaladas as subjetividades, as relações entre sujeitos dão-se pelo princípio da reciprocidade (Mauss, 1950b): por dádiva de *um*, que em troca implica em dádiva do *outro*. (Cavani Jorge, 2005a: 3)¹¹⁶

Esta seria a conclusão deste capítulo, vejamos como fundamentá-la.

No processo subjetivante, já vimos que o sujeito se constitui por uma fusão imaginária. Aqui abordaremos a separação como passagem à segunda

¹¹⁵ LACAN, Jacques (1957) Para trás, cavalinho. Em *op cit* 1999 pp 106-125

¹¹⁶ CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005a) O sagrado, o profano, o lúdico, *IVº Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. São Paulo: Sedes Sapientiae. Capturado no *World Wide Web* em. 20/07/2006 http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Ana_Lucia_Cavani_Jorge.php

estruturação edípica: a chegada do terceiro (fenomênico). Vimos que pelo olhar dava-se a alienação, como onipotência fálica. A separação representa a primeira ruptura, da qual o sujeito em formação sai sem estar só, pois levará consigo como vimos o olhar, a voz, sinais ou significantes que presentifica o outro. Estes sinais revestem o corpo: “Esses significantes são os contornos que sustentam, e lhe conferem sua permanência”. (Nasio 1993: 101)¹¹⁷

A primeira separação é de nível temporal, pelo intervalo entre necessidade e satisfação, de que já nos ocupamos. Agora enfocaremos a separação postulada por Freud como primeira: a corporal. Trata-se das fezes, representação do corpo próprio eliminado, fezes simbólicas separadas deste primeiro eu-corpo que até aí - lembremos – era eu-de-puro-prazer. Agora, no momento de predomínio anal, a oferta simbólica recai sobre os produtos fecais, ofertados como dom (talento que se doa) iniciando assim as trocas no social. As fezes são as primeiras produções do eu-corpo ofertadas ao mundo. O objeto em seu valor simbólico é entregue como presente-dádiva (Freud, 1905)¹¹⁸.

A libido que havia sido investida na zona oral, agora direcionada ao ânus como zona erógena, oferece prazer tanto por ser a doação (das fezes) bem recebida (pela mãe-mundo) como porque ocorre de a massa fecal, ao passar pelo ânus, estimular a musculatura esfinteriana (parte do corpo investida pela libido) provocando excitação. Nos *Três Ensaio*s Freud aborda esta vivência esclarecendo que:

As crianças que tiram proveito da estimulabilidade erógena da zona anal denunciam-se por reterem as fezes até que sua acumulação provoque violentas contrações musculares e, na passagem pelo ânus, pode exercer uma estimulação tensa na mucosa. Tudo isto acaba por provocar sensações prazerosas de volúpia ao lado de sensações dolorosas. (Freud, *op cit* 1905: 175)

Não se trata de desprazer, mas de prazer pela dor. Este momento é também denominado *anal-sádico*, pelo predomínio das pulsões sádicas e eróticas anais, caracterizando modos de relação que Freud diferenciou como *ativo* e *passivo*. Na polaridade ativo-passivo, a atividade está relacionada à pulsão sádica de dominação e retenção, pela recusa em ofertar os produtos fecais. A

¹¹⁷ NASIO, Juan David (1993) Terceira Lição: o conceito de objeto a. Em (1993) *Cinco Lições Sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução: Vera Ribeiro.

¹¹⁸ FREUD, Sigmund (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *op cit* 1996, vol VII pp 117-231.

passividade é sustentada pelo erotismo anal proporcionado pelo ato da evacuação dolorosa.

Os exemplos dados por Freud podem ser observados nas crianças que retêm as fezes e só as liberam no instante em que podem vivenciar plenamente a satisfação de expeli-las como dom:

Pois as fezes são a primeira dádiva da criança, uma parte do seu corpo que ela somente dará a alguém que ama, a quem, na verdade, fará uma oferta espontânea como sinal de afeição, de vez que, via de regra, as crianças não sujam os estranhos. (Freud 1917b: 139)¹¹⁹

A recusa pode ser entendida como manifestação de repúdio ao ambiente considerado hostil. Quando presenteia seu produto, significa entrar no mundo das trocas, compartilhar um produto somente seu que, quando recebido pelos pais, o é como prova de aceitação. Porém este amor pode não lhe ser dado incondicionalmente, pode estar associado a condutas rigorosas de higiene que alguns pais esperam de seus filhos quando eles próprios foram excessivamente submetidos a práticas repressivas.

Uma das exigências, comum nesse momento, é que a criança aprenda a ter controle sobre o próprio corpo. Aprender a renunciar - aos tipos sádico e masoquista de prazer corporal - em troca do amor dos pais provoca tensão, principalmente para aquelas que não se mostram eficientes nesta tarefa. A criança muitas vezes é tomada por sentimentos de culpa pela incapacidade de corresponder a tais exigências e conseqüentemente teme a possibilidade de perder o amor dos pais.

Em 1930, Freud¹²⁰ afirmará que o sentimento de culpa é um dos componentes importantes na renúncia da satisfação das pulsões libidinais encontrada no erotismo anal. Esta renúncia é estabelecida pelo medo da perda amorosa na mais tenra idade, antes mesmo da formação do supereu. Para o autor, forma-se aí uma cadeia que une amor e autoridade, modelo social ao qual o sujeito vai estar implicado para sempre. Confirma assim sua tese sobre as transformações das pulsões:

A defecação proporciona a primeira oportunidade em que a criança deve decidir entre uma atitude narcísica e uma atitude de

¹¹⁹ FREUD, Sigmund (1917b) As transformações dos instintos exemplificadas no erotismo anal. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 131-141.

¹²⁰ FREUD, Sigmund (1930[1929]) O mal-estar na civilização. Em: *op cit* 1996, vol XXI pp 65-148.

amor objetal. Ou reparte obedientemente as suas fezes, “sacrificas” ao seu amor, ou as retém com finalidade de satisfação auto-erótica e, depois, como meio de afirmar sua própria vontade. (Freud *op cit* 1917b: 139)

Estas mudanças que a criança vivencia dão a ela certos domínios do corpo, permitem uma relação mais participativa com o outro, além de uma organização da sexualidade pré-genital na qual a criança estabelece relações, mesmo que fantasiosas, com aquilo que é suposto faltar à mãe – o pênis:

Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis: rejeitam o fato [...] e depois lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois. (Freud, 1923b:159)¹²¹

Freud aqui refere-se a outra descoberta fundamental sua, a *primazia universal do falo* (op.cit.:158): todos têm falo. Esta é a primeira teoria sexual concebida pelas crianças para entender as diferenças e trocas sexuais de modo a controlar o nascimento de competidores, os irmãos (Freud 1908:190)¹²². Neste momento a curiosidade é despertada e a criança inicia sua primeira investigação intelectual, movida pela pulsão epistemofílica. A forma como estas experiências serão simbolizadas determinará o curso da relação objetal.

A criança obtém a idéia de um dano narcísico mediante uma perda corporal originária da experiência de perder o seio da mãe após sugar, e da entrega diária de suas fezes. [...] Não obstante, não se deveria falar de um complexo de castração até esta idéia de perda ter-se vinculado ao órgão genital masculino. (Freud 1923b: 160)¹²³

Freud já afirmara em 1908 e 1917 que a reação negativa do menino diante da ausência de pênis nas mulheres deve-se a que, em sua compreensão do mundo, o pênis deve ser uma parte destacável do corpo, algo análogo às fezes [...]; as buscas sexuais do menino levam-no a um substituto psíquico para ele. Quando surge em cena um bebê, ele o considera *lumf* [fezes]. (Freud *op cit* 1917b: 140)

As transposições possíveis: pênis / fezes / presente valioso / dinheiro.

¹²¹ FREUD, Sigmund (1923b) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Em: *op cit* 1996, vol XIX, pp 153-161

¹²² FREUD, Sigmund (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. Em: *op cit* 1996, vol IX pp. 191-204.

¹²³ FREUD, Sigmund (1923b) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Em: *op cit* 1996, vol XIX, pp 153-161.

[...] nos produtos do inconsciente – idéias espontâneas, fantasias e sintomas – os conceitos de fezes (dinheiro, dádiva), bebê e pênis mal se distinguem um do outro e são facilmente intercambiáveis [...] esses elementos do inconsciente são tratados muitas vezes como se fossem equivalentes e pudessem livremente substituir um ao outro. (Freud *op cit* 1917b: 136)

Freud encontrou esta *equação simbólica* com tais transposições devido à possibilidade de equivalência entre tais objetos parciais e o falo – noção central à teoria freudiana. Tal equação implica separar a representação psíquica do órgão anatômico. Já nas meninas, a descoberta do pênis no menino

[...] dá origem a uma inveja desse órgão que depois se transforma em desejo por um homem, como possuidor do pênis. Ainda antes disso o desejo de um pênis foi convertido no desejo por um bebê. (Freud *op cit* 1917b: 140)

Trata-se de um deslocamento metonímico. Isto mostra como as pulsões se transformam e transmutam de um significante a outro, transmutação apoiada em cadeias significantes.

Estabelece-se a partir daí uma relação de equivalência simbólica entre elementos e a capacidade de substituição de um elemento (significante) para outro, o que se denomina *primazia do falo*:

O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo, [...] o interesse nos genitais e em sua atividade, adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. (Freud *op cit* 1923b: 158)

No que se refere à criança, ela transfere seus impulsos sexuais para um único objeto, o órgão sexual masculino; atribui um pênis a todos, sem distinção pois entra em consideração apenas como diferenciador – o falo.

Na psicanálise o uso deste termo sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo *pênis* é, sobretudo, reservado, para designar o órgão na sua realidade anatômica. (Laplanche e Pontalis 1998: 166-167)

Detivemo-nos na questão da primazia do falo – pois é a *posição de objeto* em que este é colocado que define os momentos no complexo de Édipo. Este é fenômeno central da primeira infância quanto à administração dos investimentos

pulsionais, onde o falo é imaterial definidor da sexualidade. Sobre o investimento no falo Freud afirma:

[...] ele sucumbe à regressão¹²⁴ e é seguido pelo período de latência. O menino encara a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado. (Freud, 1924:193)¹²⁵

O falo como significante “impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele [... no desejo do Outro]. É como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo” (Lacan, 1958/1998: 700)¹²⁶. Isto revela que desde o primeiro instante o Imaginário estará presente na fala (da mãe, por exemplo) mas aquém da interdição que determinará o discurso e a subjetivação propriamente dita. Agora, com a primazia do falo, o Imaginário estará submetido ao Simbólico.

O objeto ilusório não exerce sua função no sujeito humano como imagem [...]. Ele a exerce como elemento significante, preso numa cadeia significante. [...] O sujeito se identifica imaginariamente com ele [...]. Ele é axial, central, em toda a dialética das perversões, das neuroses e até, pura e simplesmente, do desenvolvimento subjetivo. Ele tem um nome. Chama-se falo. (Lacan 1958/1999:240)¹²⁷

A teoria freudiana revela então que o *falo* não é o objeto, menos ainda o órgão (pênis ou clitóris), e compreende-se que a função lógica do falo nasça articulada ao complexo de castração: substitui-se a primazia dos órgãos pela primazia do falo.

No circuito pulsional já se insinua a falta do objeto. Sobre o conceito lacaniano de *objeto a*, “este símbolo *a* não representa a primeira letra do alfabeto, mas a primeira letra da palavra *outro* [*autre*]” (Nasio *op cit* 1993: 92). Este *outro* é o que se busca re-encontrar, reconquistar na ruptura da completude narcísica: “O desejo aí se presentifica pela perda imajada ao ponto mais cruel, do objeto” (Lacan, 1964/1993: 60)¹²⁸. Na falta, o sujeito terá que se reconhecer. O elemento articulador desse complexo estruturante é o falo em sua função imaginária.

¹²⁴ Nota da orientação: provavelmente trata-se de erro tipográfico. O conceito que aí faz sentido nesta tradução seria o de *repressão* que como vimos com Carone, melhor corresponde ao original alemão enquanto *recalque*.

¹²⁵ FREUD, Sigmund (1924) A dissolução do complexo de Édipo. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 189-199.

¹²⁶ LACAN, Jacques (1958) A significação do falo. Em *op cit* 1998 pp 692-703.

¹²⁷ LACAN, Jacques (1958) Da imagem ao significante no prazer e na realidade. Em *op cit* 1999 pp 221-240.

¹²⁸ LACAN, Jacques (1964) Da rede dos significantes. Em *op cit* 1993 pp 45-54. O termo destacado e grafia são conforme tal tradução.

No significante, podemos contentar-nos em situá-lo [o falo] assim – é um objeto metonímico. Em virtude da existência da cadeia significante, ele circula de todas as maneiras [...] sendo no significado aquilo que resulta da existência do significante [...], este significado assume para o sujeito um papel preponderante, que é o de objeto universal. (Lacan, 1958/1998: 207)¹²⁹

A criança descobre tragicamente, na ausência de *falo* na mãe, a própria não onipotência. “Aqui, esboroa-se a relação dual, pois o bebê descobre que não é falo bastante de sua mãe, e imaginariza haver um outro falo mais potente: atribui-o ao terceiro fenomênico representado pela figura paterna” (Cavani Jorge, *op cit* 2005b). Para o par dual isto é a castração: este terceiro (pai) torna-se o detentor do falo, e onipotentemente (como é marca do falo) pode agora punir o bebê por todo o prazer antes usufruído. Daí Lacan denominar o segundo momento do Édipo de momento do *pai terrível*. Trata-se da vivência do horror, pura e simplesmente: “uma ameaça de que esta parte dele, que tão altamente valoriza, lhe será retirada”. (Freud *op cit*:194)

Freud afirma a importância destas “experiências inevitáveis aflitivas, que agem em oposição ao conteúdo do complexo (Freud *op cit* 1924:193)”. A experiência vivida pela intrusão é nomeada como dimensão paterna pela mãe: “é de mulheres que emana a ameaça, [...] elas buscam reforçar sua autoridade por uma referência ao pai” (Freud *op cit*:194). Focaliza-se aqui o caráter de nomeação e não de ameaça, pois a primeira é já suficiente.

É então na relação imaginária mãe-filho - do primeiro momento do Édipo - que incidirá neste segundo momento edipiano a castração simbólica pela intervenção do Nome-do-Pai - em nome de libertar a criança da captura imaginária no desejo da mãe:

[...] o pai intervém em diversos planos, antes, de mais nada, interdita a mãe. Este é o fundamento, o princípio do Complexo de Édipo, é aí que o pai se liga á lei primordial da proibição do incesto. (Lacan *op cit* 1958/1998: 174)

É o momento da angústia:

Angústia do meu desejo; angústia, outra face do meu desejo tal como se fala da frente do verso de uma mesma folha, de cara e coroa de uma mesma moeda. A angústia seria o aspecto inconciliável do desejo, de todo desejo e, no melhor dos casos, o

¹²⁹ LACAN, Jacques (1958) A significação do falo. Em *op cit* 1998 pp 692-703.

restante reduzido ao mínimo, mas o restante inconciliável deste. (Laplanche 1987:142)¹³⁰

Se *castração* é o tema do segundo momento do Édipo, o terceiro momento será o da simbolização – ninguém será o falo - quando a criança organiza o seu eu, estruturando-se como sujeito desejante . Sobre isto, Freud (1923^a:159)¹³¹ registra: “a falta de um pênis é vista como resultado da castração, e agora a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria”. Sendo assim, o último momento do Édipo, representa tanto para o menino, quanto para a menina, angústias diferenciadas em relação ao *objeto perdido*, e à onipotência fálica. Ao renunciar ao falo materno, origina-se no menino a dialética do ter superando-se a do ser o falo. A dialética do ter possibilitará as trocas, e marca o declínio do complexo do Édipo e entrada no período de latência. Segundo Cavani Jorge (2005a):

Na dialética pulsional, há três posições possíveis e virtualmente sincrônicas em que o sujeito coloca o falo para chegar a tal realização do desejo: 1) o eu é falo (fruição narcísica, eu-de-todo-prazer): tu=eu, eu=tu (fusão inicial, *apoiada* no duplo instinto de preservação mediato e imediato; 2) um outro é falo: entrada do terceiro fundante, cria-se a tríade fenomênica / o quadrângulo lógico)*Nome do Pai*, função lingüística da metáfora paterna); organizando-se a paranóia (como reverso e retaliação ao eu onipotente de todo-prazer; o mundo era já não-eu, e *todo-desprazer*; agora é perseguidor): Freud, 1908; 1924b); 3) falo ninguém é, mas todos podem tê-lo como *lugar* dentro da Lei – *lei de interdição do incesto* (Lévi-Strauss 2003; Freud 1913; Lacan 1958). Instalam-se as diferenças (inclusive quanto às identificações sexuais) e as trocas (de bens, de gestos, de movimentos, de palavras) entre os diferentes (alteridade). (Cavani Jorge, 2005a: 2-3)¹³²

O momento estruturante pode ser tomado como uma crise narcísica, na vivência da ruptura, transformação / perda que toda mudança pode provocar, na sua própria estranheza, na limitação, no impacto social da partilha com o outro.

¹³⁰ LAPLANCHE, Jean. Problemáticas I – A angústia. São Paulo : Livraria Martins Fontes, 1987. p. 142.

¹³¹ FREUD, Sigmund (1923a) O ego e o id. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 13-80.

¹³² JORGE, Ana Lucia Cavani (2005a) O sagrado, o profano, o lúdico , *op cit*

5.1 Subjetividade possível

A interdição ao par dual feita em nome do recém-chegado (o *pai*) instaura a perda que no processo imaginário possibilita a castração. No registro Simbólico (a linguagem significa a morte do referido), a onipotência fálica (ou significado) é para sempre recalcada. Trata-se do que Freud postulou como recalque originário. Só quando o sujeito atravessa esta operação da castração enquanto perda simbolizada, interdição do prazer sem limite, é que funda-se o Inconsciente como estrutura integrando a significação fálica.

No primeiro momento do Édipo segundo Lacan, o outro (mãe) o reconhece (ao bebê) em suas necessidades. O estatuto deste *outro* quando imerso na estrutura significante que antecede a criança, pelo confronto à interdição transforma-se em Outro:

[...] o que é esse outro, Outro que é de certo modo o correlato do sujeito. Aqui encontramos afirmada essa correlação numa verdadeira necessidade inscrita no fenômeno. (Lacan, 1957: 110-111)¹³³

Outro que escrito com maiúscula, alude a um lugar e não a uma entidade ou pessoa. Lugar a ser entendido como a ordem dos elementos significantes que articulam o inconsciente e marcam a determinação simbólica do sujeito. Daí Lacan dizer que o inconsciente é o discurso do Outro, e a linguagem, sua condição. (Leite e Cesarotto, 1985:53)¹³⁴

Pela dimensão simbólica faz-se a passagem da relação dual. Daí em diante o sujeito estará submetido à Lei pela intervenção do Nome-do-Pai – significante que marca - a função simbólica do pai. Este aparece, como diz Lacan pela

[...] lei que não é a dela [mãe], mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser

¹³³ LACAN, Jacques (1958) Os três tempos do Édipo, I e II. Em *op cit* 1999 pp 185-220

¹³⁴ LEITE, Márcio Peter Souza e CESAROTTO, Oscar (1985) *Jacques Lacan: através do espelho*. São Paulo: Brasiliense, 93 p.

isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai. (Lacan, 1958/1999:199)¹³⁵

O pai intervém a título de mensagem por ditar a lei à mãe, mensagem esta recebida pela criança e que enuncia uma proibição, “não é simplesmente o *Não te deitarás com tua mãe*, já nessa época dirigida à criança, mas um *Não reintegrarás teu produto*, que é endereçado à mãe (*op cit*:209). É interditor tanto da mãe quanto do filho, provocando uma dupla privação, à mãe e ao filho como complemento fálico um do outro.

Em outro momento Lacan reafirma: “O pai é um significante que substitui outro significante, e aí está o alcance, o único alcance essencial do pai ao intervir no Complexo de Édipo” (1958/1999:180)¹³⁶. O pai é o suporte da Lei, e sua função é determinada em torno da metaforização do *Nome-do-Pai*, operação lingüística responsável pelo recalque originário onde tal Nome entra como significante na equação simbólica freudiana acima descrita. Linguagem e inconsciente se equivalem: o inconsciente é linguagem, o operador recalcante é o Nome-do-Pai.

A interdição estrutura o acesso da criança à ordem simbólica, fazendo com que o falo se situe como o lugar a ser preenchido pelo desejo, que daí se “eterniza na Linguagem e no Inconsciente” (*op cit*:167). A criança pela função paterna é forçada a aceitar não ser o falo e também não tê-lo tal qual a mãe o que explica o período de latência.

No terceiro momento do Édipo, e pela interdição operada pela castração simbólica, a proibição do incesto é eixo subjetivo de algo que já não se faz presença e na ausência é representado. Tal ruptura é libertação se representada na linguagem: o sujeito rompe e sai com a palavra e pela palavra. É nesse momento que o sujeito tem a chance de se *reconhecer*, o que permite ser ele autor de seu próprio desejo, conforme Cavani Jorge (2005a)¹³⁷.

Agora seu desejo liberto possivelmente dirija-se a objetos substitutos, possibilidade dada pela linguagem como cadeia significante, *lugar* de uma liberdade possível em busca de novos sentidos. O sujeito a saber é [...] o sujeito

¹³⁵ LACAN, Jacques (1958) Os três tempos do Édipo, I e II. Em *op cit* 1999 pp 185-220.

¹³⁶ LACAN, Jacques (1958) A metáfora paterna. Em *op cit* 1999 pp 166-184

¹³⁷ Jorge, Ana Lucia Cavani (2005a) O sagrado, o profano, o lúdico, *op cit*

determinado pela linguagem e pela falta [...] começa no lugar do Outro [...] é lá que surge o primeiro significante”. (Lacan 1964/1993: 187)¹³⁸

É na dialética da falta, ao se transformar em demanda de amor operada pelo desejo, que o Simbólico se pronuncia. Para Lacan o Real é o lugar da falta, aquilo que escapa ao simbólico, aquilo que é impossível de ser simbolizado: “[...] aquilo que está para além de toda significação possível é, especialmente, a presença real” (Lacan 1961/1992: 258)¹³⁹.

É o trajeto da pulsão que articula seus elementos numa espécie de círculo que somente contorna o objeto: “O real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar – a este lugar onde o sujeito, na medida em que cogita, onde a *res cogitans*, não o encontra” (Lacan, 1964/1993: 52)¹⁴⁰. Esta tentativa é para sempre organizada pelo desejo, de tal modo que a insatisfação mantém o deslizamento constante na busca da coisa. É nesse momento que se instaura o desejo.

O que é o desejo? O desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica. (Lacan, 1957/1999: 96)¹⁴¹

Lacan procura os modos de simbolizar a castração e de delimitar o campo do outro, e descobre os três registros psíquicos: o real, imaginário, e simbólico (1957)¹⁴². Representa-os em uma escritura borromeana¹⁴³ que os enlaça.

Através da topologia R.S.I. Lacan descreve a forma borromeana de atar os três registros: “[...] só encontrei uma única forma de dar sentido a estes três termos, Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó borromeano” (Lacan, s/d:5)¹⁴⁴. Neste, os círculos são esvaziados, sendo preciso levar em consideração o que os circunda.

O nó é formado por três aros, que representam os três registros do

¹³⁸ LACAN, Jacques. (1964) O sujeito e o outro: a alienação. Em *op cit* 1993 pp 193-204

¹³⁹ LACAN, Jacques (1961) A presença real, pp 246-258. LACAN, Jacques (1992) *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Dulce Duque Estrada. 386 pp. Original de 1960-1961, primeira publicação 1991, Paris: Seuil. 386 pp

¹⁴⁰ LACAN, Jacques (1964) O inconsciente e a repetição. Em *op cit* 1993 pp 21- 65.

¹⁴¹ LACAN, Jacques (1957) O pouco-sentido e o passo-de-sentido. Em *op cit* 1999 pp 87-105.

¹⁴² LACAN, Jacques. (1957-1958). *Para trás cavalinho*. Em: O Seminário. Livro 5. *As formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques - Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar p. 110-11.

¹⁴³ Na topologia do nó borromeano os registros R. S. I se apresentam unidos num tipo de nodulação em que os elos, pelo menos três, estão amarrados uns aos outros de tal forma que, se um desatar todos os outros se desligam simultaneamente. Coutinho, Jorge (2000, p. 94). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

¹⁴⁴ LACAN, Jacques (s/d) *R. S. I. Le Séminaire 1974 -1975 (inédito)*, publicação bilíngüe privada, para estudos do Campo Freudiano).

aparelho psíquico: o Real (impossível de ser nomeado, inapreensível), o Simbólico (campo dos significantes organizados pela Lei de interdição) e Imaginário (campo do significado, da imagem). Neste tipo de nó, basta cortar uma das argolas para que todas as outras se soltem, desfazendo-o. É modelo conforme Lacan para o funcionamento psíquico. Não havendo um entrelaçamento entre estes três registros, graves conseqüências afiguram-se na relação do sujeito com o mundo.

Só ao final do Complexo de Édipo, diz-se propriamente do sujeito, pois o recalçamento originário funda o Inconsciente, e o desejo articula-se em torno da falta. Isto é, o sujeito agora dividido (consciente-inconsciente) torna-se desejante, suporta a diferença e está habilitado a trocas.

O processo de separação segue seu curso de forma espiral, risco exercitado através das brincadeiras nas quais as crianças elaboram as questões que lhe são penosas. O jogo do *Fort-da* descrito por Freud é um bom exemplo desta tentativa de elaboração presente desde cedo na brincadeira infantil. Freud observou o neto no jogo do carretel o qual amarrado ao barbante era arremessado pela criança fazendo aquele desaparecer por entre as cortinas, puxando-o de volta e saudando seu reaparecimento.

O processo repetitivo de atirar o objeto para longe seria uma maneira de lidar com a ausência da mãe, com o desprazer da separação e, puxá-lo de volta, uma forte tendência de dominação no sentido de manter uma constância do princípio de prazer, momento no qual a criança passa da passividade de observador para a atividade do jogo. Assim, o lúdico serve ao princípio de prazer e certa força brota dessa ação criadora, que permite à criança exercitar algum controle em situações cujo domínio está fora de seu alcance:

Isto porque, no caso, a criança, afinal das contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta. [...] e assim procedendo, ab-reagem à intensidade da impressão, tornando-se, por assim dizer, senhoras da situação. (Freud, 1920: 27)¹⁴⁵

Freud afirma que o desprazer experimentado é reconhecido psicicamente como um perigo. Através da brincadeira a criança constrói um sentido para a experiência inicial de angústia, diante do enigma que se coloca com a ausência

¹⁴⁵ FREUD, Sigmund (1920) Além do princípio de prazer. Em: *op cit* 1996., vol. XVIII, pp 11-75

da mãe. Vimos no capítulo 4 dois fenômenos complexos – o brincar e o acalanto – pelos quais dá-se a elaboração psíquica em lugar da vivência do puro horror que o abandono gera. O brincar permite lidar com experiências aflitivas. No jogo do *fort-da* opõe-se a simbolização à falta, a simbolização representando a presença / ausência da mãe.

Fort, que a versão inglesa traduz por “*gone*”, participio passado do verbo *to go*, “ir, partir”, é advérbio utilizado com o mesmo sentido de nosso complemento circunstancial *embora*, normalmente empregado na expressão “ir embora”. (Freud 1920: 25)¹⁴⁶

Tornar-se sujeito pela simbolização (elaboração simbólica) através do exercício lúdico para elaborar a ausência e separação tem característica universal. Dois exemplos foram apresentados anteriormente, o brincar e o acalanto (capítulo 4) como ilustração à elaboração psíquica, ademais exemplificando ser o Édipo sincrônico e não seqüencial.

O processo da elaboração insere o sujeito no código da linguagem – daí a expressão elaboração simbólica -, instrumenta-o para enfrentar as dores do viver, podendo falar dessa dor e compartilhá-la, pois então se tornou portador de um código compartilhado. Em momento de crise, como o da separação, novamente o sujeito sente-se despedaçado. Isto traz a revivência de outra dor há muito esquecida, a castração.

Trata-se no terceiro momento do Édipo também da formação do superego, que pronuncia um complexo de restrições tanto do material pulsional edipiano, quanto da ordem social pela introdução da Lei. Após a castração, o que resta da vivência é um resto de presença, marca do prazer original e de uma nova posição subjetiva. O conteúdo inconsciente retorna na linguagem, e a dinâmica dos conteúdos inconscientes é código pelas deformações a que o inconsciente é submetido no discurso – decodificável pela Semiótica Psicanalítica. Nestas condições onde o recalque faz fronteira, o retorno do recalcado fará sua aparição.

¹⁴⁶ Cf. nota de rodapé em FREUD, Sigmund (1920) *op cit*

6 Quando o outro me surpreende

A separação marca a experiência do humano desde a mais tenra idade, com as primeiras renúncias pulsionais; é processo acompanhado de penosos sentimentos vividos sob a forma de uma ferida narcísica.

O recalçamento vem cumprir função de um tipo especial de defesa (*Verdrängung*)¹⁴⁷ do sistema psíquico como um todo: “Há uma força na mente que exerce as funções de censura e que exclui da consciência e de qualquer influência sobre a ação todas as tendências que a desagradam”. (Freud 1926: 256)¹⁴⁸

O recalçamento constitui-se em três tempos.

O primeiro é o *recalque originário* e dá-se pela metaforização do Nome do Pai, operação de linguagem provocada pela interdição do incesto que intervém no Édipo, como vimos, e constitui o Inconsciente. Para que o recalque se constitua deve haver alguma renúncia pulsional.

Só os *representantes-representação* (idéias, imagem, etc.) da pulsão são recalçados. Estes elementos representativos estão ligados ao recalque primário, quer provenham dele, quer entrem com ele em conexão fortuita. O recalque reserva a cada um deles um destino distinto *inteiramente individual*, segundo o seu grau de deformação, o seu afastamento do núcleo inconsciente ou seu valor afetivo. (Laplanche e Pontalis, 1998: 433)

Na dinâmica do recalque há um segundo modo que “afeta os derivados mentais do representante reprimidos ou sucessões de pensamento que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele”

¹⁴⁷ Tipo especial de defesa própria da fundação do Inconsciente pelo recalque originário, e protótipo de outros tipos de defesa para Freud.

¹⁴⁸ FREUD, Sigmund (1926) *Psicanálise*. Em: *op cit* 1996, vol XX pp 249-259.

(Freud, 1915c:153)¹⁴⁹. O recalçado originário segundo Freud atrai e nucleia outros, tornando os significantes - que quando em cadeia significavam – agora inconscientes, desarticulados e fragmentários; é o *recalque secundário*. Tal processo é dinâmico enquanto possibilidade dada pela cadeia associativa.

Um terceiro momento da dinâmica do recalque é o do *retorno do recalçado* enquanto sintoma, atos falhos etc: “é o próprio recalque que produz formações substitutivas e sintomas, mas estes últimos são indicações de um retorno do recalçado” (*op cit*:159). Logo, a presença do sintoma é decorrente do fracasso na operação do recalçamento secundário. A estranheza que provoca seria a marca do retorno inesperado, assustador enquanto Real (isto é, não simbolizado).

Adiante retomaremos o retorno do recalçado. Antes, cabe pensar como se dá a fundação do sistema Inconsciente como operação de linguagem, e suas características.

O inconsciente forma-se como efeito do recalque. Não é um depósito nem dicionário, não é órgão nem neurônio mágico: o *Ics* é sistema de sinais fragmentários disponíveis ao investimento libidinal – traços que se assim investidos e articulados com vistas a reviver a satisfação, a Psicanálise denomina desejo (*idem* Nota 41).

No inconsciente, a coisa (*res*) é representada por um conjunto de traços *mnêmicos*, sons, imagens que quando associadas à representação de palavra inscreve-se no sujeito pela falta, que o desejo articula. A coisa em si não se pronuncia, a função da palavra é evocar a própria coisa ausente e sendo assim o indizível se inscreve no sujeito pela linguagem.

O inconsciente abrange por um lado, atos que são meramente latentes, temporariamente inconscientes, mas que em nenhum outro aspecto diferem dos atos conscientes, e por outro lado, abrange processos tais como os reprimidos, que, caso se tornassem conscientes, estariam propensos a sobressair num contraste mais grosseiro com o restante dos processos conscientes. (Freud, 1915a:177)¹⁵⁰

O sistema Inconsciente mantém os representantes pulsionais (traços ou significantes) quando desinvestidos de energia, significantes os que se encontram latentes sem alcançar a consciência, mas prontos a surgir na dinâmica do desejo.

¹⁴⁹ FREUD, Sigmund (1915c) Repressão. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp . 145-162

¹⁵⁰ FREUD, Sigmund (1915a) O inconsciente. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 163-222.

O termo inconsciente, que foi empregado antes no sentido puramente descritivo, vem agora a implicar algo mais. Designa não apenas as idéias latentes em geral, mas especialmente idéias com certo caráter dinâmico, idéias que se mantêm à parte da consciência, apesar de sua intensidade e atividade. (Freud, 1912: 281)¹⁵¹

As idéias latentes atualizam-se na consciência mas não sem antes passarem pelo mecanismo de deformação e são apresentados como certa deficiência das funções defensivas. Com isto Freud propõe as características do inconsciente como processos fundamentais e específicos: não tem nenhuma referência ao tempo, pois não são ordenados temporalmente e não se alteram; não se dá neste sistema nenhuma negação.

Do mesmo modo os processos *Ics* dispensam pouca atenção à *realidade*. Estão sujeitos ao princípio do prazer; seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer. (Freud 1915a: 192)¹⁵²

A dinâmica psíquica como anteriormente apresentada ocorre em função do desejo. A energia libidinal direcionada para a satisfação num dado momento é guiada pelo princípio da realidade resultante da simbolização.

Como se dá o recalçamento originário, e a fundação do *Ics*? Temos dito que se trata de operação de linguagem, pela metaforização do Nome-do-Pai. Só quando a metáfora paterna introduz e simboliza a Lei da Interdição, é que o sujeito integra como estrutura inconsciente a significação fálica. Tentaremos descobrir também porque o Inconsciente não apenas ocorre *pela* linguagem (Freud) mas *é* linguagem (Lacan). Cabe portanto uma revisão sobre linguagem e estrutura para fundamentar tal ponto de vista, e aprofundar em seguida a surpresa que o retorno do recalçado promove. Passemos a isto.

Segundo Santaella, “o homem só conhece o mundo porque de alguma forma o representa e só interpreta esta representação numa outra representação” (1989: 70)¹⁵³. Portanto é na linguagem que tal possibilidade é dada.

A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; pode

¹⁵¹ FREUD, Sigmund (1912) Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XII pp 273-285.

¹⁵² FREUD, Sigmund (1915a) O inconsciente. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 163-222.

¹⁵³ SANTAELLA, Lúcia (1986) *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. 4ª edição. 115 pp.

engravidar a histórica, identificar-se com o objeto do *Penis-neid*, representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento. (Lacan, 1953/1998: 302)¹⁵⁴

Pela operação da metáfora, entrelaçam-se imaginário e simbólico. O semiólogo Umberto Eco o diz em *Sobre os espelhos* pela reflexão sobre a fronteira entre imaginário e simbólico: “no momento em que se delineia a ‘virada’ do eu especular para o eu social, o espelho é a ‘encruzilhada estrutural’ ou como dizíamos, fenômeno-limiar”. (1989:13)¹⁵⁵

A conceituação lacaniana fundamenta-se na concepção estruturalista: os fenômenos humanos em sua especificidade organizam-se na forma de estrutura pela posição de seus elementos, isto é, pela sua função em relação ao todo:

[...] o todo não é a soma das partes, nem um conjunto de relações causais entre elementos isoláveis, mas é um princípio ordenador, diferenciador e transformador. (Chauí, 1999, 274)¹⁵⁶

A estruturação do ser falante diz respeito à sua possibilidade de simbolização:

[...] os significantes, articulados entre si, obedecem ao duplo movimento de ligação (metonímia) e substituição (metáfora). A metonímia é a conexão que mantém ligados, à maneira de uma cadeia, um significante com outro, um elo com outro. (Nasio 1993: 57)¹⁵⁷

É operação lógica envolvida na constituição dessa estrutura.

O recalcado primordial é um significante, e o que se edifica por cima para constituir o sintoma, podemos considerá-lo como um andaime de significantes. Recalcado e sintoma são homogêneos, e redutíveis a funções de significantes. Sua estrutura, embora ela se edifique por sucessão como todo edifício, é contudo, no fim, inscritível em termos sincrônicos”. (Lacan, 1964/1985:167)¹⁵⁸

Tal sincronia é de acordo absoluto com a descoberta freudiana de inconsciente não concebendo qualquer ordem temporal, o que anula a ordem seqüencial das teorias de desenvolvimento antigas.

¹⁵⁴ LACAN, Jacques (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *op cit* 1998 pp 238-324.

¹⁵⁵ ECO, Umberto (1989) Sobre os espelhos, em: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Tradução de Beatriz Borges, pp 11-37.

¹⁵⁶ CHAUI. Marilena (1999) *Convite à Filosofia*. São Paulo: Atica. 12ª edição, 440pp

¹⁵⁷ NASIO, Juan David (1993) *Cinco Lições Sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução: Vera Ribeiro.

¹⁵⁸ LACAN, Jacques (1964) A pulsão parcial e seu circuito. Em *op cit* 1993 pp 165-176

O conceito teórico e clínico de complexo de Édipo é apresentado por Cavani Jorge (2005a:1)¹⁵⁹ diferenciando dois aspectos, o fenomênico e o estrutural. Como estrutura, é invisível e a-histórico, é forma vazia a ser preenchida pelo fenômeno. Este é histórico, “cada manifestação concreta de uma estrutura”. Portanto estrutura é um conceito abstrato a explicar a relação entre elementos, num todo dinamicamente organizado. O Édipo diz respeito à história do sujeito (fenômeno) e como este se posiciona em relação ao falo (estrutura). Conforme a “posição [de objeto] em que o falo é colocado pelo sujeito [...] ocorrerá a realização do desejo”. (*op cit:2*)

Um dos referenciais conceituais mais radicais utilizados nesta dissertação para entender a estruturação do sujeito foi tomado ao semiólogo Umberto Eco. É o conceito de *estrutura ausente* que o autor define como o vazio inaugural, originário, caracterizado pela ausência de estrutura. É como o silêncio, que retrata a ausência da palavra, mas constitui-se ao mesmo tempo no lugar da palavra. Eco (2003)¹⁶⁰ radicaliza e aborda a estrutura como ausente, e ilustra com ao complexo edipiano como dialética no jogo das diferenças. Nessa obra o autor diz que há um vazio inaugural, uma inexistência de estrutura.

Estrutura é aquilo que ainda não existe. [...] só se revelará através de sua própria ausência progressiva. [...] enquanto ausente, a estrutura constitutiva de toda outra estrutura, não está estruturada. Se assim aparecer, é sinal de que por baixo dela ainda existe uma estrutura mais definitiva, mais ausente, se é que é permitido exprimir-nos de tal modo (e é). (Eco, 2003: 323)

Ao falar da dialética entre o particular e o universal, Chauí (1975)¹⁶¹ afirma: “[...] nenhum de nós pode se considerar o caso particular do Édipo. Cada um de nós é a encarnação do Édipo” (Chauí 1975: 34). O Édipo enquanto estrutura é a forma universal de representação desta organização pulsional, ao passo que o conteúdo da estrutura ausente será particularizado como fenômeno nas vivências, depois simbolizado pela linguagem que re-significará a história deste sujeito. Lacan (1975) apresenta o Édipo como estrutura simbólica.

¹⁵⁹ CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005a) O sagrado, o profano, o lúdico, *IVº Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. São Paulo: Sedes Sapientiae. Capturado no *World Wide Web* em. 20/07/2006 http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Ana_Lucia_Cavani_Jorge.php

¹⁶⁰ ECO, Umberto (2003) *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo. Perspectiva. 7ª edição, 426 pp

¹⁶¹ CHAUI, Marilena (1975) *Introdução ao estruturalismo (mimeo, apostila de aulas)*.

Não consideramos o fato da interdição do incesto como histórico. [...] Não é histórico, é estrutural. Estrutural, por quê? Porque há o Simbólico. O que se deve bem perceber é que é no buraco do Simbólico onde consiste este interdito [...] eu, não chamo tanto de complexo de Édipo, não é tão complexo assim, chamo isto de o Nome do Pai. O que só quer dizer o Pai enquanto Nome [...]. (Lacan, 1975:64) ¹⁶²

Eco ao falar da estrutura da determinação, questiona se “o logos, que se manifesta no inconsciente, enquanto discurso do outro, não será então a cadeia significativa, a linguagem nas suas leis constitutivas que se torna própria estrutura da determinação”? (Eco, 2003: 328).¹⁶³ Assim, reconhece-se que o que determina a estrutura do sujeito é o Outro, que no jogo dialético da constituição da subjetividade, se faz presença pelas tramas simbólicas presentificadas na linguagem.

Ao explicar a angústia de castração¹⁶⁴, Freud a refere ao segundo momento do Édipo e outras vivências difíceis de o sujeito integrar como próprias. estudou a angústia relativa à inibições e sintomas, e considera que a palavra angústia ao contrário do que ele supunha em seus primeiros escritos, não é uma libido transformada pelo efeito do recalque e sim, uma reação do eu diante da possibilidade das situações de perigo (1926)¹⁶⁵. Isto aponta a de que o recalque ocorre em razão de o Eu não aceitar os sinais apontados através da angústia. As situações traumáticas decorrem do acúmulo de excitação com a qual o sujeito não consegue lidar, traduzindo-se como uma experiência de desamparo.

O estudo pela Psicanálise dos sonhos e das fantasias que envolvem o retorno de complexos infantis recalcados, revela resíduos psíquicos arcaicos já superados mas sempre atualizados, em forma de aparição fantasmagórica. Conceitualmente trata-se de aparição fantasmática cujo registro se encontra na dinâmica do fantasma e do registro do Real em consequência da dinâmica dos conteúdos inconscientes / conscientes, recalcados ou retorno do recalcado. O termo *fantasme* é traduzido do alemão *phantasie* e aparece em Laplanche e Pontalis (1992: 169) como fantasia designando:

¹⁶²LACAN, Jacques (s/d) R. S. I. *Le Seminaire 1974 -1975 (inédito)*, publicação bilíngüe privada, para estudos do Campo Freudiano

¹⁶³ ECO, Umberto (2003) *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo. Perspectiva. 7ª edição, 426 pp.

¹⁶⁴ Angústia é traduzida na Edição Standard Brasileira como ansiedade.

¹⁶⁵ FREUD, Sigmund (1926 [1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. Em: *op cit* 1996, vol XX pp 79-167.

Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. (Laplanche e Pontalis 1992: 169)

Uma das formas de retorno do recalcado é o horror e pode referir-se à separação que é então sentida como despedaçamento do corpo. A separação traz dor latejante da saudade (ver de Chico Buarque, *Pedaços de mim*) pela perda da relação prazerosa cujo protótipo é a relação inicial. Por carregar resquícios narcíseos de vivências primitivas de satisfação e também de vivências de ruptura – ambas como vimos importantes para a subjetivação – o sujeito surpreende-se quando projeta ao outro o lugar marcado pela interdição. O retorno do recalcado dá-se apesar de tal interdição, com todos os riscos que tal subversão da estrutura implica.

O retorno de um conteúdo recalcado vem marcado com o sinal de angústia. Os restos das vivências (traços *mnêmicos*) voltam por associações lingüísticas provocadas por um novo acontecimento.

Uma das formações que mais desencadeia a angústia é o confronto com algo de si que apareça como não-eu. Ocorre com o duplo, os autômatos ou como o estranho como se apresenta os neuróticos.

Freud aplicará a Psicanálise, além de a casos clínicos, a textos literários relacionados a vivências de estranheza. Para o autor, o estranho é “aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho e há muito familiar” (Freud, 1919: 238)¹⁶⁶.

[...] este fenômeno, sujeito às determinadas condições e combinado a determinadas circunstâncias, provoca indubitavelmente uma sensação estranha, que, além do mais, evoca a sensação de desamparo, experimentada em alguns estados oníricos. (Freud *op cit* 1919: 254)

Compreender este conceito, com o conhecimento teórico da Psicanálise, é avançar na direção do objeto deste estudo, o eu-corpo, que de familiar pode tornar-se estranho, com tudo quanto há aí de espantoso. O autor esclarece a ambigüidade que envolve a palavra alemã para estranho, *Unheimlich*:

Heimlich é a palavra alemã que engloba dois conjuntos de idéias que, sem serem contraditórias apresentam-se de

¹⁶⁶ FREUD, Sigmund (1919) O estranho. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 235-269.

forma diferente. Assim, significa por um lado, o que é familiar e agradável e por outro o que está oculto. Sendo assim, o termo *Unheimlich*, que seria o contrário da primeira versão do *Heimlich* e, portanto, uma significação do estranho, visto que este se caracteriza exatamente por algo que era familiar e se torna subitamente estranho. (*op cit.* 243)

O estranho enquanto retorno do recalcado é aí ilustrado por Freud pelo conto fantástico de Hoffmann intitulado *O homem da areia*. O tema principal é a personagem de um homem que joga areia e arranca olhos das crianças caso as encontrasse com os olhos abertos. No conto, esta estória é narrada pela mãe de Nataniel, personagem de menino que já adulto será assombrado pelas recordações da infância com as histórias do homem da areia.

O fenômeno do duplo enquanto duplicação, divisão e estranho, presente nos reflexos, sombras e no medo da morte é abordado segundo Freud por Otto Rank e retificado pelo primeiro para mostrar que a criação do duplo é uma forma de defesa narcísica: “tais idéias, no entanto, brotaram do solo do amor-próprio ilimitado do narcisismo primário.” (Freud *op cit.* 252)

Por ser uma criação que responde à função de defesa contra a morte como aspecto infantil (medo da castração) enquanto proteção, quando superado este momento o duplo passa a ter uma função oposta. Seu retorno mostra-se também em acordo pela ambigüidade das palavras *Unheimlich / Heimlich*.

Neste complexo processo de constituição o familiar era a garantia de completude e segurança exemplificada no narcisismo primário, momento denominado por Freud (1914)¹⁶⁷ de auto-erotismo. O sujeito lá se constitui separando-se. De início sente a fragmentação do corpo, como vimos na descrição do estádio do espelho. Esta metade fragmentada pode retornar como duplo e fantasma do próprio Eu, despertando um sentimento de estranheza. A estranheza aparece quando o sujeito imaginariza que parte dele encontra-se no mundo, projetada fora dele. De fato trata-se mais do que Imaginário. Está em jogo o conceito freudiano de realidade psíquica (capítulo 3), aproximadamente o que Lacan entende como da ordem do Real.

[...] depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte.

¹⁶⁷ FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.

A idéia do duplo não desaparece necessariamente ao passar o narcisismo primário, pois pode receber novo significado dos estádios posteriores do desenvolvimento do ego [...]. (Freud, 1919: 252-253) ¹⁶⁸

O estranho sentimento que muitas vezes arrebatava o sujeito nesses momentos é ao mesmo tempo o (re)conhecido como parte e como estrangeiro ao eu. Segundo Lacan, este estranhamento diz da marca originária que o sujeito recebe do outro *traço unitário* que, como inscrição ou insígnia, o aliena na identificação - forma psíquica de fantasma ou fantasia pelo retorno do recalado:

Efeito de retroversão pelo qual o sujeito, em cada etapa, transforma-se naquilo que era como antes, e só se anuncia “*ele terá sido*”, no futuro anterior. (Lacan, 1960/1998: 823) ¹⁶⁹

Desta forma dá-se início no sujeito a um processo de repetição automática, sempre sem consciência disto. A princípio, o sujeito sente-se tomado por um intenso mal estar, e atribui este fato ao outro.

Cesarotto (1996) analisa os contos de Hoffmann ¹⁷⁰ na mesma perspectiva do texto freudiano, *O estranho*, e aborda a importância do olhar “na angústia, na superstição, nos desdobramentos da personalidade, no narcisismo e nos espelhos”. (Cesarotto, 1996: 11) ¹⁷¹

O olhar desenha mesmo que tenuamente os contornos do corpo no referencial sempre imaginário. Só terá registro no simbólico como cifrado: o corpo pode ser sintoma desta estranheza. Cesarotto enfatiza que:

[...] a relação visual implica, de fato, uma parceria, com alguém agindo como suporte do olhar. Ainda que esta alteridade seja o próprio sujeito, duplicado pela mediação do espelho. Digamos, ademais, que ninguém nunca se encontra sozinho, pois, mesmo isolado, sua visibilidade o deixa sempre prestes a ser capturado por um outro olho. (Cesarotto, *op cit* 1996: 134)

Os elementos da castração participam da “formação da ansiedade infantil, elementos dos qual a maioria dos seres humanos jamais se libertou inteiramente”

¹⁶⁸ FREUD, Sigmund (1919) O estranho. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 235-269.

¹⁶⁹ LACAN, Jacques (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. Em *op cit* 1998 pp 807-842.

¹⁷⁰ Ernst Theodor Amadeus Hoffman. Genial polichinelo do romantismo alemão, fascinante escritor amigo das sombras, mestre reconhecido do insólito. Assim Cesarotto refere-se ao escritor (1996: 11).

¹⁷¹ CESAROTTO, Oscar (1996) *No olho do outro: 'o homem da areia', segundo Hoffman, Freud e Gaiman. Contos sinistros, E. T. A. Hoffman*. São Paulo: Iluminuras. Tradução (de Hoffman: Contos Sinistros) Ricardo Ferreira. 181 pp

(Freud, *op cit* 1919: 259). Estes elementos recalcados retornam sem organização, com a natureza fragmentária que caracteriza o sistema inconsciente.

Pela não elaboração psíquica do recalcado, a experiência do estranho revela-se terrificante e aponta para a indescritível qualidade definidora desta sensação: a de não poder ser explicada e sequer nomeada, o que vimos como Real. Um exemplo disto encontra-se no poema “Retrato” de Cecília Meireles (1949). Ao ver a sua imagem na fotografia, a personagem vê com estranheza este outro, ela mesma frente a seu duplo:

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida a minha face?

É inquietante esta imagem porque retorna com estranheza. É alienada de si (separada do sujeito), pois aparece, assim como a própria voz quando se a ouve, com um mesmo efeito de exterioridade. Idêntico processo pode dar-se pela fotografia, conforme relatos sobre indígenas recusarem-se à fotografia, ou então quando encontramos velhas fotos nossas. Ao retorno do recalcado sempre surge associada a angústia. O corpo familiar da infância é presença impregnada e agora ganha o sinal de estranho. Mas note-se: isto só se dá se houver uma fragilização na estruturação do sujeito e sua constituição narcísica, e em caso de uma pressão interna cada vez mais intensa, com correspondente reforço das defesas do eu – tudo provocado por desencadeante de ordem lingüística, as cadeias significantes.

A poesia de Cecília Meireles a mostra incredulidade do sujeito no momento em que, com estranheza, sua imagem ao espelho não reflete mais um corpo impregnado de familiaridade. A nova imagem refletida sofre disjunção em relação ao corpo próprio, e terá de ser integrada ao eu-corpo. Até lá, a difusa noção de perda provoca a angústia.

Aqui a ansiedade aparece como uma reação à perda sentida do objeto e lembramo-nos de imediato do fato de que também a ansiedade de castração constitui o medo de sermos separados de um objeto altamente valioso. (Freud, 1926[1925]: 136)¹⁷²

Um exemplo literário já usual de retorno do recalcado e estranhamento a respeito do duplo encontra-se no conto de Poe, *William Wilson* (1993)¹⁷³.

Poe, em suas *Histórias Extraordinárias*, retrata a idéia de repetição, de duplicidade, que permite ao sujeito sobreviver através do distanciamento do que lhe causa estranheza e embaraço.

[...] odiei-o pelo fato de ter este nome e por ser também o de um estranho que seria a causa de sua dupla repetição, que estaria permanentemente em minha presença e cujas atividades, na rotina da vida, seriam muitas vezes e inevitavelmente confundidas com as minhas, devido a esta detestável coincidência. (Poe, 1993: 93)

O autor cria uma personagem que é um duplo, o *outro*, e colabora para a compreensão de que existe um estranho em cada um de nós. Este estranho revela-se de forma especular, em uma espécie de homônimo que só a mente humana seria capaz de criar.

O texto permite indagar sobre os efeitos sinistros que uma obra proporciona ao leitor. Ameniza o efeito sinistro de modo que o sentido se faz num contexto outro, menos perturbador, capaz de nos dizer de sua capacidade de criar e transformar o estranho em algo familiar. Daí o efeito de elaboração psíquica (e mesmo prevenção de saúde mental) que as formas de arte pode proporcionar em paralelo ao efeito da interpretação clínica (Cavani Jorge, 2005b).¹⁷⁴

Nas palavras de Cesarotto (1996: 128)¹⁷⁵, a literatura fantástica recorre à ambigüidade na narrativa e com isso potencia o mistério, o que pode ser “compensado por uma intelectualização retroativa que esclareça os fenômenos assustadores”. Assim a obra dialoga com o leitor, no sentir profundamente humano e menos controlado a que se dispõe tal comunicação.

¹⁷² FREUD, Sigmund (1926 [1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. Em: *op cit* 1996, vol XX pp 79-167.

¹⁷³ POE, Edgar Allan (1993) *William Wilson*, pp. 83-107. Em: *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Nova Cultura. Tradução de Brenno Silveira *et al.*

¹⁷⁴ CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005b) Anotações de aula, disciplina Linguagem e Interpretação: Psicanálise e Música II, em *Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem*. Campos dos Goytacazes: UENF, 2005-I.

¹⁷⁵ CESAROTTO, Oscar (1996) *No olho do outro: ‘o homem da areia’, segundo Hoffman, Freud e Gaiman. Contos sinistros, E. T. A. Hoffman*. São Paulo: Iluminuras. Tradução (de Hoffman: Contos Sinistros) Ricardo Ferreira. 181 pp

A estética será em Psicanálise relacionada ao sentir humano e “só raramente um psicanalista se sente impelido a pesquisar o tema da estética, mesmo quando por estética se entende não simplesmente a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir”. (Freud, 1919: 237)¹⁷⁶

Sobre o talento do artista para provocar efeitos de mudança na sensibilidade do fruidor da arte, em paralelo ao efeito da interpretação clínica, Freud mostra a importância dos escritores criativos para a compreensão de determinadas estranhezas humanas, quando na crueza do enfrentamento a estas na arte, gera-se um impasse, certo bloqueio no entendimento pela estranheza. Aquilo que na realidade se torna tão familiar que chega à estranheza. (1908[1907])¹⁷⁷

[...] sentiríamos repulsa, ou permaneceríamos indiferentes ao tomar conhecimento de tais fantasias. Mas quando um escritor criativo nos apresenta suas peças, ou nos relata o que julgamos ser seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer, provavelmente originário da confluência de muitas fontes. (Freud, 1908[1907]: 142)

A predominância das fantasias e das ilusões nascidas de desejo irrealizado é dominante na dinâmica do retorno do recaiado, de que o estranho é exemplo. Mais tais fantasias e ilusões só existem e adquirem significação pela mediação da linguagem. Trata-se do que a Psicanálise reconhece como *elaboração psíquica*, definida como

uma transformação do volume de energia que permite dominar esta energia derivando-a ou ligando-a [... que tem eficácia na histeria pelo] estabelecimento dos laços associativos que permitem a liquidação progressiva do trauma [... e nas neuroses atuais explica a tensão sexual somática que leva à derivação desta em sintomas [...] mas a falta de elaboração é mais radical: ... a tensão sexual transforma-se em angústia sempre que, produzindo-se com força, não sofre a elaboração psíquica que a transformaria em afeto. (Freud 1887-1992 *apud* Laplanche e Pontalis *op cit.* 144)

O psiquismo só tem três recursos para lidar com a pressão pulsional: o recalamento secundário (por aumento da força defensiva), o retorno do recaiado pelo Real como vimos acima, ou a elaboração psíquica. No capítulo 4 vimos duas formas complexas de elaboração, o brincar (Winnicott) e o acalanto

¹⁷⁶ FREUD, Sigmund (1919) O estranho. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 235-269.

¹⁷⁷ FREUD, Sigmund (1908[1907]) Escritores criativos e devaneios. Em: *op cit* 1996, vol IX pp 135-143.

(Cavani Jorge), e no capítulo 5 vimos um terceiro exemplo de elaboração pelo *jogo do carretel* descrito por Freud em 1920. Há ainda outras formas de elaboração não só pela arte - como poesia, música, artes plásticas - como pelo chiste, cômico e humor.

São as ferramentas próprias humanas para fazer retornar o recalçado de modo sensível e bem humorado, talvez com algum estranhamento mas sem horror, e não de forma resignada e melancólica, são ferramentas rebeldes e inovadoras. Entre vários outros, Freud descreve um destes casos, o do humor:

Como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Esta grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do eu. [...] a fim de manter afastados, possíveis sofrimentos. (Freud, 1927: 166-167)¹⁷⁸

Sintoma, humor, chiste – tais formações são outro modo de lidar com o retorno do recalçado e amenizar a angústia, evitar o desprazer, onde os desvios encontram saída pelas palavras, imagens, sons que vão se transformando, criando combinações, liberando novos sentidos.

O principal é a intenção que o humor transmite, esteja agindo em relação quer ao eu, quer as outras pessoas. Significa: Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria. (Freud, 1927a: 169)

Estudando o sintoma e o chiste, Nasio (1993) propõe que os tomemos por seus efeitos: como significantes. O sintoma enquanto significante “sublinha não apenas que ele é Um, que se impõe e nos escapa, pronto para se repetir, mas, acima de tudo, que ele ocorre na hora exata de nos interrogar” (Nasio 1993: 19). O chiste cumpre aí tal mesmo papel, ou seja, nos interpela: pela pertinência ou impertinência de seu efeito significativo, suscita “a pergunta adequada, que dá acesso ao inconsciente”. (op cit: 20)

Apoiado na leitura de Aristóteles sobre o drama, Freud em obra precoce aponta que *terror e comisseração despertados* colaboram para a purgação dos afetos. E acrescenta: “A poesia lírica presta-se, sobretudo, a dar vazão a uma sensibilidade intensa e variada, como acontece com a dança” (1940 [1905/1906]:

¹⁷⁸ FREUD, Sigmund (1927a) O humor. Em: *op cit* 1996, vol.XXI pp 161-169.

293)¹⁷⁹. Assim, tanto o drama com a tragédia, ao despertarem o sofrimento, como a comédia, fazem com que o sujeito que assiste a essas encenações expurgue muitos dos seus fantasmas.

O fato de o drama ter-se originado nos ritos sacrificais do culto dos deuses (o bode do sacrifício e o bode expiatório) não pode deixar de relacionar-se com este sentido do drama; ele como que apazigua a revolta incipiente contra a ordem divina do universo, que instaurou o sofrimento. (Freud 1942[1905/1906: 293])

Refere-se à ab-reação. O apaziguamento vem do fato de que na representação dramática, o sujeito sabe que não é ele que está ali sofrendo, e isto alivia pela catarse os seus próprios sofrimentos e dramas pessoais. É um jogo de prazer; por intermédio de suas identificações organizadas em fantasias, os sujeitos emocionam-se e vivenciam uma satisfação *real*, mesmo que momentânea. “As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória”. (Freud, 1908[1907]: 137)¹⁸⁰

O autor refere-se aqui a ser saudável o recriar no espaço do fantástico aquelas cenas capazes de nos alimentar e satisfazer-nos prazerosamente - como quando se ouve uma música que nos encanta ou um filme que nos instiga.

Recorde-se porém que a limitação terapêutica do alívio pela catarse foi cedo superada por Freud no âmbito clínico, diferindo radicalmente da eficácia – e da qualidade do prazer pela descoberta - advinda da elaboração psíquica e simbólica que as artes em geral (e ciências, dirá Winnicott com Freud) proporcionam ao espectador. Aliás, mais tarde Freud o indicará (o artigo *Recordar, repetir, elaborar* é de 1914)¹⁸¹, em modo próximo ao que a Psicanálise entende hoje como efeito *curativo* das artes, e mesmo do cotidiano se não alienante (Herrmann, 2004) - isto é, enquanto promova o encontro do sujeito com o outro como diferença.

Nestes tempos complexos do capitalismo pós-industrial e financeiro, o sujeito em busca da felicidade sempre mais é presa fácil da importância dada ao corpo enquanto imagem visual – e não ao corpo como subjetividade, eu-corpo - como se a sua existência estivesse de certa forma pendente da imagem visual

¹⁷⁹ FREUD, Sigmund (1940 [1938]) Algumas lições elementares de Psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XXIII pp 297-306.

¹⁸⁰ FREUD, Sigmund (1908[1907]) Escritores criativos e devaneios. Em: *op cit* 1996, vol IX pp 135-143.

¹⁸¹ FREUD, Sigmund (1914a) Recordar, repetir e elaborar. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 159-171

que projeta. Aí o sujeito é tomado apenas como exterioridade, e mais: só como seu aspecto físico. A saída mais saudável – porque integradora do sujeito como não onipotente – acessível pela elaboração psíquica (e simbólica) pelas artes ou pela nem a todos acessível análise pessoal – é desencorajada, enquanto a saída alienada¹⁸² é extensamente promovida pelo bombardeio constante da indústria cultural e pela propaganda que sugere qualquer produto poder suturar a falta.

Acentuamos neste capítulo o caráter terrível da imagem alienada, do duplo do eu-corpo. Cabe situar historicamente a contemporaneidade mas, antes, abordar como o código marca o corpo, como o eu-corpo é atravessado pela linguagem.

6.1 O corpo codificado

“Subjetivação=hominização: o animal torna-se homem enquanto cifra-se e é cifrado pelo discurso. O sujeito humano só o é porque é código e decodificador a um só tempo. Antes disto, é atualidade absoluta, res sem nome e que não denomina, é virtualidade até que, descobertos vazios e solidão, torne-se código / decodificador.”

(Cavani Jorge, 2005)

Um sintoma é um sinal; é uma consequência do processo de recalque [...]. Devido ao processo de recalque, o prazer que se teria esperado da satisfação fora transformado em desprazer. [...] Ocorre que algumas vezes a defesa contra o desprazer é eliminada com a formação de um sintoma. (Freud, 1926[1925]: 95-100)¹⁸³

Muitas vezes a vida, tal como a vivenciamos, é por demais penosa provocando muitos sofrimentos; sentimentos com os quais nem sempre somos capazes de lidar. Surgem sinais, até organizados como patologias, onde parte do corpo é tomado como referência para explicitar o sofrimento, e apresenta-se

¹⁸² Que se transferiu a outra pessoa; que perdeu a razão; nas duas acepções, sinônimo: *alheado*

¹⁸³ FREUD, Sigmund (1926 [1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. Em: *op cit* 1996, vol XX pp 79-167.

como sintoma. O corpo, valendo-se de uma linguagem simbólica, abre espaço à expressão: é o que a Psicanálise e antes dela, a Medicina, conhecem como sintomas.

O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem pela ambigüidade semântica. (Lacan, 1953: 282)¹⁸⁴

Mas, em psicanálise, o sintoma nos surge de maneira diferente de um distúrbio que causa sofrimento: ele é, acima de tudo, um mal-estar que se impõe a nós, além de nós, e nos interpela. Um mal-estar que descrevemos com palavras singulares e metáforas inesperadas. Mas, quer seja um sofrimento, quer uma palavra singular para dizer o sofrimento, o sintoma é, antes de mais nada, um ato involuntário, produzido além de qualquer intencionalidade e de qualquer saber consciente. É um ato que menos remete a um estado doentio do que a um processo chamado inconsciente. O sintoma é, para nós, uma manifestação do inconsciente. (Nasio, 1993: 13)¹⁸⁵

O sintoma refere-se ao eu-corpo como lugar de expressão simbólica de um determinado conflito. Freud (1929[1930])¹⁸⁶ mostrou como o corpo ganha forma em seus estudos sobre a histeria, ou como a dor dá ao corpo sinais do real.

A finitude é um limite que se opõe à onipotência fálica, enquanto a infinitude se expressa pela representação da imagem inconsciente do corpo como “lugar” do desejo, sustentada pelo narcisismo como corpo imaginário sem limites, infinito (capítulo 5). Françoise Dolto desenvolveu o tema da imagem inconsciente do corpo, como esta se constitui, e seus destinos pela castração simbólica. A autora enfatiza que esta imagem do corpo “é a cada instante, para o ser humano, representação imanente inconsciente em que se origina seu desejo” (2002:24)¹⁸⁷. Diz respeito à imagem constitutiva dada desde as relações iniciais narcisantes e para além das castrações desnarcisantes, como libertadora da libido.

O fato de o narcisismo assegurar a continuidade do ser de um indivíduo humano não significa que o narcisismo não deva ser remanejado em função das provas com as quais se choca o desejo. [...] Tais provas, as castrações, como as denominamos, vão permitir a simbolização e, ao mesmo tempo, vão contribuir

¹⁸⁴ LACAN, Jacques (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *op cit* 1998 pp 238-324.

¹⁸⁵ NASIO, J. D. (1993) Quinta Lição: o corpo. Em *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 145-165.

¹⁸⁶ FREUD, Sigmund (1930[1929]) O mal-estar na civilização. Em: *op cit* 1996, vol XXI pp 65-148.

¹⁸⁷ DOLTO, Françoise (2002) *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva. Tradução Noemi Moritz Kon e Marise Levy. 316 pp.

para modelar a imagem do corpo, na história de suas sucessivas reelaborações. (Dolto, 2002: 56)

A imagem corporal não é o esquema corporal específico da espécie, ou seja, o mesmo para todos. Ao contrário, pois a imagem psíquica do corpo é inconsciente, própria ao sujeito e à sua história específica. Tal imagem, segundo a autora não é a do corpo concebido como real, mas imagem psíquica de corpo que o toma pelo jogo da linguagem. O corpo reconhecido na Psicanálise como linguagem é *corpo falante*:

O adjetivo *falante* não indica que o corpo fale conosco, mas que ele é significante, ou seja, que comporta significantes que falam entre si. [...] Quando um rosto suscita um sentimento, ele é um corpo-imagem; mas, quando o mesmo rosto desperta um dizer imprevisto, ele é um corpo-significante. (Nasio, 1993: 149)¹⁸⁸

Ao situar o corpo apoiado a conceitos lacanianos, Nasio (1993) delimita-o no campo psicanalítico através do estatuto do corpo segundo parâmetros: "a fala e o sexo". Esta delimitação possibilita a distinção entre o interesse da psicanálise e a abordagem biologista onde o corpo é concebido enquanto *carne e osso*. O corpo abordado pela Psicanálise segundo o autor é

sexual e gozoso [...] Porque o corpo é todo gozo e porque o gozo é sexual. Isso porque – não nos esqueçamos -, que outra coisa é o gozo senão o impulso da energia do inconsciente, quando ela é gerada pelos orifícios erógenos do corpo, quando ela se exprime, seja diretamente, pela ação, seja indiretamente, pela fala e pela fantasia, quando ela é esse ímpeto sempre guiado pelo horizonte inatingível da relação sexual incestuosa? O gozo, efetivamente, só pode ser sexual, porque a meta ideal a que ele aspira é sexual. (Nasio, 1993: 148)

O autor apresenta três perspectivas para definir e situar o corpo no que interessa a psicanálise, ao considerá-lo sob três registros psíquicos: do real, simbólico e imaginário.

O corpo enquanto real é corpo sinônimo de gozo, "pura energia psíquica, da qual o corpo orgânico seria apenas a caixa de ressonância"; nisto difere de sua função puramente biológica e o submete à linguagem "onde o corpo é afetado." (Nasio, 1993: 37)

¹⁸⁸ NASIO, J. D. (1993) Quinta Lição: o corpo. Em *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 145-165

O corpo imaginário aponta para a questão apresentada no capítulo 4: o corpo na relação original e imaginária, o que implica na identificação pela imagem a partir do *outro*, possibilitando o corpo próprio. O reconhecimento deste é de fundamental importância na formação do eu. O corpo aí tem como registro psíquico o de imagem / imaginário “identificado com uma imagem externa e preenche, que desperta o sentido num sujeito”. (Nasio, 1993: 151)¹⁸⁹

O corpo simbólico seria para Nasio o corpo significante, “um conjunto de elementos diferenciados entre si e que determinam um ato [psicanalítico] no outro [...de modo que] o corpo significante não é o corpo evocador que me fala, mas o que está investido do poder de determinar, sem meu conhecimento, um ato na análise” (Nasio 1993:151 e 150). A articulação dos elementos entendidos como significantes só se torna expressiva “desde que permaneça ligada a um conjunto de outros significantes, é Um entre outros com os quais se articula” (Nasio, 1993: 18).

Em acepção antropológica, o corpo em seus aspectos simbólicos serve de texto para as mensagens, práticas e crenças sociais, sobretudo as codificações do corpo enquanto fenômenos e processos sociológicos. (Rodrigues,1980)¹⁹⁰

Antes de tudo, as categorizações do corpo são categorizações sociais. A linguagem que apreende o corpo é uma instituição social: uma linguagem que volta a sua fonte para apreender a própria sociedade. A sociedade codifica o corpo e as codificações do corpo codificam a sociedade. As relações da sociedade com o corpo são relações da sociedade com ela mesma; são codificações lógicas tanto quanto morais. (*op cit.* 137)

As normas estabelecidas nos grupos sociais serão códigos a serem compartilhados através da linguagem em uma estrutura de relações inteiramente dependente dela [linguagem]. Nesse sentido os códigos adotados pelos grupos inspiram-se nas experiências individuais que são comunicadas pela capacidade de propagar-se enquanto mensagens.

O corpo é aqui apresentado em sua visibilidade social, como texto a ser traduzido pelos determinantes sociais, como uma escrita. “O texto não é um conjunto de enunciados gramaticais ou agramaticais; é aquilo que se deixa ler

¹⁸⁹ NASIO, J. D. (1993) Quinta Lição: o corpo. Em *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 145-165.

¹⁹⁰ RODRIGUES, José C. (1980) Os códigos do corpo e os códigos da sociedade, pp 129-159 em *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé. 2ª ed.. 174 pp

através da particularidade dessa conjunção de diferentes estratos da significância presente na língua, cuja memória ele desperta: a história”. (Kristeva, 2005: 20)¹⁹¹

O corpo enquanto código visual é explicitado na paisagem cultural, política e econômica segundo o modelo construído dessas relações. Já Freud apontou que estudar o sujeito quase só é possível em sua relação com os outros:

É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos libidinais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse sujeito com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida psíquica do sujeito, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (Freud, 1921: 81)¹⁹²

A psicanálise considera que as relações sociais ocorrem primariamente na família como forma de identificação, e desempenham um papel fundamental na vida do sujeito em relacionamentos ulteriores. “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. (Freud, 1921: 115)

É aí que o sujeito aprende a conviver numa ordem maior, a ordem social dos grupos. Com isto Freud traz a reflexão da impossibilidade de se pensar o ser humano fora da ordem social, pois todo e qualquer movimento do sujeito (mesmo do psiquismo) pressupõe uma relação social-cultural. Inserido na cultura, o ser humano constrói sua subjetividade nas relações que estabelece com o mundo e com os outros.

Na relação com o Outro, o corpo torna-se presença e revela-se como visibilidade, incidindo sobre a subjetividade. Diante das mensagens que o eu-corpo emite, o próprio sujeito tem dificuldade em se relacionar com o ser da mesma espécie.

Como quer que seja, o que o sujeito encontra nessa imagem alterada de seu corpo é o paradigma de todas as formas da semelhança que levarão para o mundo dos objetos um toque de hostilidade, projetando nele. A transformação da imagem narcísica, que, do efeito jubilatório de seu encontro no espelho,

¹⁹¹ KRISTEVA, Julia (2005) *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. Original 1969, Paris: Seuil. 209 pp.

¹⁹² FREUD, Sigmund (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. Em: *op cit* 1996., vol. XVIII, pp

transforma-se no confronto com o seu semelhante, no escoadouro da mais íntima agressividade. (Lacan, 1960: 823)¹⁹³

Assim, quando repentinamente outro (*autre*) faz sua aparição, provoca um misto de satisfação / insatisfação e é necessário que se o represente imaginariamente – quer endeusando ou amaldiçoando tal aparição – isto é, fazendo-o *ganhar corpo*.

Sobre as conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre sexos, Freud (1925)¹⁹⁴ afirma que, ao a menina abdicar da posição de objeto de desejo da mãe, depara-se com a contradição de ter e não ter, o que na dialética da castração leva-a aceitar o corte como um fato consumado; o menino, ao contrário vive o permanente temor da castração. Lembremos que o pai é presença marcante pois esta (mera presença nomeada) destitui a unidade amorosa mãe-filho da fusão imaginária, o que vai permitir ao eu novas identificações. Nestas, Freud descobre “a origem do ideal do eu: por traz dele faz-se oculta a primeira e mais importante identificação com o pai”. (Freud 1923a:45)¹⁹⁵

O ideal do eu resulta desse processo identificatório com a Lei, da qual o pai é o representante. O pai no terceiro tempo edipiano é um terceiro à relação, designado pela posição fálica: “É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como ideal do eu [...] é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será supereu.” (Lacan 1958/1999: 201)¹⁹⁶

É na interiorização da Lei que a criança constitui-se como sujeito, que toma consciência de si mesma e nesse sentido, como entidade distinta e como sujeito é introduzido na ordem da cultura. Neste terceiro momento do Édipo para Lacan e Freud, as identificações imaginárias atuam na conformação do ideal do eu.

A relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, mas não porque o Outro seja o objeto único, e sim na medida em que o outro é o fiador da linguagem e a submete a toda sua dialética. (Lacan, 1957/1999: 145).¹⁹⁷

Na verdade, o ideal enquanto imagem de perfeição narcísica identificava-se com o falo, ou seja, com a imagem que a criança fazia de si mesma. Ao se

¹⁹³ LACAN, Jacques (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. Em *op cit* 1998 pp 807-842

¹⁹⁴ FREUD, Sigmund (1925) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 271-286.

¹⁹⁵ FREUD, Sigmund (1923a) O ego e o id. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 13-80.

¹⁹⁶ LACAN, Jacques (1958) Os três tempos do Édipo, I e II. Em *op cit* 1999 pp 185-220.

¹⁹⁷ LACAN, Jacques (1957) Uma mulher de não-receber. Em *op cit* 1999 pp 126-145.

produzir a diferenciação criança-falo, o pai passa a encarnar o ideal de perfeição, representante desse ideal, realizando a identificação com o *ideal do eu*

Lacan (1938/2000)¹⁹⁸ ao apresentar em complexos familiares o papel primordial do grupo familiar na estruturação do sujeito, aponta como este contingente familiar é fundamental para constituir a imagem fundante como eu ideal, e o supereu como *ideal do eu*.

O supereu e o ideal de eu são, com efeito, condições de estrutura do sujeito. Se eles manifestam em sintomas a desintegração produzida por sua interferência na gênese do eu, também podem se traduzir por um desequilíbrio de sua instância própria [...] por uma variação daquilo que se poderia chamar de formulação pessoal do sujeito. (Lacan, *op cit* 1938/2000: 85)

Para Freud, existe uma escolha objetual decorrente do tipo de investimento vinculado a uma imagem identificadora narcísica. Esta imagem de si mesmo, constituída como eu ideal, é um modelo no qual o sujeito buscará encontrar seu propósito erótico: “este tipo e fonte de escolha objetual pode ser denominado de tipo anaclítico, ou de ligação”. (Freud 1914: 94)

Este modelo define a escolha objetual, cuja origem encontra-se no tipo de amor recebido pelo sujeito na relação parental: “são as pessoas que se preocuparam com sua alimentação, cuidados e proteção” segundo Freud (*op cit*: 99). O objeto de seu investimento narcísico é o outro idealizado, onde lhe foi atribuído uma perfeição equivalente ao eu ideal, ou seja, ama-se segundo o modelo de amor recebido.

Freud indicara outro tipo de escolha objetual, o narcísico (*op cit*:94). Aqui o sujeito baseia sua escolha amorosa “não na mãe como modelo, mas no seu próprio eu. Procura inequivocamente a si como um objeto amoroso, e exhibe um tipo de escolha objetual que deve ser denominado narcisista”. Conclui que tanto a escolha de tipo anaclítico, quanto a de tipo narcísico, dão-se pelo narcisismo como modelo de relação objetual: “ambos os tipos de escolha objetual estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro”. (Freud, *op cit*:95)¹⁹⁹

O modo pelo qual o eu buscará encontrar a perfeição narcísica é constituída a partir do *eu ideal* e apóia-se no *ideal do eu*. O *ideal do eu* torna-se

¹⁹⁸ LACAN, Jacques (2002) *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. Original de 1938, primeira publicação (1984) Paris: Navarin. 92 pp

¹⁹⁹ FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.

então o modelo no qual o sujeito apoiará seus esforços na tentativa de recuperar o que perdeu: “[...] o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal”. (*op cit*: 101).

É pela castração que o pai deixa de ser a lei e passa a ser o representante da Lei, sendo portanto um processo que além da mãe e do filho, envolve o pai; diante dessa nova presença, o falo se torna, simbolicamente, a presença de uma ausência: ninguém é possuidor do falo, ele encontra-se no mundo como abstrata referência de todas as trocas. É o *período de latência*, caracterizado pela dissolução do complexo de Édipo, pela criação ou consolidação do superego e pela edificação de barreiras éticas e estéticas no eu. (Freud, 1926[1925]: 166)²⁰⁰

²⁰⁰ FREUD, Sigmund (1926 [1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. Em: *op cit* 1996, vol XX pp 79-167.

7 Contemporaneidade / Pós-modernidade: do lugar em que se fala

“Agora, quando se imagina que a ciência nos ajudou a vencer o terror do desconhecido na natureza, somos escravos das pressões sociais que esta mesma ciência criou. Quando nos convidam a agir independentemente, pedimos modelos, sistemas, autoridades. Se quisermos verdadeiramente emancipar o homem do medo e da dor, então a denúncia do que hoje se chama razão e ciência é o melhor serviço que a razão pode prestar.”

(Horkheimer, 1981)

As transformações das sociedades humanas, nas últimas décadas, ocorrem em razão da falência nas trocas sociais simbólicas, da relação entre os sujeitos e da própria cultura em seu dinamismo num cenário de fragmentação e alienação (social e progressista).

Em sua história o homem age sobre o meio, e o modifica não só através da sua força de trabalho, mas, sobretudo por meio de ferramentas, instrumentos e signos e várias ordens, incluindo a linguagem.

Compreende-se a cultura como um fenômeno de linguagem que supera o homem da natureza; é sistema de saberes e crenças não-estático, socialmente construído através de interpretações e representações às quais o sujeito dá sentido.

Freud refere-se à cultura dando-lhe a mesma acepção de civilização:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir

entre cultura e civilização – apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente a distribuição da riqueza disponível. (Freud, 1927c: 15-16)²⁰¹

A citação de Freud já refere os conceitos essenciais para a análise da passagem de uma cultura dita moderna, para uma cultura dita pós-moderna.

Para Eco (2003)²⁰², “cultura é entendida no sentido que lhe confere a antropologia cultural: é cultura toda intervenção humana sobre o dado natural, modificado de modo a poder ser inserido numa relação social”. (Eco, 2003: 5)

Estas atividades coletivas dão-se pelas trocas culturais através da linguagem.

No capítulo anterior, ocupando-nos do estranho, vimos ser aquilo que suscita a diferença incômoda e escapa ao controle disciplinador. Aqui, em vez, antes de avançar ao pós-moderno importa descrever o estranho como é tomado no social.

O poder efetuado por olhos que devem ver, sem ser vistos, não somente reprime, mas sobretudo constitui, gerencia e manipula de forma mais sutil, eficaz e econômica a vida psíquica, a vida sexual, as identidades e os conflitos. Sendo assim, o olho do poder instaura, na idade moderna, um poder que se exerce por *transparências*, um *sistema ótico* de visibilidade organizada, que pratica nas palavras de Foucault “uma denominação por iluminação”. (Foucault, 2004: 217)²⁰³

Neste contexto surgem questões fundamentais. O que leva o sujeito a aceitar ou repudiar o outro? O que tem o outro que tanto incomoda? Talvez o outro nos faça deparar com o familiar e estranho a nós mesmos, impondo-se como falta e que remete à castração e ao retorno do que fora recalcado. Persiste aí o modelo de estruturação do sujeito, onde o Nome do Pai impede a realização pulsional, retirando a possibilidade da satisfação plena de desejo.

Acha-se em consonância com o curso do desenvolvimento humano que a coerção externa se torne gradativamente internalizada, pois um agente psíquico especial, o superego do

²⁰¹ FREUD, Sigmund (1927b) O futuro de uma ilusão. Em: *op cit* 1996, vol XXI, pp 11-63.

²⁰² ECO, Umberto (2003) *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo. Perspectiva. 7ª edição, 426 pp.

²⁰³ FOUCAULT, Michel (2004) *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes. Tradução de Raquel Ramallete. Original de 1975, Paris: Gallimard. 29ª edição. 262 pp.

homem, a assume e a inclui entre seus mandamentos. (Freud, 1927: 21)²⁰⁴

Assim também é o discurso da civilização que a todo o momento pede ao sujeito renúncias à sua pulsão, apontando para a castração. Pode-se estabelecer aqui também, uma analogia entre *Unheimlich* e *Heimlich*. As renúncias que surgem são sempre compensatórias, pois o sujeito não suportaria toda a retirada do prazer. Há sempre uma relação de troca na relação do sujeito (novos investimentos da pulsão) com o outro. Esta compensação também é efêmera, fazendo emergir nessa troca certa incompletude - a falta estará sempre presente.

Segundo Goffman, a marca do visível é constituída culturalmente adquirindo significações ao longo da história, traduzidas em categorias. O corpo estigmatizado apresenta-se pelas marcas/sinais em sua concretude como forma visível, coisificada, atributo dado como parte separada do sujeito na forma de distúrbio físico e psíquico que o caracteriza e o diferencia dos demais. “A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para membros de cada uma dessas categorias” (Goffman, 1980:11)²⁰⁵. O estranho é visto como aquele que não pertence a uma corporação ou categoria pré-estabelecida, portanto é segregado pelo social, marcado (estigmatizado) em relação aos demais.

Goffman caracteriza o estigma como marca-símbolo que no contexto social apresenta o sujeito para o outro. Nas palavras do autor: “Os gregos criaram o termo estigma para se referirem os sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem apresentava” (*idem ibidem*). Mais tarde, a palavra e sua metaforização tanto serviam para referir-se a sinais da graça divina, como para sinais da desgraça – de que antes já vimos exemplo com Tirésias com o estigma (duplo, entre os gregos) de desgraça mas privilégio da adivinhação.

Foucault detém-se na função do olhar sobre o corpo como exercício de poder - que paira, sem portanto ser identificado ou ainda localizado mas atuante no controle disciplinar dos sujeitos. “A disciplina fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e

²⁰⁴ FREUD, Sigmund (1927b) O futuro de uma ilusão. Em: *op cit* 1996, vol XXI, pp 11-63.

²⁰⁵ GOFFMAN, Erving (1980) *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro: Zahar. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 3º edição, 158 pp.

como instrumentos de seu exercício” (Foucault, 2004:143)²⁰⁶. Nasceram desse poder social as formas de exclusão, discriminação, que afastam e segregam os seres humanos pelas suas diferenças.

A sociedade não somente agrupa estes sujeitos por suas diferenças, mas os classifica como desviantes para então confiscá-los em função disciplinadora. Foucault mostra esta forma de organização técnica disciplinar surgida no final do século XVII, quando se detectava a peste numa determinada cidade cuja ação disciplinar tomada como fim preventivo e terapêutico marcou na formação de subjetividade e dos modos de constituição dos sujeitos contemporâneos. Segundo o autor, a lepra serviu como modelo de exclusão.

O leproso é visto dentro de uma prática da rejeição, do exílio-cerca; deixa-se que se perca lá dentro com uma massa que não tem muita importância diferenciada; os pestilentos são considerados num policiamento tático metuculoso onde as diferenciações individuais são os efeitos limitantes de um poder que se multiplica, se articula e se subdivide. O grande fechamento por um lado; o bom treinamento por outro. (Foucault *op cit.* 164)²⁰⁷

Já em relação à peste, o modelo utilizado era o disciplinar que daí surge e se ramifica para outras instâncias com variados fins. “O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar tem como função maior *adestrar*, ou sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”. (Foucault *op cit.* 143)

A disciplina serve enquanto processo técnico, como força que age sobre os corpos tornando-os úteis e servis. Esta forma de organização disciplinar é tratada por Foucault como sociedade disciplinar e focaliza o poder como prática social nas sociedades modernas. Este poder seria exercido através de técnicas de dominação, as quais visam sobretudo um controle do corpo com intuito de adestrá-lo, torná-lo dócil e assim aprimorá-lo.

Para se exercer este poder, deve-se adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. É como um olhar sem rosto que transforma todo o corpo social em um campo de percepções: milhares de olhos postados em toda parte, atenções móveis e sempre alerta, uma longa rede hierarquizada. (Foucault *op cit.* 176)

²⁰⁶ FOUCAULT, Michel (2004) Os recursos para o bom adestramento, em *op cit* 2004 pp 143-192

²⁰⁷ FOUCAULT, Michel. (2004) O panoptismo, em *op cit* 2004 pp 162-192

Os sujeitos submetidos a este tipo específico de poder são segregados em espaços ditos adequados e sob vigilância do *dispositivo panóptico*²⁰⁸ - olho que tudo vê com justificativas bem aceitas na conveniência de seu afastamento / tratamento / recuperação em espaços únicos, recebendo serviços especializados. “A ordem responde à peste; ela tem como função desfazer todas as confusões [...]. Ela prescreve a cada um seu lugar, a cada um seu corpo, a cada um sua doença e sua morte”. (Foucault *op cit.* 163)

São paralelos os modelos de evitação do mal-estar suscitador de angústia seja na esfera pessoal, seja das ações sociais pelas instituições.

A regularidade de comportamentos aceitos e defendidos por uma determinada sociedade seria “uma rede, um tecido de instituições” (Baremblytt, 1998: 190). Esta força vigilante que ordena o desejo humano pelo domínio dos corpos como forma compacta amplia seus domínios forjando subjetivação.

O desejo, para psicanálise, é parte constituinte do sujeito e revela-se na falta impossível de ser preenchida, mas possível de gerenciamento e manipulação de forma sutil, eficaz e econômica: a maioria das pessoas “obedece às proibições culturais nesses pontos apenas sob pressão da coerção externa, isto é, somente onde esta coerção pode fazer-se efetiva e enquanto deve ser temida”. (Freud, 1927: 21)²⁰⁹

Assim a sociedade se protege ao preço de um profundo mal-estar em seus membros. No entanto, esta contenção se dá não apenas pelo afastamento, mas, sobretudo, pela vigilância, a partir de uma perspectiva excludente em que o diferente é tomado – como acontece com o estrangeiro que não ocupa um lugar no qual se faça reconhecido, e passa a ser estigmatizado como estranho. Nesse contexto, o diferente, o estrangeiro, passa a ser discutido enquanto transgressor da norma e, por isto completamente estranho e dificilmente classificável em função da média de comportamentos aceitáveis num grupo social. Aquele que é de fora deve permanecer fora – ou dentro?

O sociólogo inglês Hall (2002)²¹⁰ esclarece a passagem histórico/cultural da modernidade à pós-modernidade como espaço-tempo que tece o contemporâneo

²⁰⁸ Segundo o autor, o *Panopticon* foi concebido pelo jurista inglês Jeremy Bentham (1784-1832); é um projeto arquitetônico elaborado para as prisões, mas que poderia ser utilizado por outras instituições: quartéis, hospitais, escolas, etc.

²⁰⁹ FREUD, Sigmund (1927b) O futuro de uma ilusão. Em: *op cit* 1996, vol XXI, pp 11-63.

²¹⁰ HALL, Stuart. (2002) *A identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. 7ª edição. 103 pp.

enquanto momento do “aqui” e “agora”. Enfoca a crise da modernidade como emergindo das mudanças provocadas pela tecnologia informacional, pelo fenômeno da globalização e pelas revoluções sociais a partir da modernidade.

A modernidade é o nome dado ao período que tem início no século XVI, com as mudanças no modo de produção, que passa a ser capitalista: os movimentos sociais, culturais, econômicos terão na razão seu principal arcabouço e no indivíduo, o objeto de uma nova dimensão sócio-histórica.

O período das transformações promove um salto desse sujeito moderno ao pós-moderno. Com o advento da indústria e o surgimento das cidades, a interação social tornou-se mais intensa. Mudaram as relações sociais e familiares e também a relação do homem com o trabalho.

O sujeito cartesiano tinha no conhecimento e na razão a sua base mais sólida, o sujeito sociológico estruturado na interação social.

[...] A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura. (Hall, 2002: 11)

Esta afirmação revela a passagem do sujeito cartesiano individualista e rígido para um outro sujeito, que no instante em que deixa de ser o centro do mundo, passa a fazer parte de uma sociedade cujo controle lhe escapa, como vimos com Foucault. Este processo de descentramento do sujeito provocará mudanças radicais no pensamento e na cultura moderna, que vêem suas categorias identitária diluírem-se no redemoinho das mudanças. O sujeito que tinha um lugar fixo na modernidade, a partir da segunda metade do século XX começa a se deslocar descentrado dessa posição.

Vários autores refletiram sobre este processo descentralizador do sujeito da modernidade como os referidos Foucault e Hall. As críticas dos marxistas e dos pensadores da Teoria Crítica²¹¹ à sociedade capitalista e suas formas de anulação do sujeito social dão-se fundamentadas principalmente em seis conceitos: trabalho, capital, mais-valia, mercadoria, alienação e reificação. Não sendo este uma dissertação de Economia a quem cabe definir estes conceitos,

²¹¹ Referência à *Escola de Frankfurt*.

aqui nos ocuparemos principalmente dos dois últimos, alienação e reificação²¹² aos quais o sujeito é submetido nas relações de produção.

A visão marxista do homem e do trabalho alienados um do outro e do capital, envolvendo mecanismos repetitivos de tarefas mecânicas é ilustrada por Charles Chaplin²¹³ em *Tempos Modernos*. Pelas metáforas tragicômicas da mecanização, o filme faz uma crítica à modernidade e ao capitalismo em seu modelo de industrialização: o trabalhador é engolido pelas máquinas, pelo poder do capital, e perseguido ao demenciar diante dos mecanismos capitalistas reificadores. Ali Chaplin ilustra também o nexos entre os conceitos de alienação em Economia e em Medicina / Psicanálise. O homem é substituído pela máquina e, pior, é tratado como se fosse uma.

Por sua vez a reificação ou coisificação é assim definida pelo herdeiro americano da escola de Frankfurt, o historiador Russell Jacoby:

No marxismo, reificação refere-se a uma ilusão objetiva produzida pela sociedade. Esta ilusão social opera para preservar o *status quo*, apresentando os relacionamentos humanos e sociais como relações naturais – e imutáveis – entre coisas. (Jacoby, 1977: 18)

Um golpe fatal que promoveu o descentramento do sujeito cartesiano no pensamento ocidental do século XIX veio com Freud pela Psicanálise. Para Birman, qualquer tematização sobre o sujeito é impensável na exterioridade da cultura: “a cultura é o outro do sujeito, sem a qual é impossível pensar nas condições de possibilidade para a constituição do sujeito” (Birman, 1997:10)²¹⁴. O *outro* aí referido genericamente é o Inconsciente.

A cultura como o mito, as religiões, as ciências é mediação para o simbólico e uma das saídas para a construção da subjetividade pela elaboração psíquica e simbólica que promove (Cap. 6).

No processo de rupturas que desembocam na contemporaneidade, as teorias antropológicas e da linguagem permitem operar ainda novos instrumentos conceituais para estudar tal descentramento. Além de Freud, outro pioneiro foi

²¹² Para ARANHA (*Introdução à Filosofia*. São Paulo), sob o ponto de vista do marxismo *alienação* significa que a partir da divisão do trabalho, o produto do trabalho humano deixa de lhe pertencer e o homem permanece alheio porque ao vender sua força de trabalho, transfere para outro o que deveria ser seu. Já a *reificação* (*idem*:13) é a transformação do homem em mercadoria, visto que ele passa a ter um preço no mercado.

²¹³ CHAPLIN, Charles. (1936) *Tempos modernos*. EUA. Duração: 87 minutos. Produção, direção, roteiro e trilha musical de Charles Chaplin. *Estúdio*: United Artists / Charles Chaplin Productions. *Distribuição*: United Artists.

²¹⁴ BIRMAN, Joel (1997) *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Editora 34. 236 pp.

Ferdinand de Saussure - o criador da lingüística moderna - que vê a língua como um sistema social constituído nas relações dos homens, que comunicando-se vão produzindo significados, pelos significantes em cadeia. Santaella afirma que Saussure pretendeu desenvolver conceitos teóricos capazes de descrever e analisar as leis articulatórias da língua²¹⁵:

[...] a lingüística saussureana não é meramente uma teoria para a descrição de línguas particulares, [...] mas uma teoria que tem por objeto os mecanismos lingüísticos gerais, quer dizer, o conjunto das regras e dos princípios de funcionamento que são comuns a todas as línguas. (Santaella, 1986: 104)²¹⁶

O corte na centralidade dos sujeitos é estudado também por Foucault, quanto ao poder disciplinar das instituições fundadas nas rígidas hierarquias, justificadas pelos adeptos do cartesianismo e doutrinadores dos princípios positivistas:

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma "apropriação", mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele [poder] antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo ante a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. (Foucault 2004: 26, grifo nosso)²¹⁷

O processo das diversas tecnologias de poder e controle social colocaria o corpo em um sistema de coação, privação e interdições. Sob administração e controle coercitivo, alcança-se um poder posto em jogo pelos aparelhos sociais de modo que instituições educacionais, de saúde, de lazer, passam a participar dessa forma de controle disseminada no contexto social.

O hospital primeiro, depois a escola, mais tarde ainda a oficina, não foram simplesmente postos em ordem pelas disciplinas; tornaram-se, graças a elas aparelhos tais que qualquer mecanismo de objetivação pode valer neles como instrumentos de sujeição, e qualquer crescimento de poder dão neles lugar a conhecimentos possíveis; foi a partir desse laço, próprio dos sistemas tecnológicos, que se puderam formar no elemento disciplinar a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia da criança,

²¹⁵ Sobre linguagem, ver também KRISTEVA, Julia (1996) *op cit*

²¹⁶ SANTAELLA, Lúcia (1986) *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. 4º edição. 115 pp.

²¹⁷ FOUCAULT, Michel. (2004) O corpo dos condenados, em *op cit* 2004 pp 09-29

a psicopedagogia, a racionalização do trabalho. (Foucault 2004: 184)

Esta nova ordem se instaura no coletivo como hábitos, discursos e nas modalidades de subjetivação, que serão mantidas e reproduzidas pelos dispositivos disciplinares. Transformações que vão apontando à pós-modernidade nas dimensões políticas e culturais, e tiveram um impacto desestruturador dos sujeitos nesta era pós-moderna.

Segundo Lyotard, a palavra pós-moderna “usada, no continente americano, por sociólogos e críticos, designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX”. (2000: XV)²¹⁸

Jacoby define *amnésia social* como os homens esquecendo sua história e deixando-se levar pelo consumismo. O autor complementa a idéia marxista de reificação ao afirmar:

A perda social da memória é um tipo de reificação – melhor ainda – é a forma primordial de reificação, pois toda reificação é um esquecimento. [...] A amnésia social é a repressão que a sociedade faz da recordação do seu próprio passado. É uma conveniência psíquica da sociedade de conveniência. (Jacoby, 1977:18-19)²¹⁹

Para o historiador social e da linguagem David Harvey, a pós-modernidade define a passagem de um espaço / tempo que não abdica de sua linearidade, para um outro que se apresenta descontínuo e estanque. Esses momentos não mais ocorrem em seqüência, mas em simultaneidade passado, presente e futuro:

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. A continuidade entre passado e presente cria um sentido de seqüência para o caos aleatório e, como a mudança é inevitável, um sistema estável de sentidos organizados nos permite lidar com a inovação e a decadência. O impulso nostálgico é um importante agente do ajuste à crise, é o seu emoliente social, reforçando identidade

²¹⁸ LYOTARD, Jean-François (2000) *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio. Tradução de Ricardo Correa Barbosa. 6ª ed. 131pp

²¹⁹ JACOBY, Russel (1977) *Amnésia social: uma crítica à psicologia conformista de Adler a Laing*. Rio de Janeiro: Zahar Editora. Tradução de Sonia Sales Gomes. Original de 1975, Boston: Beacon Press. 169 pp.

nacional quando a confiança se enfraquece ou é ameaçada. (Rossi apud Harvey, 2001: 85)²²⁰

Para os dois autores, o sujeito é submetido a uma apreciação negativa e esquecimento do passado, daí facilmente manipulado quando apresentado a novos produtos, levado ao consumo e dominado pelo capitalismo, porque a ilusão (de suplência, de ordem imaginária) é produzida objetivamente pela sociedade de consumo. O consumismo é estimulado pelo fantástico mundo das técnicas de propaganda, dada sua habilidade em manipular impressões e emoções, onde a comunicação é forjada no jogo das aparências da imagem-mercadoria.

Essas imagens são insubstanciais, cada vez mais indistinguíveis da verdade nas relações sociais. Segundo Lasch “o efeito especular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo, transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu”. (1986: 22)²²¹

Diante da efemeridade e descarte, o sujeito da contemporaneidade vê-se diante de exigências: deve possuir flexibilidade para circular em um ambiente tecnológico e de relações fragmentadas, essencialmente dinâmicas, velozes e alienantes. É-lhe vetada a identidade única, fixa, essencial ou permanente, mas convidado a alienar-se em múltiplas identidades, editadas conforme a necessidade do contexto.

O filósofo social inglês Anthony Giddens prefere o termo alta modernidade a pós-modernidade, mas descreve tal momento histórico de modo similar aos autores acima:

O mundo da alta modernidade certamente se estende bem além dos domínios das atividades individuais e dos compromissos pessoais. E está repleto de riscos e perigos, para os quais o termo "crise" - não como mera interrupção, mas como um estado de coisas mais ou menos permanente - é particularmente adequado. (Giddens, 2002: 19)²²²

Assim, o sujeito parece exposto de um lado a um fluxo de mudanças e de outro à persistência da referência identitária. Umberto Eco reflete sobre o sistema cultural de nosso tempo como não “só o do esquecimento, é o tempo da

²²⁰ HARVEY, David, (2001) *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola. 11^o edição. 347 pp.

²²¹ LASCH, Christopher (1986) *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense. 2^a ed. Tradução de João Roberto Martins Filho. Original 1984, New York: Norton. 287 pp.

²²² GIDDENS, Anthony (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. Tradução de Plínio Dentzien. 336 pp.

recuperação; mas a recuperação, numa sístole-diástole de aceitação e repulsão, não revoluciona as bases da nossa cultura” (2003: 213)²²³. Este quadro leva à sensação constante de ameaça de fracasso, despersonalização, desordem psíquica e física, o que induz o sujeito a buscar saída dentro de um variado repertório de drogas, *fetiches*, estereótipos que produzem e sustentam a demanda da ilusão que o consumismo promete suprir.

Diante de situações de crise, o sujeito cria – por assim dizer - uma “subjetividade descartável”, formulada no cenário do predomínio de uma cultura do narcisismo, do espetáculo, marcada pela sofisticação tecnológica. Vive-se o monólogo solipcista das imagens já prontas ao consumo, restando pouco à imaginação ou ao intelecto pois ao arrebatado visualmente o sujeito, o engessa dentro dos moldes dessa cultura fragmentada.

Antes de todos estes autores, o sentido trágico da modernidade em suas transformações aceleradas foi destacado por Freud quando refere ser no contexto da cultura que o mal-estar do sujeito se impõe pelas renúncias pulsionais em nome do processo civilizatório.

[...] não devemos inferir que o progresso técnico não tenha valor para a economia de nossa felicidade. [...] para] o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização. (Freud, (1930[1929]: 94, 95)²²⁴

O conceito de desamparo do sujeito tratado por Freud é retomado pelo psiquiatra e psicanalista Joel Birman: “face ao desamparo do sujeito, na cultura não existe cura possível, mas somente a perspectiva de constituir um estilo subjetivo que seja capaz de lidar com os conflitos insuperáveis”. (1997: 12)²²⁵

O desamparo, já vimos, é um estado inicial do ser humano, onde a dependência do outro é fundamental para sua sobrevivência e pode ser deflagrado novamente por situações extremas. O sentimento de desamparo pode surgir face a tais ameaças. A atitude narcísica implica em voltar-se a si como defesa, como proteção e garantia de vida, com todos os riscos à subjetividade que isto implica (Cap. 4).

²²³ ECO, Umberto (2003) A comunicação arquitetônica e a história. Em *op cit* 2003 pp 204-215

²²⁴ FREUD, Sigmund (1930[1929] O mal-estar na civilização. Em: *op cit* 1996, vol XXI pp 65-148

²²⁵ BIRMAN, Joel. Estilo e Modernidade em Psicanálise. São Paulo: Editora 34, 1997.

É na cultura dita narcísica que o historiador americano Christopher Lasch afirma ser o narcisismo “[...] uma disposição de ver o mundo como um espelho; mais particularmente, como projeção dos próprios medos e desejos” (1991: 24)²²⁶. A incorporação de imagens muitas vezes grandiosas é tomada como uma defesa contra a ansiedade, uma espécie de defesa contra o medo do abandono. Tal sentimento seria *atualização* (conceito freudiano) da experiência pretérita de desamparo prolongado.

A perspectiva da cultura contemporânea ou pós-moderna concebe o corpo alternando sentimentos de grandiosidade com os de menos valia, e fundamenta-se nas pressões externas de uma época que cultua a imagem como encarnação de um ideal. Assim, um conjunto de atividades e práticas pré-estabelecidas encena certo *estilo de vida* para o sujeito (Giddens, 2002).²²⁷

Estilo de vida “pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular” (*op cit.* 79).

Santaella define o pós-modernismo como rebelião (moda, artes, arquitetura) contra as regras do modernismo.

[...] a pós-modernidade, esta entendida no sentido de uma nova era cultural que, frente aos monstros produzidos pela razão especialmente no decorrer do Século XX, colocou em cheque a continuidade, em todos os aspectos, do conceito de modernidade instaurado [...] pelo Iluminismo. (Santaella 2004: 71)²²⁸

A autora admite certa convergência de opiniões sobre as razões que desencadearam este estado de

[..] desreferenciação e fragmentação do sujeito, a espetacularização do mundo na desmesura da proliferação de imagens, sobretudo as imagens do corpo, a virtualização da realidade nas redes teleinformáticas, as novas tecnologias médicas e a engenharia genética. (Santaella, 2004: 28)

Plenas de significados, tais imagens / de corpo atingem diretamente a parte menos vigiada do psiquismo, pois prometem prazeres e impõem-se como

²²⁶ LASCH, Christopher (1986). *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense.

²²⁷ GIDDENS, Anthony. (2002) *Modernidade e Identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

²²⁸ SANTAELLA, Lucia (2004). *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus..

simulacros da realidade. O corpo pelas representações midiáticas²²⁹ acabam servindo de modelo para a imaginação dos sujeitos que buscam a qualquer preço fazer-se aceitos pelo grupo.

O *outro* da relação precoce é o fundamento de tal imagem já construída, que desta forma arrebatava visualmente o sujeito. A imagem é dada para consumo, sem apelo ao senso criador e transformador. É construída pela indústria cultural²³⁰ como identidade dada e acabada. O sujeito vê-se preso no circuito modelador que a indústria cultural construiu para ele, produzindo e reproduzindo homogeneidade, anulando as subjetividades e promovendo o apagamento da diferença.

Em o *Mal-Estar da Civilização*²³¹, Freud já refere a interferência da tecnologia na cultura do homem moderno e, de certa forma projeta as conseqüências do mundo ilusório que a sociedade midiática traria para a cultura contemporânea.

Birman também estuda a fragmentação da subjetividade no contexto atual:

[...] o que está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade. Com isto, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica. (Birman, 2003: 23)²³²

O autor ressalta que a subjetividade na cultura do narcisismo é marcada pelo centrar-se em si mesmo sem reconhecer no outro as diferenças que lhe são próprias. É como se este sujeito da sociedade do espetáculo se colocasse ele próprio como o ator principal, sempre em busca de protagonizar as situações em foco, uma visão de mundo imediatista, materialista e especular.

Recortes reflexivos como os destes autores mostram um aspecto alienante da cultura de massas no processo de subjetivação humana nesses tempos complexos:

[...] o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o

²²⁹ Termo utilizado por Sodré (2002:21) ao se referir a tendência da sociedade contemporânea a *mediatização*, isto é, a virtualização ou telerrealização das relações humanas.

²³⁰ Conceito criado por Theodor Adorno, da *Escola de Frankfurt*

²³¹ FREUD, Sigmund (1930[1929]) O mal-estar na civilização. Em: *op cit* 1996, vol XXI pp 65-148

²³² BIRMAN, Joel (2003). *Mal-Estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Brasiliense.

outro se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade. Dessa maneira, o sujeito vive permanentemente em um registro especular, em que o que lhe interessa é o engrandecimento grotesco da própria imagem. O outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir para esta função abjeta. (Birman, 2003: 25)

O sujeito alienado e reificado será bombardeado pela indústria cultural por uma cultura ainda mais alienante – a da indústria cultural - que o transforma em espécie de fantasma de si próprio.

Lasch (1990)²³³ confirma que a fragmentação dita pós-moderna gera o imediatismo que leva o sujeito rapidamente, do momento da escolha (informado pelo desejo Inconsciente), ao produto final. Por outro lado, este produto é rapidamente descartável, consumível, absorvido, gerando novos desejos, ansiedades e, diante da falta do objeto desejado, o sujeito conforma-se aos simulacros.

A cultura de trocas não consistentes traduz uma espécie de poder, vazio de história mas impregnado de sensações rápidas, incorporadas como prazer. São formas e vivências cotidianas do sujeito contemporâneo, que recalçadas em sua origem, afiguram-se agora como ilusão, ou seja, um jogo de configurações e fetiches.

Os mecanismos de poder subjagam o sujeito contemporâneo à cultura forjada em ilusões de sobrevivência: “Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância; sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade”. (Foucault, 2004: 179)²³⁴

Assim, funda-se a cena do logro, pura ilusão que se apresenta como realidade sem quaisquer barreiras da moral e da ética.

7.1 Imagem – simulacro

A imagem criada por sofisticadas tecnologias é um dos mecanismos mais utilizados na cultura pós-moderna. Sobre isto o sociólogo Michel Maffesoli afirma:

²³³ LASCH, G. (1990) *O mínimo Eu*. São Paulo: Brasiliense.

²³⁴ FOUCAULT, Michael. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 29ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes.

De fato, enfatiza-se o jogo das formas, o papel da aparência, cuja imagem onipresente e a prevalência do *look* são os indicadores mais instrutivos. Ao mesmo tempo, induz novas maneiras de ser individuais e, certamente, outros modos de comportamento em relação a outrem. [...] São coisas que remetem ao princípio de ordem, pois o fato de os valores morrerem não significa que estejam mortos todos os valores. Apesar ou por causa de poder parecer frívolo, superficial, puro jogo de aparências, existe no estilo pós-moderno, uma ordem social que se esboça [...]. (Maffesoli, 1995: 50)²³⁵

O complexo de imagens constituído pelo estilo, forma e jogo de aparências proporcionam na pós-modernidade força singular ao ideal comunitário. Na contemporaneidade os sujeitos são subjugados às formas culturais: ora o colocam no centro, ora à parte. Para o autor o sujeito é participante de um ideal comunitário que o perpassa. Este sujeito é tomado pela forma estética das imagens que o modelam e fazem dele um coletivo.

A idéia de mutação acompanha a cultura pós-moderna, e a celebrada sociedade do espetáculo criada pela mídia provoca mudanças na percepção humana e sobretudo na imagem do corpo - que fazem da crescente aceleração das transformações o dado fundamental regulado pelo individualismo e pelo mercado. A visão do homem / máquina é satirizada por Bonassi²³⁶ em sua crônica denominada Cyborg.

Olho de vidro. Aparelho nos dentes. Perna de pau. Pinto de borracha. Cronômetro embutido. Braço mecânico. Marca-passo. Ponte de safena. Pulso Firme. Coração de plástico. Fios de ouro nas rugas. Cartilagem de tubarão nas juntas. Vitaminas. Pomadas. Proteínas. Sonda renal. Pulmão Artificial. Micro chip no cérebro. Pele enxertada. Ossos soldados. Intestinos encurtados. Amídalas extirpadas. Fígado transplantado. Sistema GPS. Unha postiça. Óculos de sol. Drenos. Joelheiras. Cotoveleiras. Muletas e Perucas. Não suja. Não laceia. Acompanha estojo de viagem. Vinte e quatro funções. Trabalha à pilha e à luz. Lavar em água morna. Agita-se com antenas. Acalma-se com eletrochoque. (Bonassi apud Vilaça, 1999: 16)²³⁷

O mercado e a mídia se incumbem por sua vez de fetichizar a realidade fazendo uso da imagem na criação de padrões culturais. Nesse contexto, estar conectado significa estar *on line* com uma comunidade virtual. O corpo permanece estático frente à máquina.

²³⁵MAFFESOLI, Michel. (1995). *A Contemplação do Mundo*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

²³⁶BONASSI, Fernando. (2000) *Cyborg*. Caderno E. Jornal Folha de São Paulo.

²³⁷VILAÇA, Nízia. (1999). Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Mauad,

Ao retratar a importância social das imagens na atualidade, Aumont considera a necessidade de definir simulacro:

[...] o simulacro não provoca, em princípio, ilusão total, mas ilusão parcial, forte o suficiente para ser funcional; o simulacro é um *objeto* artificial que visa ser tomado por outro objeto para determinado uso – sem que por isso lhe seja semelhante. (Aumont, 2001: 102)²³⁸

O simulacro evoca o princípio da fotografia que capta a imagem objetiva, mas esta imagem apresentada como real encobre as intencionalidades ideológicas:

[...] uma vez que a imagem processada tecnicamente se impõe como entidade *objetiva* e transparente, ela parece dispensar o receptor do esforço da decodificação e do deciframento, fazendo passar por *natural* e *universal* o que não passa de uma construção particular e convencional. [...] o fetiche de sua *objetividade* no qual se acham mergulhadas massas inteiras de espectadores, é a máscara formal que oculta a intenção formadora que está na base de toda significação. (Machado, 1984: 11)²³⁹

O tema remete ao conceito de *fetiche* em Freud, na medida em que o objeto pulsional substitui o objeto original:

[...] o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em o menino outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar [... já que] foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. [...] o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. (Freud, 1927: 155)²⁴⁰

O perigo de se separar do objeto amado é assim evitado pela recusa à castração. Através desta concepção freudiana de fetiche entende-se porque a imagem de um sapato, uma meia fina, ou qualquer outro objeto pode tornar-se objeto do desejo.

Eco (1989)²⁴¹ trata da distorção especular, momento em que não existe simetria invertida no espelho. O espelho pode ser usado como canal que permite

²³⁸ AUMONT, Jacques (2001). Ilusão e representação, p. 101-108 em: *A imagem*. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 5ª edição. São Paulo: Papirus. Coleção Ofício de Arte e forma.

²³⁹ MACHADO, Arlindo (1984). Recolocações (A guisa de introdução), p. 09-29 em: *A ilusão especular: Introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense.

²⁴⁰ FREUD, Sigmund (1927c) O feticismo. Em: *op cit* 1996, vol XXI pp 149-160.

²⁴¹ ECO, Umberto (1989) Sobre os espelhos, em: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Tradução de Beatriz Borges, pp 11-37

o reflexo - a imagem especular – portanto como tal não fornece signo pois para signo, como vimos, a coisa deve estar ausente, o que é impossível no reflexo.

A informação que o sujeito interpreta como agradável ou desagradável pela imagem dada pelo espelho é da ordem da Estética: “a imagem especular nunca estabelece uma relação entre tipos mas só entre ocorrências, o que é um outro modo de distinguir o imaginário e o simbólico” (*op cit*:26). Portanto, pertence ao registro do Imaginário por se tratar de uma relação narcísica do sujeito com a imagem que por identificação acredita ser ele no espelho.

O registro Imaginário trata da representação inconsciente da imagem de si mesmo a partir do outro (relação dual), e cobre o contato do sujeito com a realidade social: “[...] partimos sempre do princípio de que o espelho diga a verdade [...] ele não traduz, registra aquilo que o atinge da forma como o atinge [...] basta não entrar no espelho e não se sofre desta ilusão.” (*op cit*:17)

Maffesoli (1995: 93) refere-se à imagem “como um conjunto vazio, a imagem é antes de tudo um vetor de comunhão, ela interessa menos pela mensagem que deve transportar do que pela emoção que faz compartilhar”. A imagem é apelo silencioso, que seduz e atua nos espaços vazios, re-significando-os ao possibilitar múltiplas interpretações e sentidos.

O signo de imagem se constitui de um significante visual, que se refere a um objeto de referência, objeto ausente, e evoca no observador um significado (recalcado) ou uma idéia do objeto. Sobre esta questão, Orlandi aponta o lugar do imaginário no discurso, quando afirma:

Em toda a língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição discursiva. [...] Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. (Orlandi, 2002:40)²⁴²

As relações humanas no contexto cultural valorizam as aparências e vão tecendo a subjetividade, marcada de fragmentos de imagens, de relações, fragmentos-corpo. A fragmentação alienadora manifesta-se enfaticamente no instante da crise quando o sujeito percebe o eu-corpo seja nos sintomas do envelhecimento, da doença ou mesmo dos impactos de perdas e frustrações.

²⁴² ORLANDI, E. P. (2002). *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 4ª edição. São Paulo: Pontes.

A crise é momento de rupturas, podendo desencadear tanto um movimento de criação quanto situações de paralisia, e reflete escolhas produzidas no registro da simbolização no circuito desejante.

O deslizamento motivado pelo desejo que se constitui na dialética do desejo do Outro, portanto dá voltas e contorna perenemente o objeto do desejo, seu movimento não cessará o que caracteriza o sujeito desejante na demanda de amor, pois “no campo do narciso amar é essencialmente ser amado”. (Lacan, 1964, p 239)²⁴³

²⁴³ LACAN, Jacques (1964) Da interpretação à transferência Em *op cit* 1993 pp 231-245.

8 Situação de crise: contingência do humano

“A crise é boa porque desmoraliza a ópera bufa em que vivemos e traz a verdade na tragédia real. A crise acaba com a esperança e estimula a vigilância crítica. A crise ensina que ninguém é revolucionário ou herói ou comandante supremo ou companheiro; as pessoas são narcisistas, compulsivas, agressivas, dependentes, invejosas, fracassadas, com problemas sexuais.”

(Arnaldo Jabor)

A palavra crise, na etimologia segundo Osório (1989)²⁴⁴ advém do grego *krisis*, cujo significado é ato ou faculdade de distinguir, escolher, decidir, resolver. Em sua origem, o termo não incluía qualquer dimensão negativa. Mas como escolha envolve o risco da perda, parece que a linguagem deslocou seu sentido para o aspecto negativo.

O sujeito contemporâneo vive em constante situação de crise, pois como vimos no pós-moderno foram muitas as mudanças acontecidas nas últimas décadas no mundo e estas acabaram por desamparar este sujeito social, inserido na cultura de um tempo marcado por descentrações visto no capítulo 2 .

A relação sujeito-cultura, como vimos com Freud em *O Mal-Estar na Civilização*, é marcada essencialmente pelo mal-estar, pois a inserção do sujeito na cultura é permeada pela crise, dada a impossibilidade do sujeito em solucionar o mal-estar de forma absoluta. O corpo cumpre o seu destino ora fadado ao

²⁴⁴ OSÓRIO, L. C. (1989) *Adolescente Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

prazer, ora fadado ao sofrimento. O autor afirma que o sofrimento nos ameaça a partir de três direções:

[...] de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo podem dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com força de destruição esmagadoras e impiedosas; e finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (Freud, 1930[1929]: 84)²⁴⁵

O conflito se instaura no instante em que o sujeito *estigmatizado* passa a não corresponder à imagem ideal padronizada na ideologia da alta modernidade: a obesidade, as imperfeições físicas, doença e tantas outras manifestações físicas e estéticas causadoras de sofrimento.

Na análise sociológica de Giddens, “o próprio corpo foi emancipado – condição para sua reestruturação reflexiva [... corpo] alguma vez pensado como lugar da alma, e depois centro de obscuras necessidades perversas, o corpo está agora plenamente disponível para ser trabalhado pelas influências da alta modernidade”. (*op cit*: 221)²⁴⁶

Giddens define a *alta modernidade* ou *modernidade tardia* como a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade. Esta concepção traz em si o paradoxo gerador da crise: “posso fazer do meu corpo o que desejo, mas não posso apagar a memória que ele encerra, ou seja, sua história”.

Nesse sentido, a crise que afeta o sujeito é a crise da civilização, “construída sobre uma renúncia” à pulsão (Freud, *op cit*:104) que refletida no corpo traz ao homem infelicidade, presente sobretudo no instante do adoecimento.

O narcisismo exarcebado é forjado na vivência de satisfação ilusória e temporária. Em busca de satisfação imediata como proteção dos infortúnios e sofrimento da vida, e a fim de suportar

[...] o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele [...]. Em última análise, todo o sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. (Freud *op cit*:85)

²⁴⁵ FREUD, Sigmund (1930[1929]) O mal-estar na civilização. Em: *op cit* 1996, vol XXI pp 65-148

²⁴⁶ GIDDENS, Anthony (2002) *Modernidade e Identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

Freud aí parece estar se referindo não a uma mera regulação orgânica, mas ao eu-corpo codificado pelas pulsões. Como vimos, (capítulo 2) as pulsões são o limite do somático e o psíquico, pelo que Freud denominou representações e que aqui temos denominado significantes ou signos.

Assim diante da constante reivindicação de felicidade adotam-se medidas paliativas como método de evitar o sofrimento. Atento a isto, o social faz sua oferta com “derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça: satisfações substitutivas [que o autor define em seguida como *ilusões* em contraste com a realidade], que a diminuem, e substâncias tóxicas que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse tipo é indispensável.” (*op cit*: 93)

Freud apresenta exemplos de derivativos: cultivar o próprio jardim e atividade científica. As satisfações ilusórias, Freud exemplifica como a fruição das artes e as indica como as menos eficazes psiquicamente. Outra medida paliativa dada pelas substâncias tóxicas, Freud nota que marcam nosso corpo apenas por alterar-lhe a química.

Os cosméticos, as cirurgias estéticas cada vez mais comuns, os mecanismos de rejuvenescimento encobrem as marcas corporais que falam da história dos sujeitos, assim como a sua real subjetividade, encoberta na ilusão do simulacro de se ser o que não se é.

Trata-se de uma das medidas paliativas estabelecidas então por Freud. Lembremos serem estas, conforme o autor, as menos eficazes psiquicamente - o que explica o recurso compulsivo a tais satisfações substitutivas. Por isso, repetem-se com novos produtos e serviços oferecidos pela sociedade capitalista.

Nem o recurso (lingüístico) do deslocamento de libido - como na sublimação – será para Freud método que crie “[...] uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente [falhará] quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa”. (Freud, *op cit*:87)

Com o avanço da idade os sujeitos começam a se interessar pela prevenção de doenças, pelas formas de obter longevidade, a onipotência sobre a vida. “Mas esta exigência de imortalidade, por ser tão obviamente um produto dos nossos desejos, não pode reivindicar seu direito à realidade”. (Freud, 1916[1915]: 317)²⁴⁷

²⁴⁷ FREUD, Sigmund (1916[1915]) Sobre a transitoriedade. Em: *op cit* 1996, vol XV pp 313-319.

Trata-se de uma condição importante para que o sujeito possa assim lidar com as mudanças que a vida lhe impõe, em especial as preocupações quanto ao avançar da idade inerente ao humano. O processo de envelhecimento pode representar uma etapa de crise a ser considerada análoga à etapa final da vida, mas também um processo que caracterize uma fase de sabedoria e produtividade.

A concepção de crise neste momento aparece com Erikson (1976)²⁴⁸, para quem a cultura desempenha papel fundamental nos sujeitos nesta etapa que ele denomina *integridade do ego x desesperança*. O sujeito para experimentar a integridade em nível subjetivo “deve se estimulado pelo amparo firme das instituições culturais e das lideranças que as representam” (*op cit*:247). A integridade é aí definida como “condição do sujeito para defender a dignidade de seu próprio estilo de vida contra todas as ameaças físicas e econômicas” (*op cit*:247). As condições de integridade pessoal devem ser repassadas como patrimônio cultural, enquanto possibilidade do idoso de compartilhar e contribuir coletivamente. O contrário ocorre quando as instituições o protegem com caridade - reforçam o sentimento de desesperança. “A falta ou a perda dessa integração é simbolizada no temor da morte”. (*op cit*:248)

Freud (1915d)²⁴⁹ crê ser impossível para o homem representar sua própria morte. Não sendo ela representável, a constatação da própria finitude é vivenciada de maneira absolutamente singular pelo sujeito. Ainda que tente uma representação para a morte o sujeito estará sempre ocupando o lugar de espectador.

[...] a morte é um conceito abstrato com conteúdo negativo para o qual nenhum correlativo inconsciente pode ser encontrado. Pareceria que o mecanismo do medo da morte só pode ser o fato de o ego abandonar em grande parte sua catexia libidinal narcísica. (Freud, 1923a:70)²⁵⁰

A única morte que o sujeito pode representar é a do outro. É algo que impacta, cria uma dissonância e o sujeito fica impossibilitado de assimilar ou

²⁴⁸ ERIKSON, Erik (1976) *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. Traduzido por W.W. Norton (...) Título original: *Childhood and Society*.

²⁴⁹ FREUD, Sigmund (1915d) Reflexões para os tempos de guerra e morte. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 283-312.

²⁵⁰ FREUD, Sigmund (1923a) O ego e o id. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 13-80.

elaborar tal conteúdo. “Nosso inconsciente, portanto, não crê em sua própria morte; comporta-se como se fosse imortal” (Freud, 1915d: 306)²⁵¹.

A morte é impossível de ser elaborada por estar inserida, dirá Lacan, no registro do real. A constituição do real, como vimos, é uma resultante da articulação da situação edipiana e não do mundo das coisas:

O real opera como causa e persegue constantemente o sujeito que se encontra protegido pela cena invariável que é a imbricação dos dois registros [imaginário e simbólico]. Quando esta tela fracassa, quando não oferece o controle da mediação entre as relações que o sujeito do inconsciente tem com o objeto de seu desejo, o real aparece no vivido do sujeito e todas essas modalidades bizarras em que parece que a “realidade” não está presente. (Vallejo e Magalhães, 1991: 116)²⁵²

O real é tudo aquilo que escapa à simbolização e, portanto onde se situa a realidade psíquica do sujeito. Para Freud a realidade é sempre psíquica, aquilo que o sujeito retira da vida simbolicamente como valor de verdade. A ordem simbólica está relacionada à pulsão no sentido em que esta proporciona o deslocamento entre significantes, como força constante graças a um circuito simbólico.

Freud vai enfim distinguir dois tipos de pulsão: as que impelem para a vida e as de sentido contrário, tendendo para a morte:

A oposição entre os instintos do eu às instintos sexuais transformou-se numa oposição entre os instintos do eu e os instintos de objeto, ambos de natureza libidinal. Nossas especulações transformaram esta oposição numa oposição entre os instintos de vida (Eros) e os instintos de morte. (Freud, 1920: 70)²⁵³

As pulsões de morte encontram-se em dialética com as pulsões de vida. A dinâmica entre vida e morte tem sua expressão na estrutura pulsional do sujeito. Mas no sujeito, eu-corpo, a morte advém não pelo envelhecimento, mas por crises onde a dialética *Eros-Thanatos* penda insistentemente para o último: a ruptura final é a morte. Idêntica psicodinâmica explica a instalação das doenças letais. Assim, um jovem pode formar um câncer tanto quanto um idoso.

²⁵¹ FREUD, Sigmund (1915d) Reflexões para os tempos de guerra e morte. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 283-312.

²⁵² VALLEJO, Américo e MAGALHÃES, C. Ligia (1991). Lacan: operadores da leitura. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva.

²⁵³ FREUD, Sigmund (1920) Além do princípio de prazer. Em: *op cit* 1996., vol. XVIII, pp 11-75.

Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza.

Há os elementos que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme [...]; a água, que inunda e afoga [...]; as tempestades [...]; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos e, finalmente, o penoso enigma da morte. (Freud, 1927: 24)²⁵⁴

É a mesma dialética das pulsões, que organizam o processo de subjetivação do sujeito em constante oscilação entre construção e desconstrução, perdas e ganhos.

Contudo se observa que a decadência de tudo aquilo que é belo pode levar o sujeito a uma atitude de rebelião ou desalento diante da constatação da transitoriedade da vida. O sujeito dela retiraria o seu investimento libidinal, e ela pode ser entendida segundo Freud como revolta contra o luto, um recuo psíquico diante de algo penoso: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição”. (1916[1915]: 317)²⁵⁵

A finitude das coisas traz à tona nossa própria finitude, daí esta reação de recuo. É nessa direção que aqui pensamos a situação de crise em outra acepção que não a de Erikson acima vista, e sim como momento em que o sujeito desinveste a libido de suas ligações com objeto. Este instante é caracterizado pela falta de interesse pelo mundo externo, desânimo, inatividade e diminuição da capacidade de amar.

Freud concluiu que uma pessoa em sofrimento passa a ter pouco interesse pelo mundo externo, concentrando-se em seu sofrimento, “retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar” (1914:89)²⁵⁶. O interesse desviado é voltado para seu próprio eu, enquanto a crise não for superada.

Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não

²⁵⁴ FREUD, Sigmund (1927b) O futuro de uma ilusão. Em: *op cit* 1996, vol XXI, pp 11-63.

²⁵⁵ FREUD, Sigmund (1916[1915]) Sobre a transitoriedade. Em: *op cit* 1996, vol XV pp 313-319.

²⁵⁶ FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.

adoeceremos, e estamos destinados a cair doentes se, em conseqüência da frustração, formos incapazes de amar. (Freud, *op cit*: 97)

A atitude narcísica pode ser portanto necessária para garantir ao sujeito a vida. A crise - recolhimento e reunificação – provoca tal investimento no eu.

O corpo em crise é porém ainda o momento do eu-corpo como sujeito *que não se entrega* – ao inverso da atitude de aceitação passiva daquele para quem envelhecer é, certamente, adoecer.

[...] Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras – isto é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade. (Freud 1914: 106-107)²⁵⁷

8.1 Crise: encruzilhada da subjetividade

O sentimento de angústia perpassa o sujeito – que como vimos não é uma estrutura definitiva, mas processo sempre aberto às superações. Logo, a angústia é sinal positivo, pois desse mergulho na miséria humana o sujeito pode emergir renovado.

A angústia seria o aspecto inconciliável do desejo, conforme vimos com Laplanche (1987). E é como se no lugar da angústia surgisse a possibilidade do novo.

A dor de uma perda remete a desamparo, abatimento, tristeza, infelicidade, depressão. Ou a um alheamento, um “não estou nem aí”. A angústia é sinal - portanto parte do código - sinal do corpo codificado pelo qual (sinal de angústia) o eu-corpo abre-se a novos sentidos para o desejo manifesto como crise.

Assiste-se hoje à Medicina como ciência responsável pela cura das doenças dos homens, e algum desejo onipotente cria mercado para soluções mágicas para os males corporais. Implicam em drogas que, em muitos casos, alimentam o desejo dos sujeitos de permanecer vivos, até imortalizados imaginariamente, atenuando temporariamente a angústia, sobretudo nas chamadas doenças crônicas.

²⁵⁷ FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.

Paralelamente existe outro mercado que propositadamente investe no desejo do consumidor em perpetuar-se, mesmo que à custa do ilusório. São os cosméticos rejuvenescedores, as próteses, os tratamentos estéticos e cirúrgicos como subterfúgios e artifícios.

Santaella afirma sobre este corpo *recauchutado*:

Hoje, entretanto, os signos são trocados sob o regime de um equivalente geral e seu valor de troca advém de um sistema de abstração fálica e de saturação imaginária do sujeito. Nesse contexto, os flagelos da carne não representam iniciações sexuais, nem a entronização numa ordem geracional. Ao contrário, são imersões no gozo sem o entrave de nenhum limite, estados do impossível, imagens excessivas e absolutas que fazem calar o desejo. (Santaella, 2004: 151)²⁵⁸

Assim, ao mesmo tempo em que este corpo contemporâneo sinaliza seu processo natural de deteriorização, por outro, um eu-corpo é negado, em razão das pressões culturais que os mecanismos comunicacionais tão bem trabalham. Nesse impasse, o sujeito é atravessado pela angústia, por saber-se finito, mas alimentado na ilusão de eternizar-se.

Pela surpresa do olhar do outro enquanto alteridade (trocas simbólicas) em vez de especularidade imaginária, o sujeito pode desalienar-se e acolher seu corpo em cada ruga, cada marca, retratos de sua subjetividade como história.

²⁵⁸ SANTAELLA, Lúcia (2004) *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus. 163 pp. p. 151

Considerações finais

“A visão precisa se manter nos limites do prazer, do esteticamente belo para não ter que se deparar com o vazio. Este é o cerne do narcisismo, mediação necessária entre o ser e o real.”

Cesarotto²⁵⁹

Desvendar os mistérios e sentidos do corpo à luz da teoria Psicanalítica e das ciências afins foi na verdade uma iniciação, pois o corpo como objeto de investigação não se fechará em um único estudo. O processo de subjetivação humana é sempre projeto, e aqui nos interessou como História enquanto focalizasse o corpo como primeira subjetividade, e não seu objeto.

O corpo foi alvo de múltiplas representações, dos primeiros grafismos em cavernas ao corpo crucificado de Cristo, dos corpos amaldiçoados e queimados nas fogueiras da Inquisição, aos processos de higienização do corpo orgânico etc. Este corpo é representação no Renascimento, individualização na modernidade, fragmentado e reificado na pós-modernidade, e aqui abordado como eu-corpo.

A dissertação teve por finalidade descrever a constituição do sujeito pela identificação com a imagem ao outro. De início, buscamos mostrar o corpo com base na relação original mãe e filho, um corpo narcísico operador da relação dual, que fundamenta as bases constitutivas do sujeito. O sujeito surgirá do processo da distinção entre ele e este outro não mais imaginarizado, mas com quem estabelecerá relações de troca entre diferentes. Portanto, a relação com o outro é suporte, está na base da humanização.

²⁵⁹ CESAROTTO, Oscar (1996) *No olho do outro: 'o homem da areia', segundo Hoffman, Freud e Gaiman. Contos sinistros, E. T. A. Hoffman*. São Paulo: Iluminuras. Tradução (de Hoffman: Contos Sinistros) Ricardo Ferreira. 181 pp. P. 136

Partiu-se das observações teorizadas pelos especialistas de que tal experiência subjetivante depende das relações com seus semelhantes, constituídas e mediadas pela linguagem e pelas significações que constituirão e influirão na experiência que o sujeito terá de seu próprio corpo. Nesse trabalho acadêmico o corpo ultrapassou as fronteiras do biológico, projetando-se para além da materialidade, configurando-se enquanto corpo-pulsão em constante subjetivação. Sendo assim, entende-se a constituição do sujeito traduzido nas manifestações que atestam seu lugar na cultura e conseqüentemente remete-o constantemente à crise. Este processo permitiu entender que corpo e sujeito não podem ser tomados separadamente. São as interdições enquanto Lei que fundam o sujeito-corpo desejante, marca narcísica da interpelação do sujeito com os outros e com o meio social do qual faz parte.

No plano social, vimos que o sujeito diante da promessa de felicidade imediata é facilmente capturado nas teias de seu desejo. Tal captura é dada por manipulações narcísicas, por complexas técnicas que legitimam sistemas instituídos e, pelo discurso organizado que propicia uma aparência de verdade. Esses padrões modeladores sob os quais o sujeito se encontra implicado são forjados pelo mercado imbuído da oferta de prazer. Porém, a psicanálise revela que o sujeito se constitui em relação não com um objeto real, mas sim pela falta dele. Uma vez instaurada a falta, não haverá objeto que a preencha direta e simplesmente, esta perda dá ao sujeito a possibilidade de trocas e, portanto, acesso a um mundo de representações.

O corpo em sua trajetória histórica e constitutiva chega aos tempos contemporâneos onde os meios de comunicação de massa ditam suas leis sob o signo das aparências. Este corpo-sujeito se encontra em uma cultura que valoriza entre outras coisas a imagem-simulacro, criando um mundo ilusório, permeado de *estigmas* e *clichês* que o aprisionam nos limites de uma falsa estética. A cultura midiática trata o sujeito como se fosse objeto de consumo e o classifica como um corpo-mercadoria desprovido de qualquer tipo de subjetividade. O sujeito é reificado e torna-se ao mesmo tempo útil e facilmente descartável e o resultado é um eu mínimo como proteção narcísica contra a fragmentação. O espaço social dessa forma se torna um suporte instável marcado por diferentes mensagens: valorização-desvalorização, confiança-desconfiança entre outros que (des)orientam a vida do sujeito no convívio social.

Os efeitos dessa instabilidade no sujeito surgem como defesa narcísica - percebida na valorização e comercialização das imagens, dos produtos da moda, de cirurgias plásticas, das academias de ginásticas entre outras formas alcançáveis de se evitar o desprazer. O corpo hoje cada vez mais trucidado por padrões culturais cristalizados, é atingido pela banalização dos riscos, da morte, da invasão do social forjado na mídia e nos meios que hoje sustentam a indústria cultural.

O universo imagético sobre o qual se buscou abordar a pós-modernidade foi particularizado em sua representação enquanto linguagem articulada ao desejo do sujeito considerando as informações geradas nos vários momentos de sua constituição. O conceito de imagem foi apresentado nas diferentes abordagens que auxiliaram nossa proposta inicial, ou seja, a imagem sobre a qual o sujeito constitui sua estrutura imaginária retorna sobre vários aspectos. O sujeito se entrega ao seu fascínio enquanto potência narcisista de um ideal (in)-possível de ser alcançado, sendo levado à crise como impossibilidade de fruição de seu desejo.

A lógica identificatória remete à relação, ao estar na presença do outro, e esta ilusão permite ao sujeito criar fantasias de ser amado, de cujos efeitos o social se vale pelas imagens que atingem o sujeito vinculando demanda-oferta-amor. O restabelecimento de uma relação do tipo arcaica faz com que o sujeito reinvesta a pulsão nas relações sociais tão necessárias ao narcisismo secundário, visto como possibilidade de distribuição de energia que não seja o eu como fonte única de investimento. Nesse sentido, ao nível social, o confronto com a imagem surge em forma de desafio que pode dar-se como símbolo de um retorno amoroso ou agressivo, ou recentramento harmonioso, um novo equilíbrio, fundado no jogo das diferenças.

A idéia de crise foi tema deste estudo justamente para mostrar saídas, ou seja, no sentido de decisão e mudanças. A crise apóia o ajustamento do sujeito nas mudanças que precisa encarar mobilizando-o a escolhas.

Vimos que a crise constitui uma característica central do processo de constituição do sujeito em termos de subjetivação. A trajetória do sujeito em seu processo de subjetivação mostra que a crise está na constituição do sujeito. Os sinais de crise se mostraram ao longo das análises que se sustentaram no contexto social, no corpo aberto aos sentidos, codificado como marca do

estranhamento do real que se faz corpo. O corpo, assim, se mostra como tela onde se projeta a angústia.

Esses códigos como linguagem própria, feita de signos, ícones, índices, presentificado na cultura, no contexto das relações, inscrevem-se na exclusão, na discriminação, nos medos e horrores que assolam o imaginário. Isto se traduziu num certo pessimismo quanto às relações que os homens vêm estabelecendo entre si e na ênfase dada às relações de dominação como fator instituinte.

As transformações e os desafios impostos pela cultura não são exclusividade da modernidade/pós-modernidade; ao contrário, a sociedade se sustenta sobre o mal-estar natural da condição do sujeito. No entanto, o sujeito é atuante nesse contexto, portador de uma singularidade em sua capacidade de escolhas e de mudanças. Independentemente dos ditames da mídia, o corpo fala seja na exuberância da juventude, na dignidade do que se conhece como *meia idade* ou mesmo na velhice feliz, que conta história com sabedoria; o corpo é e sempre será o abrigo dos sonhos, utopias, esperanças e desejos.

Falar do corpo nesse contexto contemporâneo permitiu *viagens* por caminhos insuspeitos, levando-nos a avaliar certezas construídas ao longo da vida e cristalizadas, bem como descobrir re-significações para os velhos conceitos. Quanto às leituras e indagações, tornaram-se possíveis pelo estudo que possibilitou aos poucos a visibilidade dos conceitos trabalhados.

Enfim, concluiu-se que por mais que se criem prisões para o corpo, seu mistério está no inconsciente que não se deixa aprisionar, bem como nas chances de liberdade geradas na autonomia de saber-se corpo e senti-lo como parte integrante de uma história. É a referência identitária que deve ser combatida, para dar lugar aos processos de singularidade-subjetividade.

O que fica destas reflexões iniciais é mesmo o reconhecimento que a cultura impõe restrições ao sujeito e este não pode prescindir dela, porque sem ela não se pode criar a ilusão tão necessária à vida. Assim, para finalizar, ressalta-se a necessidade de se conceber o sujeito em sua diversidade, como aquele que se sujeita à lei do desejo, que está implicado para sempre no desejar.

Ao buscar sentidos para o corpo, ficaram com certeza alguns vazios que poderão ser explorados a partir de futuras análises e aprofundamento dos temas.

Com base nas colocações deste estudo, cuja contribuição maior foi apontar caminhos para uma leitura do eu-corpo contemporâneo à luz da Psicanálise na

construção da subjetividade, seria finalmente oportuno sugerir que futuros estudos o aprofundem adicionalmente com pesquisa de campo.

Encerro com nosso maior mestre: “Isso nos leva ao limiar de novas e complexas investigações, mas também, pelo menos no momento, ao fim deste exame”. (Freud, 1908 [1907]:143)²⁶⁰

²⁶⁰ FREUD, Sigmund (1908[1907]) *Escritores criativos e devaneios*. Em: *op cit* 1996, vol IX pp 135-143

Referências bibliográficas

BIBLIOGRAFIA

- AUMONT, Jacques (2001) Ilusão e representação. Em: *A imagem*. São Paulo: Papyrus. Coleção Ofício de Arte e forma. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 5ª edição, pp 96-113.
- BAREMPLITT, Gregório (1998) Sociedades e instituições, em *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. Edição 4ª, 235 pp.
- BIRMAN, Joel (2003) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 4ª edição. 300 pp.
- BIRMAN, Joel (1997) *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Editora 34. 236 pp.
- BLEICHMAR, Hugo (1985) *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Original de 1981, Buenos Aires: Nueva Visión. 133 pp.
- BONASSI, Fernando (2000) Cyborg., em *Jornal Folha de São Paulo*, Caderno E.
- BRANDÃO, Junito de Souza (2000) *Mitologia Grega.*, 2 vols. Petrópolis: Vozes. 11. ed. Volume II. 335 pp.
- CARONE, Marilena (1985) Freud em português: uma tradução selvagem. Em: *Folha de São Paulo*, Folhetim, 21/04/2985.
- CASSIRER, Ernest (1972) *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva.
- CAVANI JORGE, Ana Lucia (1988) *O acalanto e o horror*. São Paulo: Escuta. 283 pp.
- CAVANI JORGE, Ana Lucia (2001) Sono, Mistério e Acalanto. A origem da prática amorosa e a elaboração do eu/corporal, ansiedade e pânico, em *Avanços em Medicina do Sono*, pp 389-398 São Paulo: APM&Zeppelin. Revisão republicada do original de 1999.

- CAVANI JORGE, Ana Lucia (2004 – atual) *Pele musicada: o eu corporal pela maternagem, linguagem e cultura*. Banco de Pesquisa CNPq. Disponível em: <<http://www.cnpq.com.br>>.
- CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005a) O sagrado, o profano, o lúdico , *IVº Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. São Paulo: Sedes Sapientiae. Capturado no *World Wide Web* em. 20/07/2006 http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Ana_Lucia_Cavani_Jorge.php
- CAVANI JORGE, Ana Lucia (2005b) Anotações de aula, disciplina Linguagem e Interpretação: Psicanálise e Música II, em *Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem*. Campos dos Goytacazes: UENF, 2005-I.
- CAVANI JORGE, Ana Lucia (2006) Anotações de aula, disciplina: Psicanálise e Linguagem I. Em: *Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem*. Campos dos Goytacazes: UENF, 2006-I.
- CAVANI JORGE, Ana Lucia e MELSOHN, Isaias (1994) A bordo da (a)normalidade: a palavra nua e crua, *2ª Conferência e Debate em: Enlouquecidas Letras*, 17/10/1994. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura (inédito acessível na homepage da autora) 28 pp.
- CESAROTTO, Oscar (1996) *No olho do outro: 'o homem da areia', segundo Hoffman, Freud e Gaiman. Contos sinistros, E. T. A. Hoffman*. São Paulo: Iluminuras. Tradução (de Hoffman: Contos Sinistros) Ricardo Ferreira. 181 pp.
- CHAPLIN, Charles. (1936) *Tempos modernos*. EUA. Duração: 87 minutos. Produção, direção, roteiro e trilha musical de Charles Chaplin. Estúdio: United Artists / Charles Chaplin Productions. Distribuição: United Artists.
- CHAUÍ, Marilena (1975) *Introdução ao estruturalismo* (mimeo, apostila de aulas)
- CHAUÍ, Marilena (1999) *Convite à Filosofia*. São Paulo: Atica. 12ª edição, 440pp.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio e FERREIRA, Nadiá (2005) *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 85pp.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio (2000) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 192 pp
- DOLTO, Françoise (2002) *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva. Tradução Noemi Moritz Kon e Marise Levy. 316 pp.
- DOR, Joël (1992). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução Carlos Eduardo Reis. 3ª ed. 203 pp.
- ECO, Umberto (1989) Sobre os espelhos, em: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Tradução de Beatriz Borges, pp 11-37.

- ECO, Umberto (1991) *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 171pp.
- ECO, Umberto (2003) *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo. Perspectiva. 7ª edição, 426 pp.
- ERIKSON, Erik H (1972) *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Original de 1968, 322 pp.
- ERIKSON, Erik (1976) *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. Traduzido por W.W. Norton. Título original: *Childhood and Society*.
- FOUCAULT, Michel (2004) *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes. Tradução de Raquel Ramalhete. Original de 1975, Paris: Gallimard. 29ª edição. 262 pp.
- FOUCAULT, Michel. (1999) *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed.
- FREUD, Sigmund (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 24 vols.
- FREUD, Sigmund (1900[1901]) Cap. VII - A psicologia dos processos oníricos: (C) Realização de desejos, em A interpretação dos Sonhos (segunda parte). Em: *op cit* 1996, vol V pp 580-601.
- FREUD, Sigmund (1904[1903]) O método psicanalítico de Freud. Em: *op cit* 1996, vol VII pp 235-240.
- FREUD, Sigmund (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *op cit* 1996, vol VII pp 117-231.
- FREUD, Sigmund (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. Em: *op cit* 1996, vol IX pp. 191-204
- FREUD, Sigmund (1908[1907]) Escritores criativos e devaneios. Em: *op cit* 1996, vol IX pp 135-143.
- FREUD, Sigmund (1910) A significação antitética das palavras primitivas. Em: *op cit* 1996, vol XI pp 157-166.
- FREUD, Sigmund (1912) Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XII pp 273-285.
- FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 81-108.
- FREUD, Sigmund (1914a) Recordar, repetir e elaborar. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 159-171.
- FREUD, Sigmund (1915a) O inconsciente. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 163-222.

- FREUD, Sigmund (1915b) Os instintos e suas vicissitudes. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 115-144.
- FREUD, Sigmund (1915c) Repressão. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp . 145-162.
- FREUD, Sigmund (1915d) Reflexões para os tempos de guerra e morte. Em: *op cit* 1996, vol XIV pp 283-312.
- FREUD, Sigmund (1916[1915]) Sobre a transitoriedade. Em: *op cit* 1996, vol XV pp 313-319.
- FREUD, Sigmund (1916[1915-16]). Conferências introdutórias sobre Psicanálise, parte II - Sonhos. Conferência XI: A elaboração onírica. Em: *op cit* 1996, vol XVI pp 171-184.
- FREUD, Sigmund (1917[1916-17]). Conferências introdutórias sobre Psicanálise, Parte III - Teoria Geral das Neuroses. Conferência XIX: Resistência e repressão. Em: *op cit* 1996, vol XVI pp 293-308.
- FREUD, Sigmund (1917a) Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 143-153.
- FREUD, Sigmund (1917b) As transformações dos instintos exemplificadas no erotismo anal. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 131-141.
- FREUD, Sigmund (1919) O estranho. Em: *op cit* 1996, vol XVII, pp 235-269.
- FREUD, Sigmund (1920) Além do princípio de prazer. Em: *op cit* 1996., vol. XVIII, pp 11-75.
- FREUD, Sigmund (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. Em: *op cit* 1996., vol. XVIII, pp 77-154.
- FREUD, Sigmund (1923 [1922]) Dois verbetes de enciclopédia. Em: *op cit* 1996, vol XVIII, pp 249-274.
- FREUD, Sigmund (1923a) O ego e o id. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 13-80.
- FREUD, Sigmund (1923b) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Em: *op cit* 1996, vol XIX, pp 153-161.
- FREUD, Sigmund (1924) A dissolução do complexo de Édipo. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 189-199.
- FREUD, Sigmund (1925) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em: *op cit* 1996, vol XIX pp 271-286.
- FREUD, Sigmund (1926 [1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. Em: *op cit* 1996, vol XX pp 79-167.
- FREUD, Sigmund (1926) [1925] Psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XX pp 249-259.
- FREUD, Sigmund (1927a) O humor. Em: *op cit* 1996, vol.XXI pp 161-169.

- FREUD, Sigmund (1927b) O futuro de uma ilusão. Em: *op cit* 1996, vol XXI, pp 11-63.
- FREUD, Sigmund (1927c) O fetichismo. Em: *op cit* 1996, vol XXI pp 149-160.
- FREUD, Sigmund (1930[1929]) O mal-estar na civilização. Em: *op cit* 1996, vol XXI pp 65-148.
- FREUD, Sigmund (1940 [1938]) Algumas lições elementares de Psicanálise. Em: *op cit* 1996, vol XXIII pp 297-306.
- FREUD, Sigmund (1942[1905/1906]) Personagens psicopáticos no palco. Em: *op cit* 1996, vol VII pp. 289-297.
- FREUD, Sigmund (1950 [1895]) Projeto para uma psicologia científica. Em *op cit* 1996, vol I pp 333-454
- GIDDENS, Anthony (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. Tradução de Plínio Dentzien. 336 pp.
- GOFFMAN, Erving (1980) *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 3^o edição, 158 pp.
- HALL, Stuart (2003) *A identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8^a edição. 102 pp.
- HARVEY, David, (2001) *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola. 11^o edição. 347 pp.
- HERRMANN, Fabio (2004) Pesquisando com o método psicanalítico, p. 43-83, em: HERRMANN, Fabio e LOWENKRON, Theodor (2004) *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 438 pp.
- JACOBY, Russel (1977) *Amnésia social: uma crítica à psicologia conformista de Adler a Laing*. Rio de Janeiro: Zahar Editora. Tradução de Sonia Sales Gomes. Original de 1975, Boston: Beacon Press. 169 pp.
- KRISTEVA, Julia (1996) *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70. Coleção Signos. Tradução de Maria Margarida Barahona. Original de 1969, Paris. 377pp.
- KRISTEVA, Julia (2005) *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. Original 1969, Paris: Seuil. 209 pp.
- LACAN, Jacques (1992) *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Dulce Duque Estrada. Original de 1960-1961, primeira publicação 1991, Paris: Seuil. 386 pp.

- LACAN, Jacques (1993) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M.D.Magno. 2ª ed., 3ª reimpressão. Original de 1964, primeira publicação 1973, Paris: Seuil. 271 pp.
- LACAN, Jacques (1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução de Vera Ribeiro. Original de 1966, Paris: Seuil. 937 pp.
- LACAN, Jacques (1999) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Texto estabelecido por Jacques - Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Original de 1957-1958, primeira publicação 1998, Paris: Seuil. 532 pp.
- LACAN, Jacques (2002) *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. Original de 1938, primeira publicação 1984, Paris: Navarin. 92 pp.
- LACAN, Jacques (s/d) *R. S. I. Le Seminaire 1974 -1975 (inédito, publicação bilíngüe privada, para estudos do Campo Freudiano)*.
- LALANDE, André (1999) *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand (1998) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo. Martins Fontes. Sob a direção de Daniel Lagache. Tradução de Pedro Tamen. 2º edição, 552 pp.
- LAPLANCHE, Jean (1987) *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- LASCH, Christopher (1986) *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense. 2ª ed. Tradução de João Roberto Martins Filho. Original 1984, New York: Norton. 287 pp.
- LECLAIRE, Serge (1979) *O corpo erógeno, uma introdução à teoria do complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Chaim Samuel Katz. Tradução de Paulo Viana Vidal. Revisão técnica C.S.Katz.
- LEITE, Márcio Peter Souza e CESAROTTO, Oscar (1985) *Jacques Lacan: através do espelho*. São Paulo: Brasiliense, 93 pp.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1985) A estrutura dos mitos, pp. 237-265 em *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Tradução Chaim Samuel Kats e Eginaldo Pires, 2ª ed. 456 pp.
- LYOTARD, Jean-François (2000) *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio. Tradução de Ricardo Correa Barbosa. 6ª ed. 131pp.
- MACHADO, Arlindo (1984). *Recolocações (A guisa de introdução)*, p. 09-29 em: *A ilusão especular: Introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense.

- MAFFESOLI, Michel (1995) *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios. Tradução de Francisco Franke Settineri. 168 pp.
- MAFFESOLI, Michel (1996) *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Original francês *Au creux des apparences: pour une ethique de l'esthetique*. 350 pp.
- NASIO, Juan David (1993) *Cinco Lições Sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução: Vera Ribeiro.
- ORLANDI, E. P. (2002). *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes. 4ª edição.
- OSÓRIO, L. C. (1989) *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- PIGNATARI, Décio (1977) *Comunicação poética*. São Paulo: Cortez & Moraes. 59 pp.
- POE, Edgar Allan (1993) William Wilson, pp. 83-107, em *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Nova Cultura. Tradução de Brenno Silveira et al.
- RODRIGUES, José C. (1980) Os códigos do corpo e os códigos da sociedade, pp 129-159 em *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé. 2ª ed.. 174 pp.
- ROUDINESCO, Elisabeth (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.
- SANTAELLA, L. e NOTH, W. (1999). *Imagem, cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras. 2ª edição. 222 pp.
- SANTAELLA, Lúcia (1986) *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. 4ª edição. 115 pp.
- SANTAELLA, Lúcia (2004) *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus. 163 pp.
- SODRÉ, Muniz (2002). O *ethos* midiaticizado. Em: *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 11-82 pp.
- VALLEJO, Américo e MAGALHÃES, Ligia (1991) *Lacan: operadores da leitura*. São Paulo: Perspectiva. 2ª edição. 163 pp.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando (2001) Fomes, pp 151-153 em *A mesa voadora*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- VILAÇA, Nízia. (1999). Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Mauad.
- WINNICOTT, David Woods (1958) A capacidade para estar só, pp 31-37 em: (1990) *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. 3ª ed.

WINNICOTT, David Woods (1970) Sobre as bases para o *self* no corpo, pp 203-218 em: (1994) *Explorações psicanalíticas*. Trad.de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, Artes Médicas.

WINNICOTT, David Woods (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. 206 pp.

WINNICOTT, David Woods (1988) *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. Tradução de Jane Russo. 3ª ed. 526 pp.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)